Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Os verbos de padrão especial no português do século XVI

UEFS Editora

OS VERBOS DE PADRÃO ESPECIAL NO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI

ZENAIDE DE OLIVEIRA NOVAIS CARNEIRO

Os verbos de padrão especial no português do século XVI

UEFS Editora

Feira de Santana

2018

Projeto gráfico: *Valdomiro Santana*
Editoração eletrônica: *Erica Silva*
Revisão Textual: *A Autora*
Capa: *Erica Silva*
Revisão de provas: *A Autora*
Normalização bibliográfica: *Isabel Cristina Nascimento Santana*

Ficha catalográfica**:** Biblioteca Central Julieta Carteado — UEFS

C291 Carneiro, Zenaide de Oliveira Novais
Os verbos de padrão especial no português do século XVI / Zenaide de Oliveira Novais Carneiro.– Feira de Santana : UEFS Editora, 2018.
158 p.: il.

ISBN: 978-85-5592-075-2
1. Língua portuguesa – verbos. 2. Português clássico. 3. Verbos de padrão especial. 4. Linguística histórica. I. Título.

CDU: 806.90-25:801(091)

Elaboração: Luiz Ricardo Andrade da Silva — Bibliotecário — CRB- 5/1790

UEFS Editora,
Av. Transnordestina, s/n, Campus da UEFS, CAU III
44.036-900 — Feira de Santana, BA
Telefone: (75) 3161-8380
E-mail: editora@uefs.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA- BAHIA
UEFS Editora

Att. Scielo

ERRATA

Informamos sobre o erro localizado no livro “ OS VERBOS DE PADRÃO ESPECIAL NO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI”:

No ANEXO 4 – Cartas de D. João III consideradas na descrição (nº da carta, data, nº da página da edição de Ford (1931) e nome do copista, página 149.

1-onde se lia:
“nota de rodapé 20”
leia-se:
“nota de rodapé 69”

Na nota de rodapé, página 39.

1- onde se lia:
“na linha 9 ” … europeu; essa noção de aspecto não era exprimível mp latim clássico [1716]. Esse fato culminou no
leia-se:
“na linha 9 ” … europeu; essa noção de aspecto não era exprimível mp latim clássico [17]. Esse fato culminou no

2- onde se lia:
“nota de rodapé 16” O sistema verbal do latim diferenciou-se do sistema indo-europeu ...
leia-se:
“nota de rodapé 17”

Apartir da página 106.

1-onde se lia:
“nota de rodapé 63”
leia-se:
“nota de rodapé 62”

* e a sequência numérica das demais notas 63, 64 e assim por diante, até a última nota 70.

Murillo Almeida Cerqueira Campos
Diretor da Uefs Editora

Aos meus filhos Leonardo Henrique,
Maria Clara e Maria Laura, e a Antonio,
meu marido, doces companheiros.

Aos meus queridos pais Cloves e Hilda.

À minha adorável vó Bezinha.

Agradecimentos

Este trabalho – fruto de uma Dissertação de Mestrado – é devedor do auxílio de diferentes pessoas e instituições. Agradeço a Rosa Virgínia Mattos e Silva, pela dedicada e competente orientação; através de sua percepção, pude descobrir o universo fascinante da Linguística Histórica. A Ilza Maria Oliveira Ribeiro, pela co-orientação, pelas sugestões e pelo permanente incentivo. A Celi Rios (CEFP), por sua compreensão. A José Jerônimo de Morais, pela sempre generosa partilha dos seus conhecimentos. A Eliana Pitombo, de quem recebi apoio no momento mais importante. A Célia Marques Teles, Coordenadora do Mestrado, pela colaboração. Aos Professores Robérico Gomes, Edinage Carneiro, Sílvia Rita Magalhães, Zélia Martins, Ana Angélica Vergne de Morais, Rubens Pereira, Maristela Leite, Edson Miranda, Marina Rosa Augusto, Geraldo Ferreira e Gilcélia Pires, pelo exemplo de profissionalismo. A Dante Lucchesi, pelo incentivo. Ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana, pelo apoio e pela liberação integral para minha dedicação a este trabalho. Às minhas amigas e colegas de Mestrado Carla Luzia Borges e Norma Lucia de Almeida, pelas longas e proveitosas discussões e por termos permanecido sempre juntas, o que nos deixou conhecidas como "as três cajazeiras", no dizer bem humorado de Permínio Souza, nosso querido colega de turma. A Gelsânia, bolsista de Iniciação Científica. A Antonio Carneiro, meu marido, pela enorme paciência e incentivo. A Maurício Cedraz e a Cilene Cedraz, pela acolhida carinhosa em sua casa, e a Sandra Carneiro e Neri Carneiro, minhas cunhadas, pela atenção e doçura com os meus filhos, durante os momentos críticos de trabalho. Aos meus irmãos Zósimo Novais, Zacarias Novais, José Novais, Zobeida Novaes, Zenailda Novais e Michele Beatriz Novais, pelo apoio sempre. Agradeço a todas as pessoas que, anonimamente, deram algum tipo de contribuição a este trabalho. À CAPES, pela bolsa de Mestrado. E, recentemente, na preparação deste livro, a Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda e a Phillipe Cedraz.

Lista de quadros

Anexos

Lista de tabelas

Lista de Figura

Abreviaturas e Convenções

TNP *Lexemas dos tempos do não-perfeito*

TP *Lexemas do tempo do perfeito*

VPE *Verbos de padrão especial*

JB *João de Barros*

GLP *Gramática da Língua Portuguesa*

DVV *Diálogo da Viçiósa Vergonha*

DLNL *Diálogo em Louvor da Nóssa Linguágem*

DJ *Dom João*

PB *Português brasileiro*

PA *Português arcaico*

VT *Vogal temática*

MMT *Morfema modo-temporal*

MNT *Morfema número-pessoal*

SMT *Sufixo modo-temporal*

SNP *Sufixo número-pessoal*

IdPr *Indicativo presente*

IdPt$_1$ *Pretérito imperfeito*

IdPt$_2$ *Pretérito perfeito*

IdPt$_3$ *Pretérito mais que perfeito*

IdFt$_1$ *Futuro do presente*

IdFt$_2$ *Futuro do pretérito*

SbPr *Subjuntivo presente*

SbPt *Imperfeito do subjuntivo*

SbFt *Futuro do subjuntivo*

PP *Particípio passado*

Ger *Gerúndio*

Inf *Infinito*

Inf fl *Infinito flexionado*

P1 a 6 *1ª a 6ª pessoas*

< > *Representação de grafemas*

/ / *Representação de fonemas*

[ ] *Representação de realizações fonéticas*

Ø *Zero ou nulo*

*x *Hipotético*

/+vel/ *Traço fônico velar*

/+pal/ *Traço fônico palatal*

v̆ *Vogal breve do latim*

v̄ *Vogal longa do latim*

ṽ *Vogal nasal*

SUMÁRIO

Apresentação[1]

Este livro traz, com base na escrita portuguesa do século XVI – a chamada fase clássica, ou português clássico (PCl) –, uma descrição dos *Verbos de Padrão Especial* (doravante VPE), uma terminologia alternativa, usada por Mattoso Câmara Jr. (1972), para designar verbos conhecidos, na tradição gramatical, como irregulares, comumente arrolados, em "listagens", como verbos não "classificáveis", pela variação apresentada tanto nos seus lexemas quanto nas suas flexões, que os afastaria dos verbos regulares; para o autor, todavia, os VPE apresentam características mórficas e padrões comuns entre os mesmos, que justificariam classificá-los como pertencentes a um paradigma especial, com agrupamentos específicos. É essa proposta que se assume aqui, isto é, a da distinção morfológica dos VPE, que permite agrupá-los em quatro diferentes tipos ou subgrupos, sendo os três primeiros constituídos com base na oposição entre os lexemas do não-perfeito e do perfeito. Vejamos:

Subgrupo 1: Verbos que apresentam variação no lexema das formas do não-perfeito e têm lexema específico para as formas do perfeito, com ou sem variantes (subgrupo mais complexo);

Subgrupo 2: Verbos que apresentam lexema invariável para as formas do não-perfeito e têm lexema específico para as formas do perfeito;

Subgrupo 3: Verbos que apresentam variações nos lexemas do não-perfeito, sendo o lexema das formas do perfeito a variante mais generalizada do lexema do não-perfeito e

Subgrupo 4: Verbos de particípio passado especial, chamado de particípio forte.

Adicionalmente a essa descrição dos VPE no PCl, faz-se, aqui, ainda, uma análise contrastiva, de natureza diacrônica, desses verbos no português arcaico (PA), tendo, como base, os VPE analisados por Mattos e Silva (1989), que também assume a proposta de Mattoso Câmara Jr. (1972). A finalidade da comparação entre o PA e o PCl é demonstrar as mudanças fônicas e analógicas havidas e que teriam levado os VPE a processos de uniformização e a algumas regularizações nos seus paradigmas no PCl, que, diferentemente

[1] É resultado da Dissertação de Mestrado, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras da UFBA, em 1996, orientada por Rosa Virgínia Mattos e Silva (UFBA) e co-orientada por Ilza Ribeiro (UEFS). A Banca avaliadora foi composta por Tânia Conceição Freire Lôbo (UFBA) e por Sílvia Magalhães de Olinda (UEFS). Parte da Dissertação foi publicada em CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. Verbos de padrão especial no português do século XVI. In. MATTOS E SILVA, R. V.& MACHADO FILHO, A. V. L. (2002). *O português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: Edufba, 2002, p. 307-350.

do PA – cujas grafias não normatizadas espelhariam muita variação –, mostram, de forma clara, mudanças nos lexemas desses verbos. As hipóteses sobre o que teria motivado as mudanças são: i) mudanças fônicas tornaram menos "irregulares" ou regulares os VPE e ii) mudanças de regularização paradigmática ou analógicas tornaram menos "irregulares" ou regularizaram alguns dos VPE. Ambas, respectivamente, atribuídas às evoluções fonético-fonológicas e aos processos analógicos, o que parece ter levado à seleção entre variantes anteriormente representadas nas escritas do PA, refletindo-se numa relativa uniformidade na escrita do PCl. O conceito de analogia refere-se ao caráter de regularidade atribuído à língua ou, mais precisamente, a processos de mudança linguística; em se tratando de mudanças fonológicas, diz respeito à associação entre formas fônicas semelhantes.

Mattoso Câmara Jr. (1986, p. 108) propõe que se distingam os dois tipos fundamentais de analogia: "1) cruzamento analógico de uma forma por interferência de outra ou outras; 2) criação analógica, em que há o aparecimento de uma forma nova, que elimina a antiga". As mudanças fônicas, grosso modo, são alterações verificadas na língua, no decorrer do tempo e que "acarretam modificações na estrutura fonemática da língua pelo desaparecimento e/ou aparecimento de um ou mais fonemas". Neste livro, apresentam-se ainda os subgrupos dos VPE mais suscetíveis às mudanças e os contextos em que ocorreram no PA e no PCl.

O *corpus* deste estudo foi formado por dois conjuntos de documentos, datados da primeira metade do século XVI e do início do terceiro quartel, distribuídos em 23 itens verbais, nos três primeiros subgrupos, além dos verbos de particípio passado especial, totalizando 7.238 dados: As Cartas de D. João III (1502-1557) – aparentemente menos uniformes quanto à grafia – e a obra pedagógico-gramatical de João de Barros (1539-1540), mais uniforme e normativizadora[2].

O livro está dividido em capítulos, da seguinte forma: I – trata dos verbos "irregulares" sob a perspectiva tradicional e dos gramáticos históricos; II – versa sobre a constituição do *corpus* e os procedimentos metodológicos; III – traz uma descrição e uma classificação exaustiva dos VPE, extraídos dos dois conjuntos de documentos referidos, mostrando as diferenças entre ambos, e apresenta um estudo comparativo entre os VPE do século XVI e do PA. E, por fim, os anexos, com informações complementares.

[2] As edições da *Cartas de D. João III* e da *Obra-pedagógica* de João de Barros estão disponíveis, em versão digital, no Banco Informatizado (BIT) do *Programa para a História do Português* (PROHPOR) (http://www.prohpor.org), o BIT-PROHPOR (www.http://www.prohpor.org/bit-prohpor). Essa versão digital, executada por Zenaide Carneiro, durante o seu Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL), do Instituto de Letras da UFBA, foi cedida por Rosa Virgínia Mattos e Silva, para anotação morfológica e sintática, ao *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* (CTB), disponível em http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/.

1 Verbos irregulares e sua classificação

1.1 Introdução

Os verbos irregulares têm sido assim designados, tanto pelas gramáticas tradicionais quanto pelas gramáticas históricas, por apresentarem variação nos seus lexemas, em oposição aos verbos regulares, cujos lexemas são invariáveis. Essa terminologia é considerada inadequada por Mattoso Câmara Jr. (1972), por defender que os lexemas dos verbos irregulares têm características mórficas que permitem um agrupamento em quatro tipos, sendo os três primeiros constituídos com base na oposição entre os lexemas do não-perfeito e do perfeito, a partir de padrões comuns, o que justificaria nomeá-los de Verbos de Padrão Especial (VPE).

Este capítulo está organizado da forma como segue: Em, 1.2 e 1.3, respectivamente, os verbos irregulares/VPE são apresentados a partir de dois tipos de gramáticas distintas, a tradicional (ALMEIDA, 1994); BECHARA, 1989); CUNHA e CINTRA, 1985 e ROCHA LIMA, 1994) e a histórica (NUNES, 1960; WILLIAMS, 1986; SAID ALI, 1964; COUTINHO, 1976; HUBER, 1986; PIEL, 1989 e MAIA, 1986). Em 1.4, será discutida a proposta teórico-metodológica de classificação de Mattoso Câmara Jr. (1972), já mencionada acima. Essa proposta será aplicada, no Capítulo 3, nas descrição desses verbos em dois conjuntos significativos de textos do século XVI, período que se convencionou chamar de Português Clássico (PCl), ou português do século XVI, período abordado neste livro. Os textos são: 372 *Cartas de D. João III,* rei de Portugal (1502-1557, coroado em 1521), escritas entre 13/10/1523 e 20/02/1557, e a obra pedagógico-gramatical de João de Barros, publicada entre 1539 e 1540. Em 1.4.1, será mostrada a aplicação dessa proposta por Mattos e Silva (1989), no Português Arcaico, cujos dados serão confrontados no Capítulo 4 com os do PCl analisados no Capítulo 3. No item 1.5, constam as conclusões.

1.2 Estudos gramaticais normativos contemporâneos

As observações sobre a morfologia dos verbos irregulares apresentadas neste item estão fundamentadas em quatro gramáticas normativas clássicas: Almeida (1994); Bechara

(1989); Cunha e Cintra (1985) e Rocha Lima (1994)[3], que têm como objetivo a descrição da variante culta da língua portuguesa, a exemplo do que propõem Cunha e Cintra (1985, p. XIII), isto é, apresentar “as diversas normas vigentes dentro do seu vasto domínio geográfico (principalmente as admitidas como padrão em Portugal e no Brasil)”. No que se refere, especificamente, à morfologia dos verbos irregulares, apresentam algumas características distintivas de natureza morfofonética, dentro do sistema verbal do português no Brasil e em Portugal (cf. item 1.2.2). Esse item está organizado em quatro partes: em 1.2.1, são mostrados conceitos de irregularidade verbal que têm como base a estrutura do verbo, e, também, a formação dos tempos derivados, uma vez que, a princípio, as irregularidades nos chamados tempos primitivos são conservadas em seus derivados, em 1.2.2, abordaremos a irregularidade verbal decorrente de processos de acentuação: em 1.2.2.1, as formas rizotônicas e, em 1.2.2.2, o fenômeno da alternância vocálica e as observações de Cunha e Cintra (1985) a esse respeito. Em 1.2.3, um breve resumo sobre as variações gráficas mais comuns, que poderiam levar a um falso quadro sobre a irregularidade verbal. Por fim, o processo de classificação dos verbos irregulares em 1.2.4, e um quadro - resumo desses verbos proposto pelas gramáticas normativas contemporâneas em 1.2.5.

1.2.1 O conceito de irregularidade verbal na gramática normativa

Os critérios formulados para a definição do conceito de irregularidade verbal, apresentados pelas gramáticas normativas, baseiam-se na análise da estrutura do verbo, formado por um tema (radical + vogal temática) e pelos sufixos, como exemplificado no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Estrutura do verbo baseada nas informações contidas em gramáticas normativas

TEMA	SUFIXOS	SUFIXOS
RADICAL+VOGAL TEMÁTICA	MODO - TEMPORAL	NÚMERO-PESSOAL
Ex. TROUX-E-	-SSE-	-MOS

[3] Sempre que um autor divergir ou acrescentar aspectos sobre o tema em questão, apresentaremos, em destaque, suas ideias; do contrário, trataremos sobre o assunto, dando sempre uma visão conjunta das obras mencionadas acima.

São considerados irregulares, assim, os verbos que apresentam variação no radical ou lexema e nas flexões, e, ainda, os que não seguem os paradigmas verbais para os três temas existentes na língua portuguesa: a, e e i; isto é, fogem ao modelo de sua conjugação.

Vejamos as definições apresentadas em algumas gramáticas normativas:

1. Verbo irregular é o verbo cujo radical sofre modificação no decurso da conjugação, ou cujas desinências se afastam das desinências do paradigma, ou ainda, o que sofre modificações tanto no radical quanto nas desinências. (ALMEIDA, 1994, p. 260). O autor apresenta três tipos de irregularidade verbal: 1. irregularidade temática - *Perd- er: perc-o;* 2. irregularidade flexional- *d- ou*[4] e 3. irregularidade temático-flexional - *cab-er: coub-e;*

2. Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta variação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence (...) (BECHARA,1989, p. 106);

3. A irregularidade de um verbo pode estar na flexão ou no radical. (CUNHA E CINTRA, 1995, p. 400);

4. São irregulares os verbos de determinada conjugação que não acompanham o respectivo paradigma (ROCHA LIMA,1994, p.156).

Esses autores chamam a atenção para o fato de que nem todas formas de um verbo irregular são irregulares, como no verbo medir, que apresenta radicais distintos: meç-o (em P1 do ind. pres.) e med-ir (infinitivo e demais tempos). Não há, como se pode observar, divergência no que se refere ao conceito de irregularidade a partir da estrutura verbal para a classificação dos verbos irregulares. Embora haja tal consenso em considerar a irregularidade verbal como consequência da alteração no radical ou do desvio do padrão na flexão do verbo, a tradição gramatical não reconhece, nessas características, outro caminho para a classificação própria dos verbos irregulares, que o dos parâmetros de classificação aplicados aos verbos regulares. Esse é o grande equívoco, criticado por Mattoso Câmara Jr. (1972), conforme será discutido no item 1.4.1.

Outro aspecto a considerar na conceituação dos verbos irregulares diz respeito à formação dos tempos derivados. Os tempos verbais podem ser subdivididos em dois grupos: os dos tempos i) primitivos que emprestam suas formas para os dos tempos ii) derivados. Nesse sentido, Almeida (1994) diz que, como "quase sempre" a irregularidade apresentada no tempo primitivo passa para os tempos derivados, é importante que se conheçam os tempos

---

[4] A desinência regular da P1 do singular do presente do indicativo é <o>.

primitivos. Segue abaixo o Quadro 2 que demonstra essas relações apresentadas pelo autor, tanto para os verbos regulares quanto para os irregulares:

Quadro 2 - Formação dos tempos derivados, adaptado de Almeida (1994, p. 261-263)

TEMPOS PRIMITIVOS E FORMA NOMINAL	TEMPOS DERIVADOS
I- INDICATIVO a) Presente P_1	-P_1 a P_6 de SbPr. (com mudanças nas desinências verbais de acordo com o paradigma da conjugação)
P_2	-P_2 do imperativo positivo (com supressão do *-s* final)
P_5	-P_5 do imperativo positivo (com supressão do *-s* final)
b) Pretérito perfeito P_6	- Mais-que-perfeito do indicativo (com supressão do *-m* final) - Futuro do subjuntivo (com supressão do *-am).* - Imperfeito do subjuntivo (com substituição do *-ram* por *-sse*)
II- INFINITIVO IMPESSOAL	- Imperfeito do indicativo, com exceção de *ser, ter, pôr* e *vir* (com troca de *-ar* por *-ava,* de *-er, -ir* por *-ia*) - Futuro do presente (com acréscimo de *-ei*) - Futuro do pretérito (com acréscimo de *-ia*) - Infinitivo pessoal

É a partir do modo indicativo, no tempo presente e no pretérito perfeito, que são formados os demais modos, i. e., o subjuntivo e as segundas pessoas do imperativo, com as modificações pertinentes a cada tempo (cf. Quadro 2). Por sua vez, os tempos derivados dão origem, também, a outros tempos. O pretérito perfeito do indicativo é o tempo primitivo que fornece as formas do mais-que-perfeito do indicativo, do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo. A outra forma é o infinitivo impessoal, do qual são construídas as demais formas nominais: o gerúndio, o particípio e o infinitivo pessoal ou flexionado, e ainda os tempos do indicativo: pretérito imperfeito, futuro do presente e futuro do pretérito.

Antes de apresentarmos os verbos irregulares nas três conjugações do português, consideraremos ainda três aspectos importantes colocados pelas gramáticas normativas, que nos esclarecerão um pouco mais a respeito do conceito de irregularidade verbal: o radical irregular nas formas rizotônicas, o processo de alternância vocálica e as variações gráficas.

1.2.2 Radical irregular nas formas rizotônicas e o processo de alternância vocálica

1.2.2.1 Formas rizotônicas

As formas rizotônicas são definidas como aquelas em que o acento tônico inside sobre a vogal do lexema. A sílaba que é pronunciada com maior intensidade pode ocorrer também

fora do radical, i.e., na desinência ou flexão, ao contrário do que acontece com a forma rizotônica. Nesse caso, dá-se o nome de forma arrizotônica[5]. Os tempos e pessoas verbais das formas rizotônicas são: a) P_1, P_2, P_3 e P_6 do presente do indicativo e nos tempos modos e pessoas daí derivados (verbos regulares); b) P_1 e P_3 dos verbos irregulares e c) os particípios irregulares.

Dessa forma, são considerados também como irregulares os verbos com infinitivo que ditongam em –ear, que ditongam a vogal no presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo (formas rizotônicas), por exemplo: passe*a*s - pass*ei*a. Por outro lado, alguns verbos do infinitivo em -iar, que são normalmente regulares, tornam-se irregulares, quando, devido a um processo analógico com os verbos terminados em -ear, assemelham-se a estes, pela redução do /e/ > /i/. Os verbos que apresentam essa idiossincrasia são: ansiar, incendiar, mediar, odiar e remediar[6].

1.2.2.2 O processo de alternância vocálica

A alternância vocálica é constituída pela mudança de timbre por que passa a vogal do radical de um vocábulo, na forma rizotônica. São muitos os verbos da língua portuguesa que apresentam essa variação.

O Quadro 3, adiante, resume os processos de alternâncias vocálicas da língua portuguesa, baseado em Bechara (1989) e em Rocha Lima (1994), na forma como eles desenvolvem e apresentam esses processos.

---

[5] As formas arrizotônicas não serão discutidas nesse subitem, por não serem relevantes a esse estudo. A esse respeito, consultar as gramáticas já citadas no corpo do trabalho.

[6] Cunha e Cintra (1995, p. 411) apresentam ainda alguns verbos em -iar que, no português europeu e no português popular brasileiro, são conjugados tanto segundo o modelo de anunciar, quanto de incendiar: agenciar, comerciar, negociar, obsequiar, premiar e sentenciar.

Quadro 3 - Processos de alternância vocálica no sistema verbal do português, adaptados de Bechara (1984, p. 118-121) e de Rocha Lima (1994, p. 130-132)

CONJUGAÇÃO	VARIAÇÕES
1ª	
A vogal *-a* não seguida de *-m, -n,* ou *-nh*	Passa a ser pronunciada bem aberta.
A vogal *-e* fechada quando não seguida de *-m,-n,-nh,-j,-x,-ch, -lh* e no ditongo *-ei.*	Passa a ser pronunciada aberta na P_1, P_2, P_3 e P_6 do ind. pres. e derivados, com exceção de *invejar.*
A vogal *-o* quando seguida de *-m, -n, -nh* ou verbo não terminado por *-oar,* ou que faça parte dos ditongos *-ou* e *-oi.*	Passa a ser pronunciada aberta na P_1, P_2, P_3 e P_6 do ind. pres. e derivados.
2ª	
As vogais tônicas *-e* e *-o* quando não seguidas de *-m, -n* ou *– nh.*	Passam a ser pronunciadas bem abertas na P_2, P_3 e P_6 do ind. pres. e da P_2 do imp. afirmativo.
3ª	
- A vogal *-e,* última do radical, sofre alternâncias quando nela recai o acento tônico.	Passa a *-i* na P_1 do ind. pres. e P_1 a P_6 do subj. pres. e *-e* aberto na P_2, P_3 e P_6 do ind. pres. e P_2 do imp. Afirmativo de verbos como: aderir, ferir, etc.
	Passa a *-i* nas P_1, P_2, P_3 e P_6 do ind. pres. P_1 a P_6 do subj. pres. e na P_2, P_3, P_4 e P_6 do imp. afirmativo.
	Os verbos medir, pedir, despedir e impedir e derivados têm *-e* aberto nas formas rizotônicas na P_1, P_2, P_3 e P_6 do ind. pres. e P_1 a P_6 da subj. pres. e na P_2, P_3, P_4 e P_6 do imp. afirmativo.
	Os verbos aspergir, emergir, imergir, submergi*r* têm *-e* tônico fechado na P_1 do ind. pres. e tem *-e* aberto na P_2, P_3 e P_6 do ind. pres. e nos tempos daí derivados.
- A vogal *-o* sofre alternâncias diferentes quando nela recai o acento tônico.	Passa a *-u* na P_1 do ind. pres., P_1 a P_6 no subj. pres. e no imperativo P_1, P_2, P_3, P_4 e P_6 e passa a *-o* aberto na P_2, P_3 e P_6 do ind. pres. e P_2 do imperativo.
	Passa a *-u* nos P_1, P_2 e P_3 do ind. pres. P_1 a P_6 do subj. pres. e P_1, P_2, P_3, P_4 e P_6 do imperativo.
- A vogal *-u* da penúltima sílaba do radical.	Passa a *-o* aberto na P_2, P_3, e P_6 do ind. pres. e P_2 do imp. Afirmativo.
- A vogal *-i* do radical dos verbos frigir e acudir.	Passa a *-e* aberto na P_2, P_3 e P_6 do ind. pres. e P_2 do imp. afirmativo.

Conforme podemos verificar, as variações decorrentes do processo de alternância vocálica, segundo esses autores, dão-se, basicamente, nas P_1, P_2, P_3 e P_6 do indicativo presente, repetindo-se nas formas derivadas: P_1 a P_6 do subjuntivo presente e P_2 do imperativo, salvo algumas exceções que ocorrem com P_5 do imperativo.

Sobre essas variações, podemos observar, também, que, na primeira e na segunda conjugações, ocorre um processo de abertura das vogais, para mais aberta no caso de *-a*, ou, então, de vogais semi-fechadas e fechadas que passam a ser pronunciadas abertas, como, por exemplo, o que acontece com o *-o* e com o *-u,* influenciados pelo ambiente fonético em que se encontram (cf. Quadro 3), quase sempre quando não seguidas de palatais ou nasais.

Na terceira conjugação, temos um processo inverso. Em alguns casos, as vogais *-e* e *-o* sofrem alternâncias quando acentuadas, de acordo com as situações específicas, e passam, com algumas exceções, a *-i* e a *-e* em alguns tempos e pessoas. Por fim, um processo também de abertura, a exemplo do que ocorre em outras conjugações. O *-u* da penúltima sílaba do radical e o -i dos radicais dos verbos frigir e acudir passam, respectivamente, a *-o* e *-e* nos

tempos e pessoas indicadas no Quadro 3. Além disso, há, na terceira conjugação, dois processos distintos: o de fechamento e o de abertura das vogais.

Cunha e Cintra (1995, p. 402-409) mostram que muitas diferenças de timbre na vogal do radical têm aspectos próprios no português brasileiro e no português europeu. As diferenças morfofonéticas entre o sistema verbal dos dois países devem-se, de modo geral, à redução das vogais em sílaba átona. As alternâncias de timbre ou altura vocálica ocorrem também nas formas rizotônicas dos verbos pertencentes à 3ª conjugação e são inseridos no quadro de verbos irregulares: subo que se opõe à sobes, sobe e sobem e firo e à feres, fere e ferem.

As variações, como vimos, devem-se a processos de alternância vocálica que não alteram a estrutura dos verbos, conforme estabelecem as próprias gramáticas normativas. Contudo, ainda assim, constituem-se num parâmetro de irregularidade para a classificação de verbos que apresentam essas características, tornando essa classificação redundante e imprecisa, conforme estabelece Mattoso Câmara Jr. (1972, 1975). Esses processos, como outros processos fonológicos gerais da língua portuguesa, e, assim, não exclusivos dos verbos, discutidos por esse autor, serão apresentados em 1.4.

1.2.3 Variações gráficas

As alterações na grafia de alguns verbos, embora pareçam indicar mudança de lexema, funcionam como mecanismos de uniformização da escrita. Essas variações ocorrem, geralmente, com a última consoante do lexema. Vejamos alguns exemplos:

Quadro 4 - Alterações gráficas que não alteram o radical, conforme as gramáticas normativas

VERBOS TERMINADOS EM	PASSAM A
1ª Conjugação *-c*, *-ç* *e* *-g*	*-qu, -c e -gu* quando seguido de *e* fi*c*ar - fi*qu*ei i*ç*ar - i*c*ei pa*g*ar - pa*gu*ei
2ª e 3ª Conjugação *-c, -g e -gu*	*-ç, -j e -g* sempre que se segue *-o* ou *-a* ven*c*er - ven*ç*a tan*g*er - tan*j*o er*gu*er - er*g*a

As alterações, conforme se pode ver, são meramente gráficas e não constituem irregularidade. As trocas dos grafemas não implicam mudança fonética, pois, embora diferentes, representam a mesma realização fônica.

1.2.4 As conjugações

Há três tipos de conjugação: 1ª - tema em a; 2ª - tema em e e 3ª - tema em i. Cada uma dessas conjugações apresenta VT diferente e morfologia flexional com características próprias. Conjugar um verbo, neste sentido, é, para os gramáticos normativos, saber o modelo a que pertence, em todos os tempos, modos e pessoas.

Os verbos irregulares, como vimos, não se enquadram no paradigma de sua conjugação. Além das irregularidades apresentadas nas três conjugações do português, temos, ainda, a do particípio, que pode ser:

a) Em relação a verbos com particípio único irregular da 2ª e 3ª conjugação, conforme consta no Quadro 5.

Quadro 5 - Verbos com um único PP irregular

INFINITIVO	PARTICÍPIO IRREGULAR
DIZER	DITO
ESCREVER	ESCRITO
FAZER	FEITO
VER	VISTO
POR	POSTO
ABRIR	ABERTO
COBRIR	COBERTO
VIR	VINDO

b) Em relação a verbos que possuem duas formas de particípio: uma regular em *-ido* ou *-ado*, e outra, com a terminação variável, irregular. Esses verbos são também chamados, por esse motivo, de abundantes. São muitos os verbos com essas características, nas três conjugações do português. Vejamos alguns exemplos no Quadro 6, a seguir:

Quadro 6 - Verbos com duplo PP: um regular e outro irregular

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
ACEITAR	ACEITADO	ACEITO
ENTREGAR	ENTREGADO	ENTREGUE
SALVAR	SALVADO	SALVO
MATAR	MATADO	MORTO
ELEGER	ELEGIDO	ELEITO
MORRER	MORRIDO	MORTO
PRENDER	PRENDIDO	PRESO
EXPRIMIR	EXPRIMIDO	EXPRESSO
SUBMERGIR	SUBMERGIDO	SUBMERSO

1.2.5 Quadro - resumo dos verbos irregulares apresentados por gramáticas normativas contemporâneas

A fim de facilitar a identificação dos verbos irregulares extraídos do conjunto das obras estudadas, apresentaremos, no Quadro 7, a seguir, as formas verbais infinitivas consideradas por cada autor. Optamos por apresentar apenas as formas simples de cada verbo, uma vez que muitos desses verbos se multiplicam através dos seus compostos. A primeira conjugação apresenta poucos verbos irregulares, embora seja a mais fecunda em termos de formas verbais regulares.

Quadro 7 - Verbos irregulares classificados por Almeida (1994); Bechara (1989), Cunha e Cintra (1995) e Rocha Lima (1994)

Almeida (1994)			Bechara (1989)		
1º Conj.	2º Conj.	3º Conj.	1º Conj.	2º Conj.	3º Conj.
Verbos em -EAR (passear, recear, etc.)	CABER	IR	DAR	CABER	ACUDIR
Verbos -IAR (premi-ar, negoci-ar, ansi-ar, incendi-ar e etc.)	CRER	RIR	ESTAR	COMPRAZER	COBRIR
APIEDAR-SE	DIZER	VIR		CRER	CAIR
		OUVIR		DIZER	FRIGIR
MOSCAR-SE	FAZER	PARIR		FAZER	IR
RESFOLEGAR	PERDER	ABRIR		HAVER	MEDIR
DAR	PODER	Verbos que têm "E" na penúltima sílaba		JAZER	PEDIR
	PRAZER	PEDIR		LER	MENTIR
		MEDIR		PERDER	OUVIR
	JAZER	ADERIR		PODER	POLIR
	QUERER	PREVENIR		PRAZER	PROGREDIR
	REQUERER	Verbos que têm "O" na penúltima sílaba		QUERER	RIR
	SABER	TOSSIR		REQUERER	SERVIR
	TRAZER	SORTIR		SABER	SUBMERGIR
	VALER	Verbos que tem "U" na penúltima sílaba		SER	VIR
	VER				
	POR[7]	BULIR		TER	
Verbo auxiliar	Verbos auxiliares	Verbos em -AIR SAIR		TRAZER	
ESTAR	HAVER	Verbos em UZIR		VALER	
	SER	CONDUZIR		VER	
	TER	LUZIR, etc.			
				PÔR	

[7] A forma contracta do verbo poer ~ põer (arcaico) <*ponere* é pôr, única forma verbal que tem o infinitivo irregular em português.

Cunha e Cintra (1985)			Rocha Lima (1994)		
1º Conj.	2º Conj.	3º Conj.	1º Conj.	2º Conj.	3º Conj.
LEVAR LOGRAR, etc	DEVER MOVER, etc	SERVIR DORMIR	DAR Verbos terminados em -EAR (passear, etc.)	CABER CRER	MEDIR PEDIR
DAR	CABER	FRIGIR	Verbos terminados em -IAR (ansiar, incendiar, medir, odiar e remediar)	DIZER	OUVIR
Verbos terminados em -EAR (passear, etc.)	CRER	ACUDIR, etc.		FAZER	IR
Verbos terminados em -IAR (ansiar, incendiar, mediar odiar e remediar)[8]	LER	IR		LER	VIR
Verbo auxiliar ESTAR	DIZER FAZER PERDER PODER PÔR PRAZER QUERER	MEDIR PEDIR OUVIR RIR VIR Verbos terminados em -UZIR (aduzir, etc.)		PERDER PODER QUERER SABER TRAZER VALER VER	RIR
	SABER TRAZER VALER VER Verbos auxiliares SER TER HAVER		Verbo auxiliar ESTAR	Verbos auxiliares SER TER HAVER POR	

Conforme já dissemos anteriormente, os verbos irregulares são agrupados nas três conjugações da língua portuguesa.

Vemos, assim, que, não houve, por parte desses autores, nenhuma proposta de classificação desses verbos, mas apenas a apresentação dos mesmos em listagens.

Em Almeida (1994), o verbo pôr aparece no final da listagem da segunda conjugação. E os verbos ir, rir e vir, da terceira conjugação, aparecem fora da ordem, porque, como monossilábicos, foram conjugados à parte. Rocha Lima (1994) agrupa os verbos da primeira e da terceira conjugações de acordo com o modelo de conjugação de cada subgrupo. O autor destaca, nos verbos de tema em *a,* verbos que merecem atenção especial, embora não sejam irregulares, como os verbos terminados em -uar, -ugnar, etc.

Os verbos ser e estar, ter e haver, destacados no Quadro 7, com exceção da classificação feita por Bechara (1994), são tratados pelos demais autores, em capítulos à parte, por terem a função de verbos auxiliares.

[8] Os verbos terminados em -iar, entre parênteses, são considerados irregulares (cf. explicação em 1.2.2.1).

Vejamos, a título de ilustração, algumas diferenças apresentadas por esses autores:

- 1ª conjugação. Além da diferença apresentada por Bechara (1994), com os verbos terminados em -ear e -iar, comentada anteriormente, Almeida (1994) coloca como irregulares os verbos apiedar-se, moscar-se e resfolegar nas formas rizotônicas. Esses verbos não são arrolados por Bechara (idem) como irregulares, porém são destacados como verbos (além de outros como: apaziguar, etc.) que apresentam algumas particularidades em relação à pronúncia e à flexão;

- 2ª conjugação. Nesta conjugação foram poucas as divergências, salvo o verbo jazer, que não aparece na classificação feita por Cunha e Cintra (1985), e os casos já referidos sobre os verbos auxiliares;

- 3ª conjugação. Almeida (1994) e Bechara (1985) consideram como irregulares alguns verbos que apresentam alternância vocálica. As divergências mais relevantes na classificação dos verbos irregulares da primeira e terceira conjugação dizem respeito, justamente, aos verbos que apresentam processos de alternância vocálica, conforme foi colocado anteriormente em 1.2.2.

Após essa síntese dos estudos normativos sobre a morfologia verbal do português e, em particular, dos verbos irregulares, seguem-se agora as considerações feitas a partir de estudos históricos sobre este tema.

1.3 Estudos histórico-gramaticais

Neste subitem, serão abordados, principalmente, aspectos da diacronia dos verbos irregulares no período de formação da língua portuguesa[9], relacionados às mudanças fônicas e analógicas, conforme estabelecido por alguns estudos históricos clássicos[10]: Nunes (1960); Williams (1986); Said Ali (1964); Coutinho (1976); Huber (1986); Piel (1989) e Maia (1986). Em 1.3.1, são discutidos alguns aspectos do processo de formação da conjugação verbal do português, enfocando, principalmente, as perdas e as substituições de formas verbais em alguns tempos e modos que resutaram em novos empregos no português de alguns tempos do

[9] À exceção de Piel (1989), que se propõe a fazer uma breve comparação entre a morfologia verbal das línguas românicas, e Maia (1986), que descreve o galego-português, os demais autores fundamentam suas análises na língua portuguesa.

[10] Um ponto em comum a esses autores diz respeito à forma tradicional em desenvolver os estudos sobre a morfologia verbal, reestruturação a partir do latim (do clássico para o vulgar e desse para a língua portuguesa) e tendo por base a organização da conjugação verbal em tempos, modos e pessoas. Dentro desses tópicos, são analisadas as mudanças fônicas e os processos de regularização por analogia, que afetaram os verbos de modo geral. Assim, procuraram-se enfocar, principalmente, os aspectos que influenciaram na formação e na mudança dos verbos irregulares até o início do século XVI, pois, daí em diante, as informações são esparsas e assistemáticas.

latim, a fim de se verificar, posteriormente, se tais processos afetaram, ou não, a formação dos verbos irregulares em português, mantendo-lhes, ou não, a feição que tinham no latim. No subitem 1.3.2, será mostrado como são vistos os verbos irregulares e os elementos que os definem. E em 1.3.3, será apresentado um quadro-resumo dos verbos irregulares, organizado a partir dos estudos históricos compilados, a exemplo do que foi feito no subitem 1.2.5 deste capítulo, com as gramáticas normativas.

1.3.1 Introdução

O processo de reordenação do sistema verbal latino na formação das línguas românicas tem sido reconhecido e justificado por diferentes orientações teóricas.

Nos estudos histórico-gramaticais, além das explicações de natureza morfofonológicas dadas às modificações, é discutido também o caráter funcional da mudança linguística. Conforme se pode ver, a partir das explicações dadas por Piel (1989, p. 213) para esse fato: "As perdas que se verificam em tempos e modos devem-se, em primeiro lugar, às alterações que estes sofreram nas suas funções. Formas arcaicas, raras e equívocas, foram eliminadas para serem substituídas por novas, mais claras e expressivas". Nunes (1960, p. 272) também atribui a conservação no português de grande parte da variedade de formas do latim, "mais do que à consciência persistente dos diferentes papéis atribuídos na fala, às várias desinências indicadoras dos acidentes do verbo, à necessidade de quem falava de exprimir com clareza o seu pensamento, evitando equívocos"[11].

As principais transformações ocorridas na evolução do sistema latino (latim clássico e vulgar), que culminaram na formação da morfologia verbal da língua portuguesa, estão sumarizadas nos Quadros 8 e 9, que tratam, respectivamente, das perdas e dos novos empregos, no português, de alguns tempos do latim, a partir de Coutinho (1976); Nunes (1960); Piel (1989) e Williams (1986):

---

[11] Embora não seja o objetivo desta pesquisa discutir o caráter funcional ou não dessas mudanças que resultaram na perda de muitas formas verbais, é preciso considerar que essas alterações a que Piel (1989) se refere envolvem algumas particularidades, conforme se pode ver a partir das colocações feitas por Tarallo (1990, p. 132-133). Esse autor diz que as perdas morfológicas pressupõem, muitas vezes, "revestir uma antiga função com uma nova forma, assim evidenciando diferenças de registro linguístico e não propriamente de organização gramatical" e que na evolução dos sistemas linguísticos podem ocorrer ainda duas situações: "Ou uma função não-marcada formalmente passa a receber marca formal, sem que a gramática tenha "forçado" a marcação; ou o sistema, por dentro de si mesmo, via analogia (...), cria uma nova forma, não para retomar uma antiga função, mas, sim, para estabelecer uma inteiramente nova".

Quadro 8 - Perdas de formas verbais latinas na formação da morfologia verbal do português segundo informações extraídas de Coutinho (1976); Nunes (1960); Piel (1989) e Huber (1986)

PERDAS ē	SITUAÇÃO		
	Latim Clássico	Latim Vulgar	Língua Portuguesa Período Arcaico
1 - Futuro Imperfeito do Indicativo 1ª *am -bo* 2ª *-bo* *dele -bo* 4ª } { { *leg - am* *-am* *capi - am* 5ª *audi - am*	+	Uso de perífrase para substituir esse tempo (cf. item 1 do Quadro 9)	—
2 - Futuro do Imperativo 1ª *- am - ato* 2ª } *delē-to* 3ª *-to* { *legī-to* 4ª *capī-to* *audī-to*	Situação Precária	Situação Precária	—
3 - Perfeito do Infinitivo 1ª *amav i-sse* 2ª } *delevī -sse* 3ª *-sse* { *legī -sse* 4ª *cepi -sse* *audi -sse*	+	+	—
4-Particípio Presente 1ª *-am -ns* 2ª { *dele -ns* 3ª } *-ns* { *leg ens* 4ª *capi -ens* *audi -ens*	+	+	Decadência em meados ou fim do século XV
5-Particípio do Futuro Ativo 1ª } *amat -urus* 2ª *-urus* { *delet -urus* 3ª *lect -urus* 4ª *capit -urus* *audit -urus*	+	—	Vestígios
6 - Gerundivo ou Particípio - Futuro Passivo 1ª *amănd - us* 2ª *delĕnd - us* 3ª *-us* *legĕnd - us* 4ª *capiĕnd - us* *audiĕnd - us*	Uso da terminação -<u>ndo</u> como adjetivo: <u>infando</u> e <u>nefando</u>		Vestígios
7 – Supino 1ª } { *amat -um* 2ª *delet -um* 3ª - { *lect -um* 4ª *um* *capt -um* *audit -um*	Desaparecimento, no latim, do século I		—

Vejamos como se deram as perdas. A mudança da consoante <u>b</u> para <u>v</u> em posição intervocálica, foi apontada por Nunes (1960, p. 273), como tendo contribuído para a perda do futuro imperfeito do indicativo com terminação em -<u>bo</u>, pela semelhança que se forma a partir

daí, entre as formas desse tempo com as do perfeito do indicativo dos verbos da 1ª e 2ª conjugação.

A rigor, somente com as P3 e P4 de ambos os tempos *amābit/amāvit, amabĭmus/amavĭmus e delēbit/delēvit, delebĭmus/delevĭmus,* conforme se pode observar a seguir:

	Futuro Imp. do Indicativo 1ª		Perfeito do Indicativo 1ª	Futuro Imp. do Indicativo 2ª		Perfeito do Indicativo 2ª
P1	*amābo*		*amāvi*	*delēbo*		*delēvi*
P2	*amābis*		*amāvisti*	*delēbis*		*delevīsti*
P3	*amābit*	-	*amāvit*	*delēbit*	-	*delēvit*
P4	*amabĭmus*	-	*amavĭmus*	*delebĭmus*	-	*delēvĭmus*
P5	*amabĭtis*		*amavīstis*	*delebĭtis*		*delevīstis*
P6	*amābunt*		*amavērunt*	*delēbunt*		*delevērunt*

Seguindo essa mesma hipótese, as terminações em *-am* da 3ª conjugação do futuro imperfeito do indicativo, que também desapareceram, podem ser explicadas a partir das coincidências entre formas do indicativo presente P2, P3, P4 e P5 e do subjuntivo presente P1. *Leges/legis, leget/legit, legemus/legimus, legetis/legitis e legam/legam,* respectivamente.

	Futuro Imperfeito do Indicativo 3ª		Indicativo Presente 3ª		Subjuntivo Presente 3ª
P1	*legam*		*lego*		*legam*
P2	*leges*	-	*legis*	-	*legas*
P3	*leget*	-	*legit*	-	*legat*
P4	*legēmus*	-	*legĭmus*	-	*legamus*
P5	*legētis*	-	*legĭtis*	-	*legātis*
P6	*legent*		*legunt*		*legant*

Uma outra explicação para o desaparecimento dessa forma em *-bo* é dada por Huber (1986, p. 229-230) e Meyer-Lübke (1911, p.1920) e é a de que esse fato tenha ocorrido porque "a maneira de pensar popular transpõe para o presente uma ação que se iniciará só após esse momento, ou concebe-a mais claramente como algo que é desejado ou então como algo que tem de ser feito, e por isso, diz *volo, debeo, habeo cantare*".

Com o desaparecimento de formas passivas sintéticas no latim vulgar, surgiu, como forma de substituição, a perífrase formada por *esse* + PP de outro verbo. Essa mudança foi

acontecendo lentamente. Coutinho (1986, p.278) mostra, através de exemplos, como se deu esse processo: 1) *littera scribitur; 2) littera se escribit e 3) littera scripta est.*

A forma como está demonstrada em 1 se perde, dando lugar à forma 3. A forma 2 se caracterizaria, possivelmente, numa fase intermediária entre 1 e 3.

Os verbos depoentes latinos[12], por exemplo, *hortor,* que quer dizer exorto, e não sou exortado, perderam as formas sintéticas como um reflexo do desaparecimento, em latim vulgar, da flexão passiva. Coutinho (1986, p. 278) diz que, mesmo no latim clássico, já havia variação no uso dessas formas, como demonstram os exemplos a seguir: *horto* por *hortor* em Plauto, *nasco* por *nascor* em Catão. É corrente dizer-se, nas gramáticas históricas clássicas, que os verbos depoentes tomaram todos as formas da voz ativa. Essa afirmação, no entanto, foi revista por alguns linguistas. O que ocorreu é que, no PA, a voz passiva era expressa através do tempo composto, formado pelo verbo ser, ou, ainda, com o se, embora esta última forma nem sempre se realizasse, havendo variação entre um e outro emprego. Mesmo os chamados tempos compostos eram pouco frequentes no PA, como demonstram os dados de Mattos e Silva (1989).

No português atual, temos, por exemplo, a sentença João nasceu. Essa sentença, embora se apresente morfologicamente na forma ativa, para muitos linguistas não toma um sentido ativo, como colocam as gramáticas históricas, pois, semanticamente, é passiva; João é sujeito paciente de nascer, caracterizando-se, dessa forma, uma sentença passiva.

O particípio presente do latim forneceu ao português substantivos e adjetivos que, no período arcaico, eram usados com força verbal. O particípio futuro ativo aparece na forma culta. Já o tempo conhecido como gerundivo ou particípio futuro passivo está representado por alguns substantivos e adjetivos, embora a terminação -ndo seja usada como substantivo verbal[13]. Com o desaparecimento do supino, surge, no latim vulgar, o infinitivo preposicionado: *cum veneris ad bibere.* Coutinho (1976, p. 276); Grandgent (1952, p. 89).

Muitas formas verbais, por outro lado, assumiram novos empregos, conforme se pode verificar, a partir das observações contidas no Quadro 9, a seguir:

---

[12] São verbos da voz passiva, com significação ativa, e apresentam as seguintes terminações em cada uma das quatro conjugações latinas no infinitivo: 1ª ***āri***: *hortor, hortāris, atus sum, hort**āri*** – exortar; 2ª ***ēri***: *merĕor, merēris, ĭtus sum, mer**ēri*** – merecer; 3ª ***i***: *loquor, loquĕris, locūtus sum, loqui* - falar e *gradior, gradĕris, gressus sum, grădi* - caminhar e 4ª ***iri***: *mentĭor, mentiris, mentītus sum, ment**īri*** – mentir (ALMEIDA, 1990, p. 283).

[13] Os respectivos exemplos para essas formas são: 1) particípio presente (ocidente, crente - lançantes bom cheiro), 2) particípio futuro ativo (futuro, nacituro, etc.), 3) gerundivo (merenda, vitando, graduando, examinando). Piel (1989, p. 241) e Coutinho (1976, p. 275-276).

Quadro 9 - Formas verbais latinas que assumiram novos empregos em português segundo Coutinho (1976) e Huber (1986)

NOVAS FUNÇÕES			SITUAÇÃO		
			Latim Clássico	Latim Vulgar	Português Arcaico
1 - Imperfeito do Subjuntivo				- As formas desse tempo cederam lugar ao mais-que-perfeito do subjuntivo	- Hipótese de que tenha se tornado o infinitivo flexionado
1ª 2ª 3ª 4ª	-re	*amā-re-m* *dele -re-m* *lege-re-m* *cape-re-m* *audi-re-m*	+		
2 - Mais-que-perfeito do Subjuntivo				- Usado como Imperfeito do	
1ª 2ª 3ª 4ª	-isse	*amav-isse-m* *delev-isse-m* *leg-isse-m* *cep-isse-m* *audiv-isse-m*	+	- Subjuntivo *debuisset*	- Imperfeito do subjuntivo
3 - Futuro Perfeito do Indicativo					
1ª 2ª 3ª 4ª	- er	*amav-er-o* *delev-er-o* *leg-er-o* *capi-er-o* *audiv -er-o*	- É usado em orações condicionais com valor de subjuntivo no latim vulgar *Si dixerit illi tenebras esse* (Petrônio)		- Fusão de ambos resultou no Futuro do Subjuntivo: 1ª amar, a, es, mos, des, rem 2ª beber, e, es, mos, des, rem 3ª ouvir, i, es, mos, des, rem
4 - Perfeito do Subjuntivo					
1ª 2ª 3ª 4ª	-eri	*amav-eri-m* *delev-eri-m* *leg-eri-m* *cep-eri-m* *audiv-eri-m*			
5 - Presente do Subjuntivo					- Continuou com o mesmo emprego e deu origem às P3 e P6 do imperativo
1ª 2ª 3ª 4ª	-e -a	*am-e-m* *dele-a-m* *leg-a-m* *capi-a-m* *audi-a-m*	+	+	
6 - Gerúndio - Ablativo					
1ª 2ª 3ª 4ª	-ando -ndo -endo	*am-ando* *dele-ndo* *leg-endo* *capi-endo* *audi-endo*	- Substituiu em parte o particípio presente. Ex: *ita miserrimus fui fugitando (Terêncio)*		—

A junção do futuro perfeito do indicativo e do perfeito do subjuntivo originou o futuro do subjuntivo na língua portuguesa. O único que continuou com o mesmo emprego foi o presente do subjuntivo, já que o gerúndio na forma do ablativo se desdobra, então, no particípio presente do latim clássico (cf. item 4 do Quadro 8), que se perdeu. Como forma de compensação das perdas no sistema verbal latino, outros tempos foram criados, como, por exemplo, o futuro do presente do indicativo, em substituição ao futuro imperfeito do indicativo do latim (cf. item 8, do Quadro 8); inicialmente, com o uso de perífrases: i) verbo (infinitivo) + IdPr de *habere*, ou o contrário, ii) com o infinitivo assumindo o primeiro lugar na construção - *qui nasci habent*. Esse processo analítico cede lugar às formas sintéticas, através das mudanças fônicas com *habere* - *habeo* > **aio*, etc., criando, possivelmente, formas

como: *amabo* - **amar'aio*[14]. E o futuro do pretérito ou condicional, em um processo análogo - *habebam* > **abeam* > **eam* > *ia*. (COUTINHO, 1976, p. 276-277).

Os tempos compostos[15], que já apresentavam vestígios no latim clássico com o uso de *habere/tenere* + PP de um verbo – ex.: *illa omnia missa habeo (Plauto)* – passam a predominar no latim vulgar, tendo seu uso se tornado regular no português.

Pottier (1994, p. 151-153)[16] considera que a perífrase verbal formada por *habeo* + particípio perfeito, com ideia de ação acabada, mas com resultados no momento em que se fala, retoma, no latim tardio e nas línguas românicas, as características do sistema indo-europeu; essa noção de aspecto não era exprimível no latim clássico[1716] . Esse fato culminou no processo gradativo da possível constituição das formas compostas, como coloca o autor:

1 - Perífrase *habeo* + particípio perfeito (*habeo scriptum* - tenho escrito) passou a expressar uma ação perfectiva (= 'he escrito');

2 - Com a proximidade de sentido entre *habeo scriptum* e *scripsi* houve uma diferenciação entre ambos: *scripsi* estabeleceu-se com valor de passado absoluto e *habeo scriptum* com valor de passado perfeito sobre o presente;

3 - E, por fim, o uso das formas compostas (*habeo* + particípio), expressando um tempo perfeito (aspecto) com ideia de anterioridade em relação ao presente (tempo relativo).

O futuro do imperativo não passou ao português. E o perfeito do infinitivo perdeu a forma sintética e deu lugar à forma perifrástica (analítica). Além dessas criações referidas anteriormente, há, no português, um tempo verbal bastante peculiar, o denominado infinito

---

[14] Um exemplo bastante citado desse uso é dado por Fredegário - *Justinianus decebat* "daras", considerado como o mais antigo uso do futuro do indicativo (GRANDGENT, 1952, p. 102; COUTINHO, 1976, p. 277).

[15] A questão dos tempos compostos tem merecido uma série de discussões, desde a própria forma de definição desse tempo, como a questão da categoria de verbo auxiliar. A esse respeito, cf. Mattos e Silva (1989, p. 437).

[16] Estudo do Espanhol.

[16] O sistema verbal do latim diferenciou-se do sistema indo-europeu, na medida em que, segundo o autor, começou a estabelecer relações do tipo temporal, frente a um sistema baseado na qualidade da ação; passando a opor-se a partir de dois aspectos: 1) de tempo presente e não-presente, com relevância para o fato comprovado. Com relação ao não-presente, o passado era mais assimilável, pela noção de fato real, comprovado, em detrimento do futuro, não realizado, com uma noção abstrata de tempo. E outra noção menos exclusiva é a que indica o aspecto, a de ação acabada, *perfectum* (o perfeito, o mais-que-perfeito e o futuro perfeito), e não acabada *infectum* (presente, o imperfeito e o futuro do presente). As perífrases surgidas depois do desaparecimento do futuro do imperfeito do indicativo culminaram na formação do futuro do presente do indicativo em português.

pessoal ou flexionado[18], que tem merecido a atenção de muitos estudiosos e dado origem a diversas teorias sobre a sua formação, como, por exemplo, a de ter surgido do imperfeito do subjuntivo do latim clássico, uma vez que há muitas semelhanças entre as terminações de ambos os tempos, ou, ainda, a partir de um processo analógico em que ao infinitivo simples se teriam incorporado desinências de tempos finitos. Muitos autores associam, ainda, muitas das transformações ocorridas na formação da morfologia verbal portuguesa à questão das mudanças na conjugação.

O fato de que as quatro conjugações latinas tenham ficado reduzidas a três no português é bastante discutido pelas gramáticas históricas. Essa redução foi gerada pela junção de grande parte de verbos da 2ª e alguns da 3ª conjugação do latim, que resultou na 2ª conjugação do português. A 2ª conjugação do português se viu favorecida, ainda, segundo Grandgent (1952) e Pottier (1994), pela fusão parcial dos verbos *sedere* e *esse*.

A 3ª conjugação do português –ir, que corresponde à 4ª do latim *-ire*, também absorveu alguns verbos da 3ª e 2ª conjugações latinas, como, por exemplo, a inclusão do verbo aduzir < aduzer (Port. Arc.) < lat. adducĕre (ĕre - 3ª conj. latina).

As correspondências entre as conjugações dos dois sistemas verbais são as representadas, a seguir:

O desaparecimento da 3ª conjugação ainda no latim vulgar da Península Ibérica é considerado por Coutinho (1986, p. 275) como uma das perdas da conjugação latina, juntamente com as formas e tempos verbais mencionados anteriormente no Quadro 8.

A despeito das perdas de várias formas verbais do latim e da criação de outras, o português conservou muito da configuração verbal latina (HUBER, 1986, p. 200), conforme se verifica através das terminações do latim clássico, comparadas com as do português,

---

[18] Além do português, só é usado no Galego e Mirandês e também em dialetos da Itália Meridional; nesse último, constam apenas vestígios, conforme Coutinho (1976, p. 278). O seu surgimento é datado do ano 1000 (DIEZ, 1973, p. 208 e HUBER, 1986, p.186).

respectivamente, em cada uma das conjugações correspondentes (WILLIAMS, 1961, p.184-212), a saber:

1 - Infinitivo: (voz ativa) *are* > -ar, *-ēre/ -ĕre* > -er e *īre* > -ir;

2 - Particípio Presente: (voz ativa) *-antem* > -ante, *-entem/entem* e *-ientem*> -ente, *-ientem* >-inte;

3 - Particípio Passado: terminações fracas e fortes - *ātum* (l.v.*ātum*)>-ado (port. arc. e port. mod.); *-ētum -ĭtum* (l. v. *-ūtum*> -udo (port.arc.); -ido (port. mod.); *ītum* (l.v. *itum*)> -ido (port.arc.) e -ido (port.mod.);
Paroxítonas Fortes (verbos sobreviventes em português; provenientes do latim) *apertum* > aberto; *copertum* > coberto; *dictum* > dito; *factum* > feito; *mŏrtum* > morto; *pŏstum* > posto; *scrīptum* > escrito; **uīstum* > visto;

4 - Presente do Indicativo: 1ª Conjugação *-o* > -o, *-as* > -as, *-at* > -a, *amus* > -amos, *atis* > ades > -ais, *-ant* > am[ẽ]>[ẽw]; 2ª/3ª conjugações *-ĕo/ -o, -ĭo* > -o; *-es/ -is* > -es, *-et/ -it* > -e, *-ēmos > -ĭmus* > -emos, *-ētĭs/ -ĭtĭs* > -edes > eis, *ent/ -unt (ĭunt)* > -em 4ª conjugação *-ĭo > -o, -ĭs* > -es, *-ĭt* > -e, *-īmŭs* > -imos, *ĭtĭs* > -ides > -is, *-ĭunt* > -em;

5 - Imperfeito do Indicativo 1ª Conjugação[19] *-ābam* > -ava, *-ābas* > avas, *-ābat* >-ava, *ābamŭs* > -ávamos, *-ābātĭs* > -ávades > -áveis, *-ābant* > -avam [avẽ]>[avẽw>, 2ª e 3ª Conjugações
-ēbam (-ĭebam) > -ia, *ēbas (-ĭēbas)* > -ias, *-ebat-(ĭēbat)* > -ia, *-ēbāmŭs (iebamus)* > -íamos, *-ebātĭs (-ĭēbātĭs)* > -íades > -íeis, *ēbant (-ĭēbant)* > -iam [iẽ>[> [iẽw] e 4ª Conjugação *-ibam* > -ia, *-ības* > -ias, *ībat* > -ia, *-ībāmŭs* > íamos, *ibātĭs* > *íades* > -íeis, *īebant* >iam[iẽ]> [iẽw];

6 - Pretérito Perfeito (forte) *-ī* (l. v. **-i*) > -(e), *-ĭsti* (l. v. **esti*) > *-ĭstē* (arc. e port. popular) > *-ĭt* (l. v. **-et*) > -(e), *īmŭs* (l. v. *-emus*) > emos, *-ĭstĭs* ((l. v. **estes*) > -estes, *ērunt* (l. v. < **érunt*) > -erom < -eram;

7 - Mais-que-perfeito do indicativo - 1ª conjugação *-āram* > -ara, *-āras* > -aras, *-ārat* > -ara, *ārāmus* > -áramos, *-ārātis* > -arades > -áreis, *-arant* > -aram [ẽrē]>[ẽrẽw] da 4ª conjugação *-īĕram* (l. v. **-ira*) > ira, *-īĕras* (l. v. *-*iras*) > -iras, *-iĕrat* (l. v. **-irat*) > -ira, *-īĕramus* (l. v. **-īrămūs*) > -íramos, *īĕrātis* (l. v. **-irates*) > -írades > íreis, *-īerant* (l. v. **-irant*) > iram [ir] > [irẽw], 2ª e 3ª conjugação (pretérito fraco) - *dīdĕram* (l. v. **-de(de)ra*)[20] , *dīdĕras* (l. v. **-de(de)ras*) > -eras, *dīdĕrat*, (l. v. **-de(de)iat*) > -era, -

[19] Na primeira conjugação, o *b* intervocálico do lat. cl. > português *v*; na 2ª, o *b* caiu por dissimilação em *habebam* e generalizando o seu uso nos demais verbos dessa conjugação; *e* e *ie*, etc > ia, etc; e na 4ª, a queda do *b* (WILLIAMS, 1986, p. 195-196).

[20] As formas (de), indicadas entre parênteses, caíram por haplologia; a esse respeito, cf. Williams (1986, p. 205).

dĭdĕramus (l. v. **de(de)rámus*) > -eramos *-dideratis* (l. v. **-de(de)ráte*s) > -erades > -ereis e *diderant* (l. v. **-de(de)rant*) > eram [erẽ̃w] > [erẽ] e de pretérito forte *-eram* (l. v. **-éra*) > era, *-eras* (l. v. **éras*) -eras, *erat* (l. v. * *éra*) > -era, *eramŭs* (l. v. * *erámus*) > -eramos, *ĕrātĭs* (l. v.**eráte*s) > érades > -éreis, *erant* (l. v. * *-érant* > -eram [erẽ̃w]>[erẽw].

8 - Presente do Subjuntivo 1ª conjugação *-em* > -e, *-es* > -es, *-et* > -e, *ēmŭs* > -emus, *-ētĭs* > -edes > -eis; *-ent* > -em, 2ª e 3ª conjugações *-eăm / -am (-iăm)* > -a, *-eăs/ -as (-ĭas)* > *as, -ĕat/ -at (-ĭat)* > -a, *-eămus/ -amus (-iamus)* > -amos, *-ĕātĭs / -ātĭs (ĭātĭs)* > -ades > -ais, *ĕant/ -ant (-ĭam)* > -am [ẽ] > [ẽ̃w] e 4ª conjugação *-ĭam* > -a, *-ias* > -as, *-iat* > -a, *-ĭāmus* > amos, *ĭātĭs* > ades > ais *-ĭant* > -am [ẽ] > [ẽw];

9 - Imperativo Afirmativo 1ª conjugação P2 , *-a* > -a e P6 *-ate* > *-ade* > *-ai;* 2ª e 3ª conjugações P2 *-e/ -e* > -e, P6 *-ēte/ -ĭte* > -ede > -ei, e da 4ª conjugação P2 *-ĭ* > -i (arc) > -e e P6 *-ĭte* > ide > -i;

10 - Gerúndio - *-andum* > -ando; *-endum* > -endo *-endum/ iendum* > -endo e *-iendum* > -indo.

1.3.2 Alterações no lexema de verbos em português e a sua classificação sob o ponto de vista das gramáticas históricas[21]

A noção de irregularidade verbal em que se pautam as gramáticas normativas, da forma como se apresenta no item 1.2, refere-se às variações de alguns verbos, tanto a nível de lexema quanto de flexão, ou em ambos. A irregularidade no lexema pode-se dar com a consoante ou com a vogal; esta última em decorrência do efeito da acentuação, conforme seja átona ou tônica. A irregularidade das formas rizotônicas ocorre ou nas chamadas formas fortes (as que se modificam no pretérito perfeito do indicativo) ou nos denominados particípios irregulares. Além desse tipo de irregularidade, há, ainda, outras, causadas pelo processo de alternância vocálica (mudança de timbre da vogal do lexema na forma

[21] As noções de irregularidade verbal encontradas em gramáticas do latim não diferem muito dos conceitos apresentados nas gramáticas normativas e históricas, ressalvados os temas e as terminações específicas dos tempos principais do latim, os do *infectum* (presente), os do *perfectum* (perfeito) e os do supino, com suas respectivas vozes (ativa e passiva), indicadoras de terminações e lexemas próprios de cada um, uma vez que as diferenças existentes entre cada tema não se constituem aspectos de irregularidade verbal, a não ser que haja variação num mesmo tema. O conceito de verbo irregular do latim dado por Ravizza (1956, p. 133), desconsiderando-se, nesse caso, outros tipos de irregularidade, como os verbos que têm o pretérito forte, os verbos incompletos (defectivos) e os impessoais, tem por base, principalmente, a variação no lexema e nas flexões. "Verbos irregulares propriamente ditos são os que formam os seus tempos principais de temas diferentes, p. ex: *fero, tuli, latum* ou que em certos tempos e em certas pessoas afastam-se das quatro conjugações regulares".

rizotônica). Este último critério não é considerado por todas as gramáticas normativas, devido à variação de pronúncia de alguns verbos que se realizam de forma diferente de um dialeto para outro (cf.1.2.2.2). Sob a perspectiva das gramáticas históricas, a maior parte das alterações apresentadas no lexema e/ou na flexão de verbos, em português, resulta de mudanças fônicas e analógicas. E é dessa forma que essas alterações serão interpretadas nesses estudos. A maior parte, porque há casos de mudanças que não se enquadram, ou não se justificam, pelos mesmos parâmetros das demais, i. e., mudanças regulares, mas que apresentam anomalias que "ascende(m) ao próprio latim, sendo por isso comuns a todas as línguas românicas" (PIEL, 1989, p. 225). São os chamados verbos de presente anômalo, tratados de forma específica pelo próprio Piel (1989, p. 225-227) e por Nunes (1961, p. 303-307): ser, ir , haver (com acentuação de algumas formas que refletem a fase pré-românica) e, ainda, saber, dar, estar e poder.

Para Huber (1961, p. 204), a alteração nos lexemas que "aparece nas várias formas verbais é exatamente igual ao do infinitivo", como demonstra o exemplo abaixo:- *sequo* > sigo, *sequit* > segue, inf. seguir[22] . Já Piel (1989, p. 220-221) considera que a não homogeneidade no denominado vocalismo forte (acentuação de vogais no lexema) é atribuída essencialmente a três fatores fonológicos: a) inflexão - processo de assimilação por uma adaptação (aproximação gradual) da vogal radical à vogal final; b) metafonia - processo de assimilação pela alteração de timbre da vogal radical sob a ação da semivogal i̯[23] e c) atração - processo de natureza dinâmica em relação aos dois primeiros, em que há a passagem da semivogal i̯ para a sílaba tônica. O autor 1989, p. 221) apresenta, ainda, os tipos de alternância e a forma como ocorrem a partir de oito séries vocálicas, na forma como seguem:

inflexão	{ 1.	*e*	— ḙ	*teco,*	*tḙces,*	*tḙce,*	*teca:*	tḙxo
	2.	*o*	— o̭	*cozo*	*co̭zes,*	*co̭ze;*	*coza:*	co̭queo
metafonia	{ 3.	*i*	— ḙ	*sirvo,*	*sḙrves,*	*sḙrve,*	*sirva:*	sḙrvio
+ inflexão	4.	*u*	— o̭	*durmo,*	*do̭rmes,*	*do̭rme,*	*durma:*	do̭rmio
	{ 5.	*ai*	— a	*caibo,*	*cabes,*	*cabe,*	*caiba:*	capio
atracção	6.	*oi*	— o̭	*[coimo],*	*co̭mes,*	*co̭me,*	*[coima]:*	comedo
	7.	*ei*	— ḙ	*[feiro],*	*fḙres,*	*fḙre,*	*[feira]:*	ferio
vogal de transição	{ 8.	*ei*	— ḙ	*creio,*	*crês,*	*crê,*	*creia:*	credo

[22] Tem-se, neste caso, um processo de alternância que decorre da acentuação da vogal do lexema /i/ e /e/.
[23] Para casos da manutenção excepcional da semivogal, cf. Nunes (1960, p. 292-293).

Essas variações na vogal do radical foram também descritas por Williams (1986, p. 212). Segundo esse autor, praticamente todas as vogais portuguesas variam conforme sejam ou não acentuadas. Na maior parte dos verbos em português que "apresentam variação da vogal radical, mesmo quando esta é acentuada", dá-se esta variação na 2ª e 3ª conjugações, com as vogais e e o, pela ação do iode e da metafonia, como se viu anteriormente. No que se refere à alteração de consoante no lexema, Huber (1986, p. 204) apresenta, entre outros, os exemplos abaixo:- * *petio* > peço, *petis* > pedes; - *facio* > faço, *facis* > fazes;- video > vejo, *vides* > vees, etc. Essas variações da consoante dão-se, segundo esse autor, por influência dos sons subsequentes.

As alternâncias consonânticas em verbos do português foram resumidas também por Piel (1989, p. 224), da forma como segue:

I.	1. CI	*ç/z*	FACIO,	-IAM:	*faço,*	*faça,*	FACIS:	*fazes*
	2. TI	*ç/d*	*PETIO	-IAM:	*peço*	*peça,*	PETIS:	*pedes*
		ç/t	MENTIO,	-IAM:	*[menço,*	*mença],*	MENTIS:	*mentes*
	3. DI	*ç/v*	AUDIO,	-IAM:	*ouço,*	*ouça,*	AUDIS:	*ouves*
II	4. NI	*nh/-*	TENEO,	-EAM:	*tenho,*	*tenha,*	TENES:	*tens*
	5. LI	*lh/l*	VALEO,	-EAM:	*valho,*	*valha,*	VALES:	*vales*
	6. MI	*mh/m*	DORMIO	-IAM:	*[dormho*	*dormha],*	DORMIS:	*dormes*
	7. VI	*vh/v*	SERVIO,	-IAM:	*[servho,*	*servha]*	SERVIS:	*serves*
	8. PI	*bh/b*	SAPIO,	-IAM:	—	*[sabha],*	SAPIS:	*sabes*

Nunes (1960, p. 300) atribui, como causa de divergências de formas verbais no nível de lexema, consideradas por ele como uma irregularidade verbal aparente, o comportamento das guturais quando seguidas de *a*, *o*, ou *u* ou de *e* e *i*. Essas divergências decorrem da oclusiva que passa a fricativa nos casos em que se devia manter, como antes de *a* e *o* nos verbos da 2ª e 3ª conjugação. Ex.: *coq(u)o, coq(u)a* > cozo, coza; *tango, tanga* > tanjo, tanja; etc; e outros como *adugo, aduga* > aduzo. Esse tipo de evolução fonética repercutiu também sobre os incoativos, em que as desinências -*sco* e -*sca* passaram a -ço e -ça, meresco > mereço.

Os verbos em -ear e -iar são para esse autor "perturbadores" da regularidade(assim considerado em decorrência do fato do <*e*> fechado, quando tônico, seguido imediatamente de -*a* ou -*o* finais, tomar o *i* para desfazer o hiato)[24] . A confusão de -ear com -iar (já existente no latim) é atribuída ao -e tônico antes de vogal que incorporou as características de *i*, em verbos como: nomear, cear, afear, alhear e criar.

[24] Para o autor, esse fato inicia-se a partir do século XVI.

Piel (1989), a despeito de considerar a tendência primeira de regularização na flexão, cita, brevemente, as divergências entre as chamadas formas fortes (formas acentuadas no radical) e formas fracas (formas acentuadas na flexão), como, por exemplo, o verbo dissemos <*diximus,* em que P_4 é acentuada na flexão, ao contrário do que ocorria com o latim, em que o acento incidia sobre o lexema de P_1, P_3 e P_4 dos pretéritos fortes.

Embora esses processos pelos quais passaram as vogais e as consoantes no lexema e na flexão de alguns verbos sejam considerados como processos regulares nas mudanças entre o latim e o português, irão resultar em diversas variações, dando origem a lexemas diferentes nos tempos e modos da conjugação verbal do português.

Todas essas informações contidas neste item foram selecionadas tendo em vista as alterações sofridas por verbos que, em decorrência de mudanças fônicas e/ou analógicas, desviaram-se do padrão, tanto no que se refere à estrutura formal propriamente dita (lexema + flexões), quanto aos aspectos relacionados à acentuação e seus efeitos[25].

Antes, porém, gostaríamos de apresentar a terminologia adotada por alguns autores para os verbos que possuem essas características e que, via de regra, são arrolados por ordem alfabética e/ou pelo tema da conjugação, considerados, provavelmente, como intrinsecamente inclassificáveis.

Embora os estudos sobre a morfologia verbal portuguesa sejam bastante ricos em informações e as análises sobre os processos responsáveis por sua constituição sejam minuciosas, a maior parte dos autores limita-se a apresentar as alterações nas formas de alguns verbos, seguidas ou não, de algumas considerações.

As designações usadas variam de autor para autor. Nunes (1960, p. 279) apresenta algumas razões para o que ele considera como aparente irregularidade verbal, a saber: verbos cujo radical termina por gutural, verbos em -ear e -iar, e ainda, os de presente anômalo. Anômalos ou verbos isolados são os que, para Piel (1989, p. 225), não seguem a norma. Maia (1986, p. 769) reúne diversos verbos que apresentam "particularidades na flexão," comparando-os, sempre que possível, conforme coloca a autora, com a situação atual do galego e do português. Said Ali (1964, p. 123-183) não trata de forma específica sobre esses verbos. Já Williams (1986, p. 221) denomina-os de verbos inclassificáveis. Por outro lado, Coutinho (1976, p. 305), mesmo usando a terminologia verbos irregulares, chama a atenção

[25] No conjunto das obras analisadas, buscaram-se, principalmente, dentre as diversas informações sobre a constituição verbal do português, as que se relacionam aos verbos irregulares, embora, de modo geral, esses verbos não sejam assim denominados pelos autores em questão.

sobre a inadequação desse termo. Para o autor, as alterações específicas nas formas de alguns verbos seriam explicáveis pela ação das leis fonéticas e da analogia.

Coutinho (1976) questiona o conceito de irregularidade verbal do ponto de vista diacrônico. As alterações verificadas nos lexemas ou nas flexões de alguns verbos seriam, na verdade, resultantes de mudanças fônicas regulares e predizíveis, como, por exemplo, as que ocorrem nos lexemas do verbo dizer, regular no latim, mas com lexemas diferentes no português: -*dicere*[26] >diz-er; -*dico*>dig-o e e-*dixi*>disse e*dictum*> dito.

Embora as diferenças apresentadas nos lexemas do verbo dizer e tantos outros, conforme se viu acima, sejam realmente explicáveis devido às mudanças fônicas regulares ou mesmo pela ação da analogia, é preciso "ver a linguagem - de um ponto de vista diacrônico e/ou sincrônico - como um objeto possuidor de heterogeneidade sistemática" (TARALLO,1990; WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]).

Os verbos irregulares do latim, assim considerados também por se afastarem numa ou em outra forma dos paradigmas regulares, não passaram ao português, à exceção de *sum* e *eo/ire,* conforme podemos constatar, a seguir:

Sum, *es*, *ēsse*, *fŭi* (sem supino)	ser, estar, ficar, existir, haver.
Eŏ, *is*, *īre*, *ĭi (ivi) ītum*	ir
Fēro, *fers*, *fērre*, *tŭli*, *lātum*	levar, trazer, produzir.
Volo, *vis*, *velle*, *volŭi,*	querer
Nolo, *non vis*, *nolle*, *nolŭi,*	não querer
Malo, *mavis*, *malle*, *malŭi,*	preferir
Fio, *fis*, *fiĕri*, *fāctus, sum*	Ser feito, tornar-se, acontecer (FURLAN e BUSSARELLO, 1993, p.78)

Assim, os verbos regulares do latim que passaram a irregulares no português são resultantes de processos de mudanças fônicas e analógicas, que, por sua vez, influenciaram também na reestruturação dos tempos e modos verbais do latim.

1.3.3 Quadro - resumo dos verbos irregulares apresentados pelas gramáticas históricas estudadas

O rol de verbos apresentados a seguir, no Quadro 10, foi organizado, levando-se em conta o seguinte: a) **verbos comuns**, Coutinho (1976); Williams (1961); e Maia (1986); b) **verbos considerados por uns e não por outros** e c) **verbos de presente anômalo**

[26] Apesar de essas formas se apresentarem aparentemente como irregulares, cada uma, à exceção do infinitivo, faz parte de temas do *infectum, perfectum* e do supino, e, logo, com características próprias. O lexema di- de direi (P1 de IdFt1), resulta de < **dire + aio.*

por Piel (1989) e Nunes (1960). Vejamos, abaixo, como esses verbos estão marcados com + (presença) ou com - (ausência).

Quadro 10 - Verbos que apresentam variações no lexema e/ou na flexão, conforme Coutinho (1976); Williams (1961); Huber (1986); Nunes (1960) e Maia (1986)

a)

AUTORES VERBOS	Coutinho (1976)	Williams (1986)	Huber (1986)	Nunes (1960)	Maia (1986)
dar	+	+	+	+	+
estar	+	+	+	+	+
dizer	+	+	+	+	+
fazer	+	+	+	+	+
perder	+	+	+	+	+
poder	+	+	+	+	+
põer ~ poer	+	+	+	+	+
querer	+	+	+	+	+
saber	+	+	+	+	+
seer ~ ser	+	+	+	+	+
tẽer ~ teer	+	+	+	+	+
trager	+	+	+	+	+
valer	+	+	+	+	+
veer	+	+	+	+	+
ir	+	+	+	+	+
sair	+	+	+	+	+
vĩir ~ viir	+	+	+	+	+
abrir	+	-	-	-	-
caer	+	+	-	-	+
medir	+	-	-	-	-
ferir	+	-	-	-	-
traer	+	-	-	-	-
cubrir	+	-	+	-	-
dormir	+	-	+	-	-
mentir	+	-	+	-	-
servir	+	-	+	-	-
escrever	+	-	-	-	+
ler	+	+	-	-	-
aver ~ haver	+	+	+	-	+
ouvir	+	-	+	-	+
pedir	+	-	+	-	+
prazer	+	-	+	-	+
seguir	+	-	+	-	+
sentir	+	-	+	-	+
creer	+	+	-	-	+

AUTORES VERBOS	Coutinho (1976)	Williams (1986)	Huber (1986)	Nunes (1960)	Maia (1986)
caber	+	+	+	-	-
jazer	+	+	+	-	-
riir	+	+	+	-	-
aduzer	-	+	+	-	-
chover	-	-	+	-	-
cre(s)cer	-	-	+	-	-
cingir	-	-	+	-	-
doer	-	-	+	-	-
expir	-	-	+	-	-
mãer (permanecer)	-	-	+	-	-
nuzer ~ nuzir	-	-	+	-	-
na(s)cer	-	-	+	-	-
oferir	-	-	+	-	-
receber	-	-	+	-	-
parir	-	-	+	-	-
arder	-	-	+	-	+
comer	-	-	+	-	+
conhocer	-	-	+	-	+
soer	-	-	+	-	+
benzer	-	+	-	-	-
morrer	-	+	+	-	-
correger	-	-	-	-	+
recordir	-	-	-	-	+
eleger	-	-	-	-	+
vestir	-	-	-	-	+

Além dos verbos que são comuns aos autores referidos:

1ª	2ª	3ª
dar	dizer	ir
estar	fazer	sair
	perder	vir
	poder	
	poer	
	querer	
	saber	
	ser	
	ter	
	trazer	
	valer	
	ver	

Há divergências entre os autores na classificação desses verbos como irregulares. Vejamos:

b) Verbos irregulares considerados apenas por:

- Coutinho (1976): abrir, caer, medir, ferir e traer;
- Coutinho (1976) e Huber (1986): cobrir, dormir, mentir e servir;
- Coutinho (1976) e Maia (1986): escrever;
- Coutinho (1976) e Williams (1986): ler;
- Coutinho (1976); Maia (1986); Huber (1986): ouvir, pedir, prazer, seguir e sentir;
- Coutinho (1976); Maia (1986) e Williams (1986): crer e caer;
- Coutinho (1976); Huber (1986) e Williams (1986): caber, jazer, e rir;
- Coutinho (1976), Huber (1986), Williams (1986) e Maia (1986): haver;

- apenas por Huber (1986): chover, cre(s)cer, cingir, doer, expir, mãer (permanecer), nuzir, na(s)cer, oferir, receber e parir;
- Huber e Maia: arder, comer, conhecer e soer;
- Huber (1986) e Williams (1986): morrer e aduzer;

- Somente por Williams (1986): benzer;

- Apenas por Maia (1986): correger, recordir, eleger e vestir.

c) Piel (1989) e Nunes (1960)[27], os verbos de presente anômalo são: ser, poder, haver, saber, dar, estar, e ir.

1.4 Classificação dos verbos irregulares com base no português contemporâneo

A partir de um estudo descritivo dos verbos irregulares no português, Mattoso Câmara Jr. (1972; 1975)[28] propõe reformular o conceito de irregularidade verbal, na forma como apresentada nas gramáticas normativas do português[29].

A principal crítica feita pelo autor diz respeito à forma de análise da estrutura verbal realizada por essas gramáticas. A separação entre radical e terminações é pouco nítida, segundo Mattoso Câmara Jr. (1972;1975), até mesmo para os verbos regulares, em que a um radical invariável se adjungem terminações padronizadas que indicariam, a princípio, as

---

[27] Os verbos do tipo cozer, tanger, etc. e os verbos terminados em -ear (nomear, cear, etc.) e em -iar (comeciar, incendiar, etc.) não foram incluídos na relação de Nunes (1960), porque, como coloca o autor, não são propriamente irregulares, apresentam uma "aparente irregularidade verbal".

[28] O texto de 1975, publicado em Estrutura da Língua Portuguesa (p.101 a 106), é um resumo do estudo de 1972.

[29] As mudanças pelas quais passaram esses verbos ao longo do tempo foram desconsideradas, já que, para o autor, essas formariam, em cada época, um quadro estrutural específico.

noções de tempo, modo e pessoa, embora para ele nem sempre haja uma separação nítida entre esses elementos. Com relação aos verbos irregulares, há dois aspectos a considerar: primeiro a variação no radical e/ou na flexão, que se constituem na base ótima de análise da irregularidade verbal; e, segundo, a redundância de ter como irregulares diversos verbos que deveriam estar no padrão geral, regular, conforme a análise de algumas regras fonológicas[30] poderá indicar.

Para Mattoso Câmara Jr. (1972; 1975), somente através da análise precisa da estrutura verbal, será possível estabelecer padrões diferenciados para esses dois conceitos: o da regularidade e o da irregularidade.

A estrutura verbal é composta de um tema, formado de radical mais vogal temática, que fornece a base para os sufixos flexionais: o sufixo modo-temporal e o número-pessoal. Essa estrutura foi representada pelo autor da seguinte forma: T(R + VT) + SF(SMT+SNP). Essa estrutura verbal, no entanto, está sujeita à perdas ou à convergência entre suas formas, gerando, assim, homonímias.

Vejamos, por exemplo, os casos em que esses fatos ocorrem, conforme sintetizado a partir de Mattoso Câmara Jr. (1972; 1975):

- Ausência de SNP nas P_1 e P_3 de quase todos os tempos (causando indeterminação em $IdPt_3$, $IdFt_2$, SbPt, SbFt e $IdPt_1$), como, por exemplo desse último, a forma de cantava, tanto para P_1 quanto para P_3, com exceção da P_1 do IdPr onde o *-o* /u/ átono final e em $IdPt_2$ e $IdFt_1$ com a semivogal *-i* /y/;

- Ausência de SMT em IdPr e nas P_1 a P_5 de $IdPt_2$;

- Homonímia de SMT em P_6 de $IdPt_2$ e $IdPt_3$ (p. ex. cantaram), e também, entre SbFt e infinitivo.

Para esse autor, nem sempre a ausência de sufixos modo-temporais ou número-pessoais e a homonímia de formas de significação diferentes geram indeterminação, como, por exemplo, nos casos em que há oposição privativa, onde a um "morfema específico se opõe à ausência de morfema ou morfema zero"; por exemplo, o que ocorre com a ausência de SMT (Ø) em IdPr, que contrasta com o SMT em outros tempos.

Além dos elementos que compõem a estrutura verbal, Mattoso Câmara Jr. (1972; 1975) tem, como aspecto preponderante na análise da morfologia do verbo, o constituinte em

[30] Essas regras fonológicas não são exclusivas dos verbos.

que incide o acento; e, com base nos elementos já estabelecidos pelas gramáticas normativas, ele acrescenta algumas inovações.

- Acentuação da vogal temática:
  1) posição tônica - máxima nitidez das vogais do português;
  2) posição pre-tônica - /e/ fechado se mantém, o -a- passa a um timbre abafado e o /e/ e o /i/ se harmonizam na fala coloquial, enfraquecendo a oposição entre a 2ª e a 3ª conjugação de IdFt$_2$;
  3) posição pós-tônica - neutralização entre /e/ e /i/, e o -a- passa a um [ɐ].

Sendo a posição tônica a que permite a distinção de raízes com /e/, /ɛ/, /o/ e /ɔ/, Mattoso Câmara Jr. (1972, p.101) considera que “ao lado do infinitivo, forma arrizotônica, para caracterizar a conjugação do verbo, deve figurar uma forma rizotônica, de preferência o 2IdPr, que indicará o verdadeiro vocalismo da raiz”. O autor faz uma crítica também à oposição morfológica e à vogal temática como indicadora das conjugações. Para ele, só há oposição entre a 1ª conjugação e uma outra composta por duas subconjugações, pela neutralização da oposição /e/ e /i/ nas formas arizotônicas, mas, principalmente, porque há coincidências de SMT no SbPr, entre outros. Embora a vogal temática -a- não seja estável em formas como cantei (P$_1$ de IdPt$_2$), em que o -a- muda para /e/ e para /o/- em cantou na P$_3$ de IdPt$_2$, ainda assim há o contraste com a 2ª e a 3ª conjugações.

Antes de analisar propriamente a alteração no lexema dos verbos em português, e sendo essa a característica dos “verbos irregulares”, Mattoso Câmara Jr. (1972, p. 102) diz que “Em princípio, a irregularidae pode ser de duas espécies. Há a que se refere ao sufixo flexional em sua totalidade ou um de seus constituintes. E há, muito mais relevante, a irregularidade que consiste numa variação do radical, que passa a contribuir assim para a expressão das nocões gramaticais de tempo, modo e pessoa” (1972, p. 106). O autor enxuga, ainda, as regras em que há casos de aparente irregularidade verbal:

> “Com a focalização da genuína vogal radical na forma rizotônica de 2 IdPr, já se alivia muito a descrição gramatical, que é costume sobrecarregar com “regras de alternância” sem sentido fonológico, a respeito da passagem de [a], /e/ ou /o/ do infinitivo a /a/, /ɛ/ ou /ɔ/ respectivamente, nas formas rizotônicas”.

Afirma que essas regras podem ser explicadas a partir de processos regulares. As regras fonológicas apresentadas pelo autor, destacadas em itálico, como resultantes da atuação desses mecanismos regulares, a exemplo do que ocorre com os nomes, são as seguintes:

1. A vogal final de um elemento mórfico e a inicial do seguinte, quando iguais, sofrem crase para a estruturação do vocábulo. Há cumulação de duas funções gramaticais no mesmo fonema (como ocorre com a preposição *a* e o artigo *a*). Nos verbos, temos os seguintes exemplos: em $IdPt_1$ e P_1 $IdPt_2$ da 2ª e 3ª conjugações com a vogal temática *-i-* tônica, há também a crase SMT *-ia* átono e 1 SNP |y| (tem -, part. + i) + *-ia* e em formas como le-, cre- e rir -ir, assim como, -ia, -indo, -ides. Há a crase no *-i-* da raiz do verbo e a VT, (temia, partia, etc.);

2. A vogal final átona de um elemento mórfico é suprimida, na estruturação do vocábulo, quando se adjunge outro elemento mórfico de vogal inicial diversa. Exemplo: Em P_1 de IdPr e P_1 , P_2, P_3 e P_6 de SbPr a ausência da vogal temática se explica pelo desaparecimento dessa em contato com um sufixo flexional que começa por vogal -canta + o = canto, na P_4 e P_5 de SbPr arrizotônicas - canta + e tônico + mos = cantemos; em formas consideradas irregulares como li, lia, cri, cria, porque a raiz le-, cre- está incompleta, foi igualmente essa regra fonológica da supressão da vogal final átona que operou (le + i = li, le + ia = lia);

3. A vogal final tônica |e| ou |ɛ| ditonga-se para |ey| ou |ɛy|, respectivamente em hiato. Exemplo: verbos em -ear- ditongam-se nas formas rizotônicas quando há acentuação da vogal inicial e há supressão ou crase do -a átono final: ao lado de passear (posso + ear- e a demais formais arrizotônicas) temos passeio (passea + o), passeie (passea + e) ou passeias (passea + a + s) e nas formas arrizotônicas (passea + o) passeio, uma vez que o *-e-* tônico se ditonga em hiato;

4. Nas formas rizotônicas monossilábicas, a vogal final ou flexional, que teoricamente seria átona, fica tônica e o seu timbre muda em consequência. Exemplo: dás, dá, dês, dão (nessa última, há um ditongo tônico que corresponde ao ditongo átono de cantaram), frente, respectivamente, a cantas, canta, cantes, cante, e cantam;

5. As vogais temáticas |e| e |i|, com a oposição neutralizada nas formas rizotônicas, passam a semivogal |y| em contacto com uma vogal diversa do radical, com a qual, portanto, se ditongam. Exemplo róis ou móis para roer ou moer e os verbos em o -i-, representando |y|, em vez de |e| pela neutralização da oposição |e| e |i| ou posição átona final, considerados pelas gramáticas normativas como irregulares.

Com a exclusão de grande parte dos verbos irregulares a partir da análise dessas regras fonológicas, Mattoso Câmara Jr. (1972) **pretende estabelecer a noção da irregularidade verbal com base na análise das variações no radical ou lexema,**

principalmente, e da flexão[31], agrupando os verbos irregulares de acordo com o tipo de variação apresentada no radical (lexema). Isso porque, para o autor (1972, p. 106), "A irregularidade do radical está frequentemente associada a uma irregularidade na flexão, e então esta deve ser descrita em função daquela. **A irregularidade flexional isolada é rara**." O autor observa que esses verbos possuem padrões comuns, e, logo, são passíveis de padronização.

> "A irregularidade verbal deve, com efeito, ser conceituada como uma variação morfológica impredizível em face dos padrões gerais, ou regulares, da conjugação. Assim entendida, como um desvio de um padrão geral morfológico, ela não deixa de ser regular no sentido de que é suscetível de uma padronização também."

O padrão comum a que se refere o autor é verificado num pequeno número de verbos, dentre os irregulares, em que a variação no radical pode ser agrupada a partir da noção de aspecto: ação não-acabada, tempos ou radicais do imperfeito (RI), e ação acabada, tempos ou radicais do perfeito, (RP)[32] tempo divergente. As diferenças entre ambos, segundo o autor, vão das mais simples (diferenças de tema em que os verbos do RP ficam em conjugações diferentes de RI) às mais complexas e diversas. Os radicais do perfeito são representados pelos seguintes tempos: IdPt$_2$ (pretérito perfeito), IdPt$_3$ (pretérito mais-que-perfeito) SbPt (imperfeito do subjuntivo) e SbFt (futuro do subjuntivo) e os radicais do imperfeito são representados pelos demais tempos.

À exceção das formas rizotônicas, sem sufixo flexional ou vogal temática, P_1 e P_3 de IdPt$_2$, as formas de RP são regulares por apresentarem desinências próprias e de acordo com o padrão geral. O genuíno RP ou tema teórico é dado pela P_2 do IdPt$_2$ sem SNP -ste. As estruturas verbais que compõem o RP são quatorze, e as do RI, quinze, porque o radical |fô| de RP corresponde tanto ao verbo ser quanto ao verbo ir.

---

[31] Para o autor (p.107), a irregularidade apenas na flexão é rara e resume-se aos seguintes casos: (R=cre), rides, ride (R=ri). "1) os radicais terminados em -r ou -z não recebem vogal temática em 3 IdPr quer, (quer + er) ,faz (faz + er), e produz (produz + ir), etc. 2) os radicais monossilábicos terminados em |e| na segunda e em |i| na terceira têm 5 SNP em -des e -de, respectivamente, em IdPr e Ip: credes, crede...".

[32] A distinção entre os tempos do perfeito e do imperfeito lembra a noção de aspecto do latim entre o feito *perfectum* (representado pelos tempos do perfeito, mais-que-perfeito e futuro perfeito) e o fato não-realizado, *infectum* (presente, imperfeito e futuro do presente). No que se refere ao radical, o *infectum* apresenta um mesmo radical e um mesmo tema, mas com terminações diferentes de uma conjugação para outra. No *perfectum,* as terminações são iguais em todas as conjugações.

As estruturas de ambos os tempos são as seguintes:

Radicais do Perfeito (RP)

1) **RP de dar:** |dè|: deste que opõe |da| de RI dás
RP de ver: |vi| viste em relação a RI |vê| vês

2a) **Igualdade de SNP de P_1 e P_3 em verbos em que há um *-e* átono final -dizer, querer, caber, haver, trazer e saber:**
/dis/ disseste (P_1, P_3) disse
/kiz/ quiseste (P_1, P_3) quis
/kô^{u}b/ coubeste (P_1, P_3) coube
/ô^{u}v/ houveste (P_1, P_3) houve
/trô^{u}s/ trouxeste (P_1, P_3) trouxe
/sô^{u}b/ soubeste (P_1, P_3) soube

2b) **Oposição de verbos nas P_1 e P_3 de $IdPt_2$ atemáticos por alternância |i|: |e|:**
/fiz/ fizeste P_1 fiz P_3 fez
/tiv/ tiveste P_1 tive P_3 teve
/estiv/ estiveste P_1 estive P_3 esteve

2c) **Oposição de verbos nas P_1 e P_3 de $IdPt_2$ por uma alternância |u|: |ô| - poder e pôr:**
/pude/ pudeste - P_1 pude P_3 pode
/puz/ puzeste - P_1 pus P_3 pos

2d) **Oposição de verbos nas P_1 e P_3 de $IdPt_2$ por uma alternância |ô|: |u|: ser e ir:**
/fô/ |fôste - P_1 foi P_3 fui

2e) **Oposição por alternância |i| e |e| de $IdPt_2$ P_1 atemático e P_3 regular com |u| SNP silábico:**
- /viN/ vieste (perda do travamento nasal devido ao hiato com a Vt*e)* P_1 vim P_3 veio (que além do mesmo precesso pelo qual passou a forma verbal vieste sofre a ditongação do |e| tônico em hiato)

Radicais do Imperfeito (RI)

1) **alargamento do radical por ditongação do |i| assilábico da vogal do radical: caber, saber e querer:**
-caiba, etc. - caibo: cabes, cabe, cabem
-saiba, etc. - sei: sabes, sabe, sabem
-queira, etc. - quero: queres, quer, querem

2) **Acréscimo ao radical de um ou um grupo de fonemas: ver e estar:**
-veja etc. - vejo: vês, vê, vêem
-esteja, etc. - estou: estás, está, estão

3) **Troca da última consoante do RI: dizer, trazer, fazer, poder e haver:**
- diga, etc. digo: dizes, diz, dizer
- traga, etc. - traga: trazes, traz, trazem
- faça, etc. - faço: fazes, faz, fazem
- possa, etc. - posso: podes, pode, podem
- haja, etc. - hei: hás, há, hão

4) **Travamento nasal:** ter, vir e por:
- tenha, etc. - tenho: tens, tem, têm
-venha, etc. - venho: vens, vem, vêm
-ponha, etc. - ponho: pões, põe, põem
e perdem o travamento diante de |r| na mesma sílaba no infinitivo: ter, vir e por:
ter, terei, etc. , teria, etc.
vir, virei, etc., viria, etc.
pôr, porei, etc., poria, etc.

5) **Radicais heterônimos correspondentes a RI do |fo| tem-se:**
se- (Inf. ser, $IdFt_1$ serei, $IdFt_2$, seria, etc.)
so- (variantes, somos, sois atemáticas)
sa- (P_6 de IdPr são)[33]
sej- (SbPr seja)
er- ($IdPt_1$ rizotônico com SNP átono (em vez de -ia) és, é, era, etc.)
b) va (todas as formas rizotônicas de IdPr e em todo SbPr. e i (P_5 de IdPr ides, Inf. ir, $IdFt_1$ irei, etc., Ger. indo, P_a ido, $IdPt_1$ ia, etc., (3ª conj. fusão da vogal temática na vogal do radical).

Outros:
- **Oposição entre o RI e o RP:**
* perca, etc., perco: perdes, perde, perdem
valha, etc., valho: vales, vale, valem;
meça, etc., meço: medes, mede, medem
peça, etc., peço: pedes, pede, pedem
ouça, etc., ouço: ouves, ouve, ouvem

---
[33] Na P_1 de IdPr, o radical está reduzido a -s- -sou , assim como hei (*haj) e sei (*saib) e *vou (va-), como coloca Mattoso Câmara Jr. (1972, p.104 e 105).

Além desses grupos, são considerados os verbos de particípio passado que diferem dos de padrão geral -(a) do (1ª conj.) e (-i) do (2ª e 3ª conj.), divididos em dois grupos, a saber:

1. com base no radical do infinitivo: verbos da 1ª conjugação (esses verbos apresentam situação ambígua, ou são particípios ou adjetivos): aceito - aceite para aceitar, variante do padrão geral: aceitado; morto - para matar, variante do padrão geral: matado, etc.;

2. com base no alomorfe do radical do infinitivo: dito para dizer; feito para fazer posto para pôr; visto para ver, etc. Com base nesses agrupamentos, Mattoso Câmara Jr. (1972) estabelece um padrão comum para os verbos irregulares, passando a denominá-los de VPE, face aos verbos de padrão geral.

Os VPE considerados por Mattoso Câmara Jr. (1972) são os seguintes: **caber**, **dar**, **dizer**, **estar**, **fazer**, **haver**, **ir**, **medir**, **ouvir**, **pedir**, **perder**, **poder**, **pôr**, **prazer**, **querer**, **requerer**, **saber**, **ser**, **ter**, **trazer**, **valer**, **ver** e **vir**. Todos estes verbos foram considerados como irregulares pelas gramáticas normativas contemporâneas e, nas gramáticas históricas, como se desviando do padrão regular ao longo de sua evolução.

1.4.1 Descrição e análise dos verbos "irregulares" no português arcaico

Mattos e Silva (1989; 1994), em estudo diacrônico dos VPE do PA, faz uma análise descritiva das mudanças morfofonológicas em seus múltiplos aspectos, de acordo com o tipo de variação apresentada no lexema desses verbos. As interpretações feitas pela autora para os fenômenos fônicos vão ser melhor demonstradas no capítulo IV, quando será feita uma comparação entre os VPE no PA e os VPE do português do século XVI. A classificação utilizada pela autora tem por base a proposta de Mattoso Câmara Jr. (1972), em que se distinguem morfologicamente os VPE, a partir de dois tipos de radical: **o do perfeito (TP)** e o **do não-perfeito (TNP)**.

A proposta de Mattos e Silva (1989a, p. 352;1994, p. 49-50) em relação à de Mattoso Câmara Jr. (1972) destaca a existência de uma especificidade ou divergência das formas do perfeito, contrapondo-se a:

1. formas do não-perfeito com lexemas variáveis;
2. Formas do não-perfeito com lexemas invariáveis e
3. formas do não-perfeito com lexemas variáveis, sendo o lexema das formas do perfeito a variante mais generalizada do lexema do não-perfeito.

Os agrupamentos considerados pela autora são os seguintes:

Tipo 1: Verbos que apresentam variação no lexema das formas do não-perfeito e têm lexema específico para as formas do perfeito, com ou sem variantes;

Tipo 2: Verbos que apresentam lexema invariável para as formas do não-perfeito e têm lexema específico para as formas do perfeito;

Tipo 3: Verbos que apresentam variações nos lexemas do não-perfeito, sendo o lexema das formas do perfeito a variante mais generalizada do lexema do não-perfeito;

Tipo 4: Verbos de particípio passado (PP) especial, tradicionalmente chamado de particípio forte.

Cada subgrupo é constituído tendo por base o tipo de particularidade apresentada por um grupo de verbos.

O subgrupo 1 é formado por 14 verbos (dizer, trager, fazer, aver, teer, viir, põer, veer, estar, poder, jazer, querer, ir e ser) e subcategorizados de acordo com os processos fônicos comuns, mas não exclusivos, sendo 7 para os lexemas dos TNP e 5 para o lexema dos TP:

Lexemas dos TNP

a) variação na consoante final ou seu apagamento;

b) variação travamento nasal/vibrante no final do lexema;

c) diferença de vogal do lexema e/ou por seu alongamento por palatal <j>, resultado de palatalização histórica;

d) variação da consoante que trava o lexema de acordo com a etimologia;

e) variação na ditongação do lexema;

f) lexemas heteronímicos do verbo ir - *vadere e ire;*

g) variações vocálicas e consonânticas nos lexemas heteronímicos do verbo *seer* - *sedere* e *esse.*

Lexema dos TP

a) lexema próprio aos tempos do perfeito e distinto dos lexemas do não-perfeito.;

b) variação do lexema que opõe por alternância vocálica <i:e> P_1 a P_3 de $IdPt_2$;

c) variação do lexema que opõe por alternância vocálica <u:o> P_1 a P_3 de $IdPt_2$;

d) verbo *seer* que opõe por alternância vocálica <u:o> P_1 e P_3 de $IdPt_2$ e tem como base lexical de todos os TP a forma P_3 *-fo;*

e) o verbo *veer* que em todos os TP apresenta o lexema *vi-.*

O subgrupo 2 é constituído pelos verbos saber, prazer, caber e dar, subcategorizados em dois tipos.

Lexemas dos TNP	**Lexema dos TP**
a) lexema invariável (sab-, praz-, cab-);	a) lexema com ditongação herdada de sua história saib-, proug- e coub-;
b) verbo dar que se apresenta com vogal temática *a* – Vt*a.*	b) Verbo dar que se apresenta com vogal temática *e* - VT*e*.

O subgrupo 3 é formado por verbos que apresentam um lexema para o IdPr e SbPr e outro que constitui a base do lexema dos outros tempos do presente e de todos os TP; esses verbos são chamados de verbos semi-irregulares, como coloca a autora:

Lexema de IdPr P1 e SbPr P1 a P6

a) Verbos que têm o lexema de IdPr P1 e SbPr fechados por sibilante |tʃ| > ficativa |s|, grafada <ç> decorrente do étimo latino em que as formas correspondentes apresentam uma semivogal anterior, seguindo a consoante final do lexema;

b) Verbos que terminam seu lexema pelo sufixo derivacional incoativo do latim *<-scere>.*

Os lexemas nos outros tempos e pessoas não variam, apresentam-se de acordo com o lexema do infinitivo. O subgrupo 4, por sua vez, é formado por verbos em que o particípio passado (-PP) não segue o padrão geral - *LEX + VT + do* e estão organizados da seguinte forma: a) Verbos que têm um lexema específico de acordo com seu étimo latino para o PP e b) Verbos que têm um lexema único próprio ao verbo. A esses lexemas são acrescidos os morfemas nominais de gênero e número. Os VPE do PA analisados por Mattos e Silva (1994) possuem, em sua maioria, vogal temática *-e-*, conforme coloca a autora. A vogal temática apresenta, neste período, as seguintes características:

a) variação entre <e ~ i> em sílaba não-acentuada em P_1 e P_3 de $IdPt_2$ dos verbos saber, trager, aver, poder: soube/ soubi, trouxe/ trouxi, ouve/ ouvi, pude/ pudi;

b) variação de verbos sem vogal temática ou apocopada e verbos com Vte ~ i com fechamento da sílaba da consoante final: faze/faz, feze/fez, fize/fiz, pose/pos, quise/quiz, dize/diz, jaze/jaz;

c) presença-ausência de VT com radical travado por nasal ou por líquida etimológica: pon/ põe, sol/ soe, sal/ soe, val/ vale, quer/quere.

Os VPE considerados por Mattos e Silva, no *corpus* que analisou, são: caber, dar, dizer, estar, fazer, aver, ir, jazer, medir, ouvir, pedir, poder, põr, prazer, querer, saber, seer, tẽẽr, trager, veer, vĩĩr e, ainda, os verbos acaecer, arder, crecer, mentir, conhocer, nacer e sentir, não considerados por Mattoso Câmara Jr. (1972), porque se regularizam no português moderno. A meta da autora é o PA.

1.5 Conclusão

Neste capítulo, procurou-se evidenciar, através de diversos estudos gramaticais, como são caracterizados os verbos irregulares. Esses verbos são assim designados por apresentarem variação no lexema e/ou na flexão, frente aos verbos de lexema invariável e com terminações padronizadas, os verbos regulares. Inicialmente sob a perspectiva da tradição normativa gramatical, que – embora identifique essas variações, e, neste aspecto, tenha contribuído para uma definição da irregularidade verbal – não faz uma análise da variação apresentada no lexema desses verbos. As conclusões daí decorrentes estão limitadas a um exame contrastivo com os verbos regulares e vinculadas a esses. Como os verbos irregulares não apresentam o tipo de uniformização próprio daqueles, são submetidos apenas ao critério de ordenação alfabética, como já nos referimos antes.

Num outro momento, buscou-se, através de uma retrospectiva histórica, na gênese e na evolução do sistema verbal do português, embora de forma parcial, como são explicadas as variações temáticas e flexionais dos verbos irregulares segundo as gramáticas históricas clássicas. Essas gramáticas atribuem a maior parte das variações apresentadas por um grupo de verbos como resultante de mudanças fônicas e analógicas. Esses verbos são examinados em conjunto como os verbos que não apresentam variação quando da sua conjugação. E, embora não haja uma preocupação em os classificar, pelas razões apresentadas anteriormente, isso se dá, de certa forma, a partir do momento em que esses verbos são agrupados em separado, por ordem alfabética e/ou por conjugação, com os tipos de variação apresentados em determinados tempos, pessoas e modos, mesmo que para facilitar a visualização de tais variações. São indicados, assim, em que momento esses se desviaram do paradigma regular. E, como esses estudos tratam basicamente do período anterior ao que pretendemos analisar, o século XVI, as descrições e os registros das mudanças que caracterizam esses verbos serão extremamente valiosos quando da descrição e/ou comparação dos nossos dados nos capítulos III e IV, respectivamente.

Então, de um lado, temos as informações dadas pelas gramáticas normativas e, de outro, as explicações oferecidas pelas gramáticas históricas para as alterações desses verbos, embora a partir de perspectivas diferentes.

Apresentou-se, a seguir, a proposta de análise para os verbos irregulares no português contemporâneo feita por Mattoso Câmara Jr. (1972) a partir do ponto em aberto deixado pelas gramáticas normativas. Através de uma análise crítica na forma de classificação verbal do português feita por essas gramáticas, tanto para os verbos regulares (padrão geral) quanto para os verbos irregulares (padrão especial), o autor estabelece uma classificação para esses últimos, pautada na análise dos tipos de variações próprias desses e verifica que muito da irregularidade atribuída à parte dos verbos considerados irregulares está de acordo com o padrão regular. As formas em que ocorre realmente a variação e que podem ser contrastadas a partir dos subagrupamentos são assim consideradas por critérios que levam em conta dois tempos básicos: o do perfeito e o do não-perfeito. Com esse estudo, o autor preenche uma lacuna deixada pelas gramáticas normativas e demonstra que os chamados verbos irregulares são passíveis de padronização e desenvolve um modelo próprio, denominando-os VPE, conforme se verificou.

Em Mattos e Silva (1989;1994), no item 1.3.1, tem-se uma descrição morfofonológica dos verbos em que ocorrem alterações nos lexemas e na flexão, classificados a partir do desenvolvimento da proposta de Mattoso Câmara Jr. (1972). Essa descrição dos VPE é favorecida pela realização da análise em duas perspectivas: de um lado, os verbos vistos diacronicamente em todo o dinamismo da mudança e, de outro, o resultado dessas mudanças em um dado momento, possibilitando a visualização do quadro estrutural da época. Nesse sentido, é um estudo inovador.

Assim, esperamos dar sequência a esse estudo, a partir da descrição dos VPE no português do século XVI. De posse do conhecimento adquirido e sintetizado neste capítulo, pretendemos descrever e analisar aspectos morfofonológicos dos VPE no século XVI, com base nos estudos já realizados com esses verbos em períodos anteriores, e, depois, comparar os resultados obtidos com os dados apresentados por Mattos e Silva (1989;1992) para o período arcaico, determinando as possíveis mudanças dos VPE entre os dois momentos considerados, bem como as manutenções.

2 A constituição do *corpus* e os procedimentos metodológicos

2.1 Introdução

O *corpus* a ser analisado nesta pesquisa está datado entre o início e meados do século XVI. O espaço de tempo, embora seja relativamente curto, é marcado por importantes transformações históricas, e, dentre essas, o auge da expansão ultramarina portuguesa, com o domínio de parte da América do Sul, de parte da Costa e de ilhas do Oceano Índico e da Indonésia, e, ainda, de algumas regiões da África, dentre outras. Esses fatos possibilitaram a intensificação da transplantação e da consequente difusão da língua portuguesa, falada, em Portugal, na época, por, aproximadamente, 1 milhão de pessoas (CORVISIER, 1995, p.31), durante o reinado de D. Manuel, o Venturoso, e de todo o reinado do seu sucessor, D. João III. Esse último, foi o responsável pela criação das capitanias – as denominadas capitanias hereditárias[34], no Brasil, e pelo início da administração propriamente dita da Colônia, com o envio do Primeiro Governador Geral e, ainda, das primeiras tentativas para o "povoamento" do Brasil por portugueses.

Aliados a esses fatos, na época, ocorrem, também, o movimento da Reforma (1517), e o da Contra-Reforma (1545), liderado este por Portugal e Espanha, que não haviam sido atingidos pela Reforma, num século de grandes inovações técnicas; dentre essas, o surgimento da imprensa, que iria mudar radicalmente a forma dos livros, que não mais dependiam de serem escritos à mão, sobretudo, pelos monges, a exemplo do que ocorria na Idade Média.

Para caracterizar esse período, selecionamos os seguintes documentos.

As Cartas de D. João III, rei de Portugal, escritas entre 13/10/1523 e 20/02/1557, e a obra pedagógico-gramatical de João de Barros, publicada entre 1539 e 1540; esse período é anterior à dominação espanhola (1580-1640), que viria a caracterizar uma época de bilinguismo luso-espanhol em Portugal, conforme Teyssier (1981, p. 37). Nos itens 2.3 e 2.4, respectivamente, são feitos resumos das características desses documentos. No item 2.2, são

[34] Por Capitanias, entendem-se 15 lotes desiguais de terras constituídas de divisões paralelas (faixas) da costa brasileira. João de Barros foi um dos agraciados com uma dessas capitanias no Brasil, em 1535, por D. João III (BUESCU, 1971, p. VIII).

discutidas brevemente algumas questões sobre a periodização da língua portuguesa e sobre os cuidados com a seleção do *corpus*. Em 2.5, são feitas considerações sobre os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

2.2 O problema da delimitação de períodos da língua portuguesa

A periodização do português nem sempre tem sido feita por critérios propriamente linguísticos, i. e., pelos fatores internos da língua. A definição de fases é encarada, geralmente, como uma questão complexa e envolvida numa série de problemáticas. Teyssier (1981, p. 36) diz que determinar períodos na evolução da história da língua portuguesa não se constitui numa tarefa simples. Mattos e Silva (1994), no texto *Para uma caracterização do período arcaico do português,* a partir de uma reanálise do problema, propõe uma possível delimitação do período arcaico e do seu limite final, e, consequentemente, o início do período clássico ou moderno da língua portuguesa, presumivelmente no século XVI. A esse respeito, a autora (1994, p. 251) chega à seguinte conclusão:

> "Para que se chegue a determinar, com rigor e com base em fatos lingüísticos, o limite último do período arcaico e sua provável subdivisão, faz-se necessário ainda que se tome ou retome a documentação remanescente desse período com o objetivo de nela buscar as respostas para tais questões."

Um outro aspecto a considerar, numa definição de periodizações para a língua portuguesa, seria a falta de uma melhor caracterização para essa língua no século XVI, que, embora venha sendo continuamente estudada, através de teses acadêmicas, ainda era pouco conhecida até a década de 90 do século XX. Ivo Castro (1994), ao fazer uma avaliação desse período, no texto "Para uma história do Português Clássico", verifica que há, em relação ao PA, um desequilíbrio em termos de conclusões mais precisas sobre o português dessa época e se pergunta "**Como programar uma possível história da língua portuguesa das épocas clássica e contemporânea**?". São vários os aspectos a considerar, conforme coloca o autor. No que tange, especificamente, aos últimos anos do século XV e início do XVI, o autor (1994, p.5) questiona o papel da imprensa e a influência que essa poderá ter tido na língua escrita. "A multiplicação de cópias e de edições de um mesmo texto colectivizou os canais de transmissão das mensagens e exigiu dispositivos de fixação e padronização para o super-escriba que é o compositor tipográfico".

Sobre as possíveis transformações ocorridas no século XVI com a língua portuguesa, o ano de 1536 é considerado como um momento novo na história do português para L. Vasconcelos e L. Cintra (MATTOS E SILVA, 1994, p. 251). Também para a autora, esse ano marca: "o início da normativização gramatical, que depurará a escrita das variações da voz...".

A escolha de textos de um normativizador do século XVI, como João de Barros, traz informações importantes sobre essa questão, contrapondo-se a um estilo que, embora culto, é, pela própria natureza, mais informal como o das *Cartas de D. João III,* ainda que possuam, por se tratar de cartas, partes fixadas pela tradição discursiva. A escolha de edições fidedignas para uma análise mais precisa da história do português clássico, como adverte, ainda, Castro (1994, 5): "sublinharia que ela se distingue da história da língua medieval pela multiplicidade e diversificação dos materiais escritos, que exigem um recurso importante a técnicas filológicas prévias". Ciente dessa questão, optamos por edições reconhecidamente insuspeitas, de fontes fidedignas, como as que apresentaremos, a seguir.

2.3 Corpus

2.3.1 Obras pedagógico-gramaticais de João de Barros

A Grammatica da lingua portuguesa, o Diálogo em louvor da nossa linguagem e o Diálogo da viçiosa vergonha[35] (doravante GLP, DLNL e DVV, respectivamente) compõem a obra pedagógico-gramatical; de cunho mais pedagógico, os dois diálogos, e, de cunho mais gramatical[36], a gramática de João de Barros, escritor do século XVI (1496 ? – 1570;1571)[37].

---

[35] A Cartinha, que faz parte dessa obra, foi desconsiderada como *corpus* por não possuir as características das demais. É uma espécie de cartilha destinada aos meninos no aprendizado na língua materna, um livro de primeiras letras. Esse tipo de documento, as denominadas Cartinhas, já era, de certa forma, comum no século XVI. A primeira dessas cartinhas, intitulada a Primeira Cartinha Portuguesa, de 1504, foi atribuída a D. Diego de Ortiz Vilhegas (CORTEZ PINTO, *apud* BUESCU 1971, p. XXV).

[36] Há duas hipóteses sobre a publicação dessa obra. A primeira, defendida por Buescu (1971), é de que essa tenha sido editada em três etapas, sendo a primeira a Cartinha, em 20/12/1539, vinte e três dias antes das demais i. e., a segunda, a GLP e o DVV, e, por fim, o DLNL, ambas em 20/01/1540. Em um artigo posterior à publicação de Buescu, 1971; Nagel (1971) levanta uma segunda hipótese, que foi apresentada por Cintra (1971) em uma nota prévia da edição da referida autora, de que a "unidade de apresentação tipográfica" entre os três textos leva a supor que a obra de João de Barros tenha sido feita de uma única vez, dada, também, a existência de apenas dois portifólios.

[37] João de Barros é autor de uma obra que abrange várias outras áreas do conhecimento, como a de novelista e poeta em Crônica do Imperador Clarimundo (1520), de filósofo em *Rópica Pnefma ou Mercadoria Espiritua*l

Essa gramática de João de Barros, embora seja posterior à de Fernão de Oliveira, intitulada Grammatica da lingoagem portuguesa (1536), é considerada como sendo a primeira de cunho normativo da língua portuguesa. O próprio autor assim se posiciona: "vejamos (...) nam segundo convém à órdem da Gramática especulativa, mas como requére a preçeitiva" (BARROS, 1539-1540; *apud* BUESCU, 1971, P.294). Os dois diálogos são textos pedagógicos. O DLNL, por exemplo, "surge, antes de mais, como correspondendo a uma necessidade de Barros se completar e se esclarecer a si próprio como autor da Gramática" (BUESCU, 1971: XXX); o DVV, grosso modo, é um texto que discute os conceitos morais e cristãos, através da conversa entre o autor e o seu filho Antônio. A edição do conjunto da obra pedagógico-gramatical de João de Barros, utilizada para a composição do nosso *corpus,* é a de Maria Leonor Carvalhão Buescu (1971)[38], a partir do exemplar da Ajuda in 8º de 1540, impresso em Lisboa, por Luís Rodrigues[39].

Buescu (1971) adota, nessa edição, uma série de critérios, buscando dar maior expressividade linguística ao texto, sem, contudo, deixar de ser fiel ao mesmo (como coloca a própria autora). Os princípios seguidos pela editora e que julgamos serem relevantes considerar, dada a natureza morfonológica da nossa pesquisa, estão adaptados e colocados abaixo:

- manutenção do til ~ somente nos ditongos e na vogal nasal final acentuada ã (ex. meã), uma vez que João de Barros o considera apenas como uma equivalência tipográfica de m e n[40] ;

- uso de cedilha mesmo antes de e e i;

- acento agudo como sinal de abertura sobre as vogais a e o e, também, como sinal de tonicidade nas vogais i e u, e o acento grave como sinal de abertura em sílaba átona, de acordo com as normas atuais;

- substituição do y como representante da semivogal i, devido à oscilação de uso no texto, apesar da opinião expressa do autor;

- distinção entre i e j e u e v como vogais e consoantes, respectivamente, atendendo solicitação do próprio João de Barros;

(1531-1532), historiador nas Décadas e panegerista em o Panegírico da Infanta D. Maria e o de D. João III (1655), entre outras, (BUESCU, 1971, p. X).

[38] A autora apresenta ainda um prefácio e uma introdução com diversas informações sobre o autor, dando uma visão do homem, do gramático humanista e, ainda, do escritor e do conjunto de sua obra. Além de apresentar também os textos fac-similados.

[39] Existem, ainda, duas outras edições, a de 1785, dos monges cartuxos, e a de 1957, por José Pedro Machado, que faz parte das publicações da Sociedade de Língua Portuguesa (BUESCU, 1971, p. XXIX).

[40] Segundo a autora, ela procurou seguir os próprios preceitos de João de Barros, embora nem sempre os seguisse.

- manutenção de formas oscilantes ou aberrantes como: soposto Deos, leo, meo; soprir/ suprir, óraçóm/òraçám, per/pera por pôr, polo/pelo, todolos/todos;
- uniformização do h de acordo com a etimologia da palavra, assim transcreveu-se ũ por hũ e há por á.

A gramática de João de Barros vai ser duplamente analisada, primeiro como material linguístico propriamente dito, e, segundo, a partir das preciosas informações dadas pelo autor sobre a morfologia verbal portuguesa, e, principalmente, sobre VPE ou irregulares, enquanto gramático normativo do século XVI.

Embora João de Barros não trate especificamente dos VPE, ou irregulares, aborda a questão no item intitulado "*Das formações*" e se mostra bastante intuitivo ao identificar, na estrutura desses verbos, as suas diversas particularidades em relação à característica uniformizadora dos verbos de padrão geral ou regulares, como demonstra o próprio autor (*apud* BUESCU, 1971, p. 345), quando diz — "porque dos irreguláres, [h]á i tanto número, que seria, como diz o provérbio, maior o capelo que a cápa: e por nam cairmos nele, ante sejamos bréve que prolixo".

Essas são as palavras finais que encerram os itens destinados ao estudo do verbo. Ainda sobre "*Das formações*", o autor deixa antever os tipos de "*irregularidades*" que alguns verbos apresentam, como, por exemplo, o que ocorre com dar e estar. Esses verbos ditongam-se na P_1 do IdPr - dou e estou, diferentemente do que ocorre com os demais, como, por exemplo, amar, amo. A irregularidade, nesse caso, é de caratér flexional. O verbo haver é considerado por Barros como sendo também da 1º conjugação. Vejamos o que o autor diz (*apud* BUESCU, 1971, p. 343-344) sobre esse verbo:

> "E também se tira este vérbo [h]ei, [h]ás que é de todo irregulár, assi na conjugaçám como na formaçám, porque, sendo da primeira conjugaçám, acába no infinitivo em er, que paréçe da segunda. E quando vem à/ primeira posiçam da primeira pessoa do módo demostrador, dizemos [h]ei que nam tem conveniênçia com [h]aver, seu infinitivo".

Sobre a segunda conjugação, ele coloca como exceção à regra casos em que ocorre "irregularidade": P_1 de IdPr dos seguintes verbos, seguidos de alguns de seus compostos: poer, ponho (componho, anteponho, proponho); dizer, digo (bendigo, maldigo); arder, arço;

atraer[41] , atráio; ter, tenho (retenho, mantenho); jazer, jaço; ver, vejo; fazer, fáco[42] (desfaço, contrafaço e refaço) .

Nessa conjugação e nesse mesmo tempo e pessoa, são destacados os verbos que apresentam "irregularidade", como: ouvir, ouço; afligir, afligo[43]; vir, avenho; ir, vou; cair, cáio; concluir, concluio; seguir, sigo; medir, meço. Em alguns desses exemplos, a irregularidade se dá no lexema, como: 2º conj. (poer, dizer, arder, ter, jazer, ver e fazer), 3º conj. (ouvir, vir, ir (mudança de lexema) e medir). O autor (*apud* BUESCU, p. 344) destaca ainda o verbo ser. "E por/ser mui irregulár em suas formações nam falaremos máis dele...".

Algumas outras "irregularidades" são analisadas pelo autor no item 'Dos Pretéritos e Partiçípios" (BUESCU, 1971, p. 342), quando chama a atenção para os verbos da 2º conjugação (não cita verbos "irregulares" da 1ª conjugação) que não fazem o pretérito em *i* e o particípio em *ido*, como: 2ª conjugação apráz - aprouve, trágo - trágo, jaço - jouve, cubro - coube, em que "apráz, jaço careçém de partiçípio em bõa linguágem, porque os rústicos ô formam muitas vezes", e 3ª conjugação: ábro, abérto, cubro, cubérto (descobérto e encubérto), que fazem o particípio em *érto*.

Outros verbos são designados "irregulares": venho, vim, vindo (pretérito em *im*) e ponho - pus, posto (pretérito em us) e seus compostos.

A distinção entre conjugação e declinação, que, segundo Buescu (1971), já havia sido pressentida pelos gramáticos latinos, apenas no Renascimento se torna mais nítida. A autora chama a atenção para o conceito de verbo dado por João de Barros (BUESCU, 1971, p. 325).

> "VÉRBO (segundo difinçám de todolos gramáticos) é ũa vóz ou palávra que demóstra obrár algũa cousa, o qual nam se declina, como o nome e pronome, per cásos, mas conjuga-se per módos e tempos, como veremos per suas conjugações".

João de Barros reconhece, no português, apenas três conjugações: a, e e i. Para Buescu (1971), ele segue a tradição inaugurada por Trissino, ao agrupar as conjugações latinas *ĕre* e *ĕre* e, também, ao considerar os cinco modos no português: o indicativo (demonstrador), o imperativo (mandador), optativo (ou outativo, o desejador), o subjuntivo (subjuntivo,

[41] O verbo atraer não havia ainda mudado de conjugação (port. contemporâneo).
[42] Aparece, ainda, nesse grupo a P_1 do verbo reger do IdPr, rejo, como irregular, embora o autor não tenha colocado o seu infinitivo. O contrário ocorre com o verbo caber, que não aparece na P_1 de IdPr, mas apenas no infinitivo caber.
[43] A editora altera para aflijo.

ajuntador) e o infinitivo. No que se refere aos tempos, ele segue a tradição latina: O presente (presente), o imperfeito (passádo por acabar), o perfeito (passádo acabádo), o mais-que-perfeito (passádo máis que acabádo), futuro (vindouro ou futuro). Os outros tempos são considerados criações românicas, como forma de suprir tempos perdidos do latim, sendo tratados como *rodeos* ou *soprimentos*[44]. As situações em que ocorre o *rodeo,* consideradas pelo autor, são: tivéra amado (no tempo passado e mais que acabado no modo para desejar, como forma de soprir, a falta do tempo simples), ter amádo, ter ouvido (modo infinitivo não acabado em substituição ao tempo passádo), e [h]aver d'amár, [h]aver de ouvir.

E, ainda:

- tinha amado por amára (passado mais que acabado do indicativo);

- tivéra amádo, tivéra ouvido e tivéra sido (segundo o autor "máis comuns aos castelhamos que a nós") em substituição ao tempo passado não acabado do optativo;

- teria amado, teria ouvido e teria sido, em substituição ao passado não acabado do subjuntivo);

- amará, lerá, será, "com o açento no á finál, à diferença de amára, (...) ouvira que sam do tempo passádo nam acabádo do módo pera desejár, [em] que sòmente o açento fáz a variaçám dos tempos e módos." (BARROS, 1540, *apud* BUESCU (1971, p. 341), em substituição ao futuro do subjuntivo[45] .

O verbo é considerado por João de Barros como uma das principais classes gramaticais ao lado do nome, metaforicamente comparadas à importância do rei no jogo de xadrez "nóssos dous reies - nome e vérbo" (*apud* BUESCU, 1971, p. 324). Além dos tempos, modos e das conjugações já citadas, os verbos são classificados ainda em dois tipos: ou pessoais ou impessoais, subdivididos em gêneros (ativos e neutros)[46], espécies (primitivo e derivados), figuras (simples e compostas), em pessoas (1ª, 2ª e 3ª) e em números (singular e plural). Apesar de João de Barros ter esse estudo como introdutório, parte das suas noções sobre verbos são adotadas, ainda hoje, pela tradição gramatical normativa contemporânea.

---

[44] "Chamamos por rodeo quando simplesmente nam podemos usár d'algum, entám pera ô sinificar tomamos este vérbo tenho, naquele tempo que é máis confórme ao verbo que queremos conjugár, e, com o seu participío pássado" (BUESCU, 1971, p. 340).

[45] Essas são apenas algumas das situações onde se usa o *rodeo*; o próprio Barros (1540, *apud*, BUESCU, 1971, p. 341) diz que não esgota o assunto "Estes me paréçem as [s] áz para ésta vóssa introdução.

[46] O verbo ativo poderá ser convertido em passivo, mas, segundo o autor (*apud*, BUESCU, 1971, p.326-327), como a língua portuguesa não possui a passiva, usa, como forma de substitução, o rodeo, formado pelo verbo ser + PP de outro verbo. Ex.: "Eu sou amádo dos hómens e Deos é glorificádo de mi." E também por faltarem os verbos impessoais da voz passiva é usado em substituição um verbo na 3° pessoa do singular e o pronome se. Ex.: "No paço se pragueja fórtemente".

2.3.2 Cartas de D. João III, rei de Portugal

Letters of John III - King of Portugal com edição e introdução de J. D. M. Ford (1931). Essa edição refere-se às 372 cartas do rei de Portugal, D. João III (1502-1557, coroado em 1521). Essas cartas estão contidas em dois dos três portifólios[47] que, juntos, somam um total de 547 cartas. O restante, as 175 cartas do terceiro portifólio, são cartas de familiares do rei e de pessoas ligadas à nobreza, e não foram editadas em conjunto com as que são atribuídas a D. João III. Essas 372 cartas a que nos referimos situam-se num período de 33 anos e 4 meses e estão organizadas pelo editor por datas: de 13 de outubro de 1523 até 20 de fevereiro de 1557, o que corresponde a grande parte do tempo de reinado de D. João III. Existem, dentre essas, duas, das quais constam a expressão: "du — minha—" e "De minha mão", e que, possivelmente, podem ter sido escritas pelo próprio rei; são as de nº 371 (sem data) e a de nº 372, de 22 de junho (sem ano), respectivamente. As demais foram escritas por inúmeros copistas. O maior número das cartas está situado entre 1533 e 1537 e no ano de 1551. Estavam essas cartas inéditas, com exceção de uma edição diplomática feita por Fernando Palha, em 1882, de 23 dessas. Ford (1931), ao editar as 372 cartas, diz que refez a edição também dessas 23. As modificações feitas pelo editor envolveram, segundo o próprio, os seguintes aspectos: introdução da pontuação, marcação de maiúsculas e desmembramento de algumas sentenças muito longas, procurando uniformizá-las.

A necessidade da reordenação de algumas sentenças deveu-se, sobretudo, às diferenças de estilos, uma vez que as cartas foram escritas por diferentes copistas e em épocas distintas: "*The originals are often very diffuse in style*" e "*We are aware that in supplying the punctuation and in dismembering page-long sentences, we may occasionally have mistaken the sense; but we hope that we have avoided dangers of the sort.*" (FORD,1931, p. XIII).

No que se refere à grafia, o editor manteve-a conforme o original. "*We have avoided the modernizations of these transcripts and have adhered to the graphical conditions of the originals, as we have said above*" (FORD, 1931, p. XIII).

---

[47] Os três portifólios cedidos por Mr. John B. Stetson, Jr. (*Harvard University*) fazem parte da biblioteca de Fernando Palha, membro da Academia Real de Ciências de Lisboa, que morreu em 1897 (FORD,1931, p. 231 XI).

2.4 Questões metodológicas

A nossa proposta nesta pesquisa é descrever os fenômenos morfofonológicos que caracterizam os VPE encontrados nesse *corpus* do século XVI. Confrontaremos textos que, embora de registros semelhantes, textos cultos, são de estilos distintos, um formal e outro menos formal, como dissemos, a fim de determinar possíveis diferenças e/ou variações entre ambos, e dentro de um mesmo texto, visando, também, a ampliar o nosso campo de análise e a fornecer melhor testemunho linguístico da época - gramática e os dois diálogos que fazem parte dessa, de João de Barros (doravante JB), e as Cartas de D. João III (doravante DJ), escritas por diversos copistas.

Os textos de João de Barros perfazem um total de 87 páginas digitadas; as 372 cartas, 255 páginas. Com o objetivo de equacionarmos as dimensões entre os dois documentos, fizemos uma seleção dentre as cartas, reduzindo-as a 141 (85 páginas digitadas). Essa seleção não foi arbitrária. Escolhemos as cartas por décadas, procurando incluir todo o período em que foram escritas. Evidentemente, devido à desproporção numérica entre os anos, a amostragem de alguns é superior à de outros. Procuramos, também, abranger todos os copistas, a fim de que essa seleção fosse resultado da maior variação possível em termos não somente de datas como também de estilos[48], conforme detalha o Anexo 4, perfazendo um total de 3.732 dados de DJ, e de 3.309 dados, que corresponde esta à seleção exaustiva dos dados da obra pedagógica-gramatical de JB, perfazendo um total de 7.041 dados e mais 197 de verbos com particípio passado especial, perfazendo um total de 7.238 dados, como serão mostrados, detalhadamente no Quadro 11, adiante.

Após a descrição e a interpretação dos aspectos morfofonológicos dos VPE, à luz das mudanças fônicas e/ou análogicas que caracterizam o português do século XVI e para que fosse possível determinar se essas mudanças tornaram menos irregulares ou regulares esses verbos, foi necessário comparar os resultados do século XVI, a partir dos dois conjuntos de documentos mencionados, a obra pedagógico gramatical de João de Barros e as Cartas de D. João III, com estudos já realizados com os VPE no PA, a partir de Mattos e Silva (1989a), que fez uma descrição e uma análise extensiva desses verbos na versão trecentista dos Diálogos de São Gregório[49], com base na edição crítica desse texto (1971), intitulado pela

[48] A relação das cartas escolhidas se encontra no anexo de nº 4.

[49] Os Diálogos de São Gregório se constituem em um documento de cunho religioso e do qual existem três versões medievais portuguesas (uma de 1416, outra de fins do século XIV e início do XV e a terceira datada por

autora de "A mais antiga versão portuguesa dos Quatro livros dos Diálogos de São Gregório", e de outros textos, na sua publicação de 1994. Utilizamos, também, nessa comparação, os resultados de um trabalho com os VPE realizado por Novais e Almeida (1994) com a Carta de Pero Vaz de Caminha[50], documento que marca o fim do século XV e o primeiro relativo ao Brasil. Essas comparações são muito importantes para que possamos traçar o percurso dos VPE nos momentos considerados. Os VPE foram quantificados com o programa Varbrul, os atuais GoldVarb e R[51] .

As descrições e as análises das mudanças fônicas e/ou analógicas foram fundamentadas, principalmente, nas orientações já estabelecidas pelos estudos de fonética articulatória e de fonética histórica. Para fins de classificação dos verbos ditos irregulares, utilizaremos, como dito, anteriormente, a proposta de Mattoso Câmara Jr. (1979), desenvolvida e aplicada ao PA por Mattos e Silva (1989;1994). Os agrupamentos por tipo (1, 2, 3 e 4) são:

Tipo 1 ou Subgrupo 1: Verbos que apresentam variação no lexema das formas do não-perfeito e têm lexema específico para as formas do perfeito, com ou sem variantes (subgrupo mais complexo);

Tipo 2 ou Subgrupo 2: Verbos que apresentam lexema invariável para as formas do não-perfeito e têm lexema específico para as formas do perfeito;

Tipo 3 ou Subgrupo 3: Verbos que apresentam variações nos lexemas do não-perfeito, sendo o lexema das formas do perfeito a variante mais generalizada do lexema do não-perfeito e

Tipo 4 ou Subgrupo 4: Verbos de particípio passado especial, chamado de particípio forte.

Mattos e Silva (1989), como sendo anterior a 1385), usadas como *corpus* para as análises desenvolvidas pela autora no livro intitulado de - Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico.

[50] A edição da Carta de Caminha utilizada pelas autoras foi Pereira (1964) com reprodução fac-simulada do manuscrito original. Essa Carta de Pero Vaz de Caminha é datada em 1º de maio de 1500 e trata-se de uma narrativa enviada ao rei de Portugal, D. Manuel, sobre as terras recém-descobertas, onde são descritas as características dos seus habitantes e os acontecimentos da viagem feita por Cabral e sua frota, entre outros fatos.

[51] Esse programa, denominado de Varbrul, posteriormente de GoldVarb e, atualmente, R, constitui-se num conjunto de programas de quantificação de dados linguísticos variáveis, analisados sob a perspectiva da teoria de variação linguistica laboviana. (SCHERRE, 1992).

3 Verbos de padrão especial no Português do século XVI

3.1 Introdução

Os VPE caracterizam-se basicamente por variações apresentadas no lexema. Essas variações decorrem de diversos processos morfofonológicos. Pretendemos descrever e analisar esses processos a partir de: Nunes (1960); Piel (1989); Huber (1986); Williams (1961); Teyssier (1982); Coutinho (1976); Said Ali (1964); Mattos e Silva (1989-1994) e Clarinda Maia (1986), entre outros, buscando delinear a realidade linguística desses verbos no português do século XVI, através da comparação de dois documentos diferentes desse período, conforme já referido.

As variações gráficas a serem depreendidas entre os textos (ou em um mesmo texto) poderiam indicar manifestações da fala desse período. Esses indícios constituirão um importante material linguístico a ser analisado, no sentido de refletirmos sobre a variação da língua também como um fator de possíveis mudanças linguísticas (WEINREICH; LABOV e HERZOG, 1968).

Assim, organizamos o capítulo da seguinte forma: no próximo item, o 3.2, serão mostrados os resultados, a procedência dos dados e a maneira de apresentação dos mesmos. Em 3.3, 3.4, 3.5 e 3.6, a análise dos subgrupos 1, 2, 3 e 4, respectivamente. No item 3.7, trataremos brevemente das variações gráficas e/ou fônicas atestadas. E, finalmente, em 3.8, faremos um estudo comparativo das possíveis variações entre os dados de JB e DJ [52].

3.2 Os dados

Os VPE encontrados nos documentos analisados foram: arder, caber, daar ~ dar, dizer, estár ~ estar, fazer ~ ffazer, aver ~ haver ~ [h]aver, hyr ~ ir ~ yr, jazer, medir, ouvir ~ ouvyr,

[52] Como dissemos anteriormente, aplicaremos a proposta de classificação dos VPE elaborada por Mattoso Câmara Jr. (1976), tendo por base o português contemporâneo. Esse modelo foi adaptado e desenvolvido por Mattos e Silva (1989) no PA. E essa será a versão que assumiremos e que norteará nosso trabalho, assim como as definições para os quatro subagrupamentos e os respectivos fenômenos fonológicos que caracterizam os subtipos verbais, destacados em itálico, no corpo do texto. As formas verbais estão escritas de acordo com a grafia original.

poder, por ~ poer, prazer ~ praser, pedir ~ pidir, perder, querer, saber, ser ~ seer, ter ~ teer, trazer, vir ~ vyr, ver ~ veer.

O total e a frequência (da maior para a menor) de cada um desses itens verbais distribuídos no *corpus* estão demonstrados no Quadro 11, a seguir:

Quadro 11 - O total e a origem dos dados analisados

Nº	DOCUMENTOS /VERBOS	OBRA PEDAGÓGICO GRAMATICAL DE JOÃO DE BARROS	CARTAS DE D. JOÃO III	SUB-TOTAL
01	ser ~ seer	898	616	1.514
02	fazer ~ ffazer	211	641	852
03	ter ~ teer	458	273	731
04	dizer	410	201	611
05	aver ~ [h]aver ~ haver	145	408	552
06	poder	188	241	429
07	querer	204	145	349
08	ir ~ hyr	50	305	355
09	dar ~ daar	99	189	288
10	ver ~ veer	102	152	254
11	vir	86	172	258
12	estar	96	98	194
13	por ~ poer	111	18	129
14	ouvir	100	11	111
15	saber	56	141	197
16	pedir ~ pidir	20	51	71
17	prazer	20	27	47
18	trazer	25	27	52
19	perder	18	13	30
20	jazer	6	1	07
21	arder	02	1	03
22	caber	02	1	03
23	medir	02	—	02
TOTAL GERAL		3.309	3.732	7.041

Além desses, constam da documentação os verbos que têm particípio passado especial, que não estão incluídos nos resultados acima e que somam um total de 197, sendo 50 em JB e 148 em DJ[53] . E são os seguintes: aberto (abrir), aceito (aceitar), cinto (cingir), coberto (cobrir), cuberto (cubrir), coseito (coser), colheito (colher), dito (dizer), escrito (escrever), expresso (exprimir), feito ~ ffeyto (fazer), impresso (imprimir), morto (matar), morto (morrer), nado (naçer), pago (pagar), posto (poer ~ por), preso (prender), solto (soltar) e visto (ver ~ veer).

O número total de dados analisados é de 7.238, sendo que 144 estão na forma derivada, tais como: maldigo, bendigo, contradizer, etc. (de dizer) contrafaço, refaço, desfaço, etc. (de fazer) avenho, convinha, etc. (de vir), proponho, componho, etc. (de por ~ poer) proveer, etc. (de ver ~ veer) comprazer, aprazer, etc. (de prazer), dentre inúmeros outros, conforme se poderá verificar nos dados que antecedem cada subgrupo, demonstrados nos

[53] Esses verbos não foram incluídos no conjunto acima, porque, à exceção do PP especial, nos demais modos, tempos e pessoas, estão de acordo com o paradigma dos verbos de padrão geral.

itens 3.3, 3.4 e 3.5. As formas derivadas (pois, de modo geral, seguem o mesmo padrão dos verbos primitivos) transferiram seus lexemas, analisados de acordo com os lexemas desses verbos, e foram destacadas apenas quando da ausência do lexema na forma primitiva. Ex.: pus- de poer ~ por, que só foi registrado na P_6 de $IdPt_2$ do verbo derivado: compuséram. Na forma primitiva, aparece somente pos- poséram.

Indicamos a procedência dos dois grupos de textos pelas seguintes abreviaturas: JB, que inclui os VPE encontrados na obra pedagógico-gramatical de João de Barros (GLP, DLNL e DVV), e DJ, que especifica os dados das Cartas de D. João III. A fim de facilitar a visualização, optamos por colocar cores diferentes para cada um desses grupos de textos. Usamos também convenções[54] para designar os modos e os tempos, agrupados com base na variação dos lexemas dos tempos não-perfeito (IdPr, $IdPt_1$, $IdFt_1$, $IdFt_2$, SbPr, Imp., Inf. fl., Inf., e Ger.) e os dos TP ($IdPt_2$, $IdPt_3$, SbPt e SbFt), conforme as especificações próprias de cada subgrupo (1, 2, 3) e o 4, que trata dos verbos que possuem particípio passado especial. As seis pessoas gramaticais foram representadas pela letra P, numerada de 1 a 6 (sendo que as de P_1 a P_3 se referem às pessoas do singular, e as de P_4 a P_6, às pessoas do plural), com indicações à esquerda da realização das mesmas nos lexemas de cada forma verbal. As análises sobre os dados serão precedidas dos verbos nas pessoas, tempos e modos encontrados na documentação. Os exemplos utilizados foram identificados da seguinte forma: na GLP de JB, serão indicados os títulos dos capítulos (e a partir daí, o número da linha e da página) e no DVV e no DLNL, apenas o número da linha e da página, e, em DJ, os exemplos terão, além do nº da carta, as iniciais dos copistas e os números das linhas e das páginas.

3.3 Verbos do subgrupo 1

> *Verbos que apresentam variação no lexema das formas do não-perfeito e têm lexema específico para as formas do perfeito, com ou sem variantes.*

Os verbos do subgrupo 1 são os que apresentam o maior número de variação nos seus lexemas, sendo que, nos TNP, essa variação é bastante acentuada. E, embora haja uma oposição entre a P_1 e a P_3 de $IdPt_2$ em parte dos verbos desse subgrupo, que caracterizaria, a princípio, também uma variação nos TP, é a forma de P_1 o lexema específico para os outros

---

[54] Os acrogramas para indicar tempo/modo e pessoa verbais seguem Mattoso Câmara Jr. (1978).

TP[55]. Os verbos que se realizam dessa forma são: dizer, trazer, fazer ~ ffazer, haver ~ aver, ter ~ teer, vir, por ~ poer, ver ~ veer, estar, poder, jazer, querer, saber, ir ~ hyr e seer ~ ser. Esses verbos estão subagrupados, abaixo, a partir fenômenos fônicos comuns em cada grupo de lexema, os do não-perfeito, que correspondem a i, e o do perfeito, a ii. A descrição dos verbos jazer e caber foram reduzidos devido à sua ocorrência limitada nos dados; desse modo, restringimos a apresentação dos mesmos apenas aos tempos, modos e pessoas em que foram documentados.

3.3.1 Descrição dos dados

i

Dizer — DIG- / DIZ-, DEZ- / DI- ~ DY

DIG - (IdPr - P_1; SbPr - P_1, a P_6)
DIZ - (IdPr - P_2 a P_6; IdPt1 - P_3 e P_6; Imp - P_2 e P_5; Inf.Fl. - P_5 e P_6; Inf. e Ger.)
DEZ - (IdPt1 - P_3 e P_6)
DI - (IdFt1 - P_1 a P_6, e Imp - P_2)
DY - (IdFt2 - P_1; Imp. - P_2)

NÃO-PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	digo	dizes	diz	dizemos	—	dizem
	DJ	diguo	dises ~ dizes	diz	—	dizees ~ dizeys ~ dizeyis~ dizeis	dizem~ dizẽ
IdPt1	JB	—	—	dizia	—	—	diziam
	DJ	—	—	dezia ~ dizia	—	—	deziam
IdFt1	JB	direi	dirás	—	diremos	—	dirám~ diram
	DJ	—	—	dira ~ diraa	—	direis ~ direys ~ dires ~ direes	—
IdFt2	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	dyrya	—	—	—	—	—
Imp.	JB	—	dize	—	—	—	—
	DJ	—	dize dir ~ dy	—	—	dizey ~ dizee	—
SbPr.	JB	—	digas	diga	digamos	—	digam
	DJ	digua	—	diga	—	digaees ~ diguaes~ diguais~ digais~ digaes	—
Inf.Fl	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	dizerdes	dizerem ~ dizerẽ
Inf.	JB	dizer					
	DJ	dizer					
Ger.	JB	dizendo					
	DJ	dizendo ~ dizemdo					
Derivados	JB	maldigo - bendigo - contradizer					

[55] As formas variantes de um mesmo lexema ocorrem tanto nos tempos do não-perfeito quanto nos do perfeito; a coexistência de mais de uma forma indica possivelmente variações na fala ou na maneira de representá-la.

PERFEITO (específico - variantes)

ii

Dizer DIS- ~ DES- ~ DISC- DIX-

DIS - (IdPt$_2$ - P$_1$, P$_3$, P$_4$, P$_5$ e P$_6$, IdPt$_3$ - P$_3$; SbPt - P$_2$ a P$_6$ e SbFt - P$_1$ a P$_6$)
DES- (SbPt - P$_3$)
DISC - (SbPt - P$_5$)
DIX - (IdPt$_2$ P$_3$)

		P$_1$	P$_2$	P$_3$	P$_4$	P$_5$	P$_6$
IdPt$_2$	JB	disse	—	di[s]se ~ dissé ~ dixe[56]	dissémos	—	disséram
	DJ	—	—	disse ~ dise	—	disestes	diseram ~ diserõ ~ diserão
IdPt$_3$	JB	—	—	disséra	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPt	JB	—	—	dissésse ~ desésse	disséssemos	—	—
	DJ	—	diseses	disese	—	diseseis ~ discesseys	disesem
SbFt	JB	dissér	disséres	dissér	dissérmos	—	disséren
	DJ	diser	—	diser	—	diserdes	—

NÃO - PERFEITO (variação)

i

Trazer: TRAG- TRAZ- TRA-

TRAG- (IdPr - P$_1$, SbPr - P$_6$)
TRAZ -(IdPr - P$_2$, P$_3$, P$_4$ e P$_6$; IdPt$_1$ - P$_3$; Imp. - P$_2$; Inf. Fl - P$_2$ e P$_6$; Inf. e Ger.)
TRA - (IdFt$_1$ - P$_3$)

		P$_1$	P$_2$	P$_3$	P$_4$	P$_5$	P$_6$
IdPr	JB	trágo	trázes	tráz	trazemos	—	trázem
	DJ	—	—	traz	—	—	—
IdPt$_1$	JB	—	—	trazia	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
IdFt$_1$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	trara	—	—	—
IdFt$_2$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Imp.	JB	—	tráze	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPr.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	tragam
Inf.Fl	JB	—	trazeres	—	—	—	trazerem
	DJ	—	—	—	—	—	trazerem ~ trazerẽ
Inf.	JB	trazer					
	DJ	trazer					
Ger.	JB	trazendo					
	DJ	—					

PERFEITO (específico - variantes)

Ii

Trazer TROUX-

TROUX- (IdPt$_2$ - P$_1$, P$_3$, P$_4$ e P$_6$; SbPt - P$_6$ e SbFt - P$_3$)

		P$_1$	P$_2$	P$_3$	P$_4$	P$_5$	P$_6$
IdPt$_2$	JB	trouxe	—	trouxe	trouxemos	—	trouxerám
	DJ	—	—	trouxe	—	—	—
IdPt$_3$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPt	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	trouxesem
SbFt	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	trouxer	—	—	—

[56] Esse lexema aparece apenas como exemplo na GLP de JB.

NÃO-PEFEITO (variação)

i -
<u>Fazer</u> FAÇ- ~ FFAÇ-
FAZ- ~ FFAZ- ~ FAAZ- ~ FAZZ
FA- ~ FFA

FAÇ- (IdPr - P_1 e SbPr - P_1, P_2, P_3, P_5 e P_6)
FFAÇ- (IdPr - P_1 e SbPr - P_5)
FAZ- (IdPr - P_2 a P_6 ; $IdPt_1$ - P_3 e P_6; Imp. - P_5 ; Inf. Fl. - P_4, P_5 e P_6; Inf. e Ger.)
FFAZ- (Inf. fl. - P_5, Inf. e Ger)
FAAZ - (IdPr - P_3)
FAZZ - (Ger.)
FA - ($IdFt_1$ - P_1, P_3, P_4, P_5 e P_6 e $IdFt_2$ - P_3, P_5 e P_6)
FFA - ($IdFt_1$ - P_5)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	faço	fázes	fáz ~ faz	fazemos	—	fazem ~ fázem
	DJ	faço ~ ffaço	—	faz ~ faaz	fazermos	fazeis ~ fazeys	fazem ~ fazẽ
$IdPt_1$	JB	—	—	fazia	—	—	faziam
	DJ	—	—	fazia	—	—	faziã ~ fazião
$IdFt_1$	JB	farei	—	fará	faremos	—	—
	DJ	farey	—	fara ~ faraa	—	fares ~ fareys ~ fareis ~ ffareis	farã
$IdFt_2$	JB	—	—	faria	—	—	—
	DJ	—	—	faria	—	farieis	fariam
Imp.	JB	—	—	—	—	fazei	—
	DJ	—	—	—	—	fazey	—
SbPr.	JB	—	fáças	faça	—	—	façam ~ fação
	DJ	faça	—	faça	—	façaaes ~ ffaçaes ~ façaes ~ ffaçaes ~ façais ~ ffaçais ~ façaeis ~ façaees	façam
Inf.Fl	JB	—	—	—	—	—	fazerem
	DJ	—	—	—	fazermos	fazerdes ~ ffazerdes	fazerem ~ fazerẽ
Inf.	JB	fazer					
	DJ	fazer ~ ffazer					
Ger.	JB	fazendo					
	DJ	fazemdo ~ fazẽdo ~ ffazemdo ~ fazendo ~ fazzendo ~ ffazendo					
Derivados	JB	desfázem - contrafázem - contrafaço - refaço desfaço					
	DJ	desfazer - desfazerem ~ desfarẽ					

PERFEITO (específico - variantes)

ii-
<u>Fazer</u>
FIZ- ~ FYZ- ~ FFIZ-
FEZ- ~ FFEZ-

FIZ- ($IdPt_2$ - P_1, P_5 e P_6 , $IdPt_3$ - P_1 e P_3 , SbPt - P_3 e P_6; SbFt - P_1, P_3, P_5 e P_6)
FYZ- (SbFt - P_3)
FFIZ- ($IdPt_3$ - P_3 e SbFt - P_5)
FEZ- ($IdPt_2$ - P_3, P_5 e P_6 ; SbPt - P_3 e P_6 ; SbFt - P_3, P_5 e P_6)
FFEZ- ($IdPt_2$ - P_3)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
$IdPt_2$	JB	fiz	—	fez	—	—	fezéram ~ fizéram
	DJ	fiz	—	fez ~ ffez	—	fizestes ~ fezestes	fizerão ~ fezeram ~ fezerã ~ fezerõ ~ fizeraão ~ fizerã
$IdPt_3$	JB	—	—	fizera	—	—	—
	DJ	fizera	—	fizera ~ ffizera	—	—	—
SbPt	JB	—	—	fizésse	—	—	fezéssem ~ fizéssem
	DJ	—	—	fizese ~ fezese ~ fizesse	—	—	—
SbFt	JB	fizer	—	—	—	—	fizérem
	DJ	—	—	fizer ~ fyzer ~ fizer ~ fezer	—	fizerdes ~ ffizerdes ~ fezerdes	fizerem ~ fizerẽ ~ fezerem

i -

Aver AV- ~ [H]AV , HAV
AJ- ~ [H]AJ
A- ~ [H]A , HA

AV- (IdPr - P_4 e P_5 ; IdPt$_1$ - P_3, P_5 e P_6 ; IdFt$_1$ - P_1, P_3 e P_6; IdFt$_2$ - P_1 e P_3 ; Inf. fl. - P_6 Inf. e Ger.)
[H]AV- (IdPr - P_4; IdPt$_1$ - P_2, P_3 e P_6; IdFt$_1$ - P_3 e P_5; IdFt$_2$ - P_3 Inf. e Ger.)
HAV- (IdFt$_2$ - P_3)
AJ - (SbPr - P_3, P_5 e P_6)
[H]AJ- (SbPr - P_2 e P_3)
A - (IdPr - P_1 e P_6)
[H]A - (IdPr - P_1, P_2, P_3 e P_6)
HÁ - (IdPr - P_1, P_2, P_3 e P_6)

NÃO - PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	[h]ei	[h]ás	[h]á	[h]avemos	—	[h]am
	DJ	hey ~ ey	has ~ hás	ha ~ há	avemos	aveys ~ aveis ~ avees ~ aves	ham ~ hão ~ hã ~ am
IdPt$_1$	JB	—	[h]avia	[h]avia	—	—	[h]aviam
	DJ	—	—	avia ~ avya	—	avieis	aviam ~ aviã
IdFt$_1$	JB	—	—	[h]averá	—	[h]avereis	—
	DJ	averey	—	avera ~ averaa	—	—	averão ~ averã
IdFt$_2$	JB	—	—	[h]averia	—	—	—
	DJ	averia ~ averya	—	haveria ~ averia	—	—	—
Imp.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	avee	—
SbPr.	JB	—	[h]ájas	[h]ája ~ [h]aja ~ [h]ajá	—	—	—
	DJ	—	—	aja	—	ajaees	ajam ~ ajã ~ ajão
Inf.Fl	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	averẽ
Inf.	JB	[h]aver					
	DJ	aver					
Ger.	JB	[h]avendo					
	DJ	avendo ~ avemdo ~ aveemdo ~avẽdo					

ii -

Aver OUV- ~ HOUV- [H]OUV-

OUV- (IdPt$_2$ - P_3 e P_6; IdPt$_3$ - P_3; SbPt - P_1 ; P_3, e P_6; SbFt - P_3, P_5 e P_6)
HOUV- (IdPt$_2$ - P_6; SbFt - P_3)
[H]OUV- (IdPt$_2$ - P_3, P_4 e P_6; IdPt$_3$ - P_3 e P_4; SbPt - P_3 e P_4, SbFt - P_3)

PERFEITO (específico-variantes)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPt$_2$	JB	—	—	[h]ouve	[h]ouvemos	—	[h]ouvéram ~houvéram
	DJ	—	—	ouve	—	—	ouverã ~ ouverõ
IdPt$_3$	JB	—	—	[h]ouvéra	[h]ouvéramos	—	—
	DJ	—	—	ouvera ~ ouvéra	—	—	—
SbPt	JB	—	—	[h]ouvesse ~ [h]ouvesse ~ [h]ouvésse	[h]ouvéssemos	—	—
	DJ	ouvesse	—	ouvesse ~ ouvese	—	—	ouvesem
SbFt	JB	—	—	[h]ouvér	—	—	—
	DJ	—	—	ouver ~ houver	—	ouverdes	ouverem ~ ouverẽ

i -

Ter ~ teer — TEN-, TE ~ TEM ~ TEEM ~ THEM TENH- ~ TEENH- TER- ~ TEER- TINH-

TEN- (IdPr - P_5 e Imp. - P_5 e Ger.)
TE- (IdPr - P_3 , P_5 e P_6)
TEM- (IdPr - P_3, P_4 P_5 e P_6 e Ger.)
TEEM - (IdPr - P_6)
THEM - (IdPr - P_6 (tempo derivado))
TENH- (IdPr - P_1 ; SbPr - P_1, P_2, P_3, P_5 e P_6)
TEENH- (IdPr - P_1)
TER - (IdFt$_1$ - P_1, P_2, P_3, P_5 e P_6 ,IdFt$_2$ - P_3; Inf. Fl. - P_4, P_5 e P_6 e Inf.)
TEER - (IdFt$_1$ - P_5 e P_6 e Inf. Fl. P_1 e P_6 e Inf.)
TINH- (IdPt$_1$ - P_1, P_3, P_5 e P_6)

NÃO-PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	tenho	—	tem	temos	tendes	tem
	DJ	tenho ~ teenho	—	tem ~ tẽ	—	tendes ~ tẽdes ~ temdes	tem ~ teem ~ tẽ ~ them
IdPt$_1$	JB	—	—	tinha	—	—	tinham
	DJ	tinha	—	tinha	—	tinheis	tinham ~ tinhão
IdFt$_1$	JB	—	terás	terá	—	—	terám
	DJ	terey	—	terá ~ terá	—	teereis ~ tereis ~ teres	teeram
IdFt$_2$	JB	—	—	teria	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Imp.	JB	—	—	—	—	tende	—
	DJ	—	—	—	—	tende	—
SbPr.	JB	tenha	tenhas	tenha	—	—	tenham
	DJ	tenha	—	tenha	—	tenhais ~ tenhaes	tenhã ~ tenhão
Inf.Fl	JB	—	—	—	térmos ~ termos	terdes	terem ~ tere[m]
	DJ	teer	—	—	—	terdes	terem ~ terẽ ~ teerem
Inf.	JB	ter					
	DJ	ter ~ teer					
Ger.	JB	tendo					
	DJ	tendo ~ temdo					
Derivados	JB	someter - retém - contém - cométem convértem - métem - detem - mantenho retenho - someter - converter - sostém					
	DJ	conthem - cõtem - metem - manter meter ~ meteer - detenha ~ cometesem					

ii -

Teer ~ Ter — TIV- TEV-

TIV- (IdPt$_2$ - P_1, P_4, e P_6; IdPt$_3$ - P_1 a P_6, SbPt - P_3 ; SbFt - P_3, P_4 e P_5)
TEV- (IdPt$_2$ - P_3, P_5 e P_6; IdPt$_3$ - P_3; SbPt - P_2, P_3 e P_6; SbFt - P_2, P_3, P_5 e P_6)

PERFEITO (específico - variantes)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPt$_2$	JB	—	—	teve	tivemos ~ tivémos	tevestes	tevéram ~ tiveram
	DJ	tive	—	teve	—	—	teveron
IdPt$_3$	JB	tivera	tivéra	tevera ~ tivéra ~ tivera	tivéramos	tivéreies	tivéram
	DJ	—	—	tivera	—	—	—
SbPt	JB	—	tevésses	tevésse	—	—	tevésse ~ tevéssem
	DJ	—	—	tivese	—	—	—
SbFt	JB	—	—	—	tivérmos	tivéreis	tevérem
	DJ	—	tevéres	tever ~ tiver	—	tiverdes ~ teverdes	teverem
Derivado	DJ	cometesem					

i -

Vir ~ vyr

VE- ~ VEEM ~
VEE
VENH- ~ VEENH-
VI- ~ VY
VINH-~ VYNH ~ VỸ
VIN- ~ VYN- ~ VIM

VE - (IdPr - P_3 e P_6)
VEEM - (IdPr - P_6)
VEE - (IdPr - P_6)
VENH - (IdPr - P_1 e SbPr- P_3 a P_6)
VEENH- (SbPr - P_3 e P_5)
VI - (IdFt$_1$ - P_3 e P_6, IdFt$_2$ - P_3; Inf. Fl. - P_3, P_5 e P_6 e Inf.)
VY- (IdFt$_1$ - P_3 e P_5; Inf. Fl. P_1, P_2, P_5 e P_6 e Inf.)
VINH- (IdPt$_1$ - P_3 e P_6)
VYNH- (IdPt$_1$ - P_3 e P_6)
VỸ - (IdPt$_1$ - P_3)
VIN- (Ger.)
VYN - (Ger.)
VIM- (Ger.)

NÃO-PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	venho	—	vem	—	—	vem
	DJ	—	—	vem ~ vẽ	—	—	vem ~veẽ ~ vẽ ~ veem
IdPt$_1$	JB	—	—	vinha	—	—	vinham
	DJ	—	—	vinha ~ vynha ~ vỹa	—	—	vinhã ~ vynham
IdFt$_1$	JB	—	—	virá	—	—	viram
	DJ	—	—	vira ~ vyraa	—	vyrees ~ vyres ~ vyreis	virão
IdFt$_2$	JB	—	—	viria	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Imp.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	vỹde	—
SbPr.	JB	—	—	venha	venhamos	—	—
	DJ	—	—	venha ~ veenha	—	venhaes ~ veenhaes	venham ~ venhã ~ venhão
Inf.Fl	JB	—	—	—	—	—	virem
	DJ	vyr	vyres	vir	—	vyrdes ~ virdes	vyrem ~ virẽ ~ virem
Inf.	JB	vir - vyr					
	DJ	vir ~ vyr ~ vỹr					
Ger.	JB	vindo					
	DJ	vindo ~ vimdo ~ vyndo ~ vymdo ~ vỹdo					
Derivados	JB	cõvem - convém- provém - sobrevem convêm - avenho - convir - sobrevir convinham - convinha					
	DJ	cõvem ~ covem ~ covẽ ~ convẽ ~ conve[m]					

ii -

Vir ~ Vyr

VIM
VE- ~ VEE-
VY- ~ VI- ~
VEE-

VIM - (IdPt$_2$ - P_1)
VE- (IdPt$_2$ - P_3)
VEE- (IdPt$_2$ - P_3 e P_6)
VY- (IdPt$_2$ - P_6; SbPt - P_3 e P_5 ; SbFt - P_3 e P_6)
VI - (IdPt$_2$ - P_6 , IdPt$_3$ - P_3; SbFt-P_3, P_5 e P_6)

PERFEITO (específico - variantes)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPt$_2$	JB	vim	—	veo ~ vejo ~ veio	—	—	viéram ~ veéram
	DJ	—	—	veo ~ veyo ~ veio ~ veeo	—	—	vyeram ~ vierão ~ vierã
IdPt$_3$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	viera	—	—	—
SbPt	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	vyese	—	vyeseis ~	—
SbFt	JB	—	—	vier	—	—	viérem ~ vierem
	DJ	—	—	vier ~ vyer	—	vierdes	vyerẽ ~ vyeerem ~ vyerem
Derivados	JB	conviér					

i -

Por ~ poer — POM-, PÕ-, PONH-, PUNH-, PO-

PÕ - (IdPr - P_3 e P_6 e Ger.)
PONH - (IdPr - P_1 e SbPr - P_3)
PUNH- ($IdPt_1$ - P_3 e P_6)
PO- (IdPr - P4), $IdFt_1$ - P_1, P_3 e P_4 $IdFt_2$ - P_3 , Inf. Fl. - P_6 e Inf.)

NÃO-PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	ponho	—	põe	pomos poemos	—	põem
	DJ	ponho	—	—	—	—	poem
$IdPt_1$	JB	—	—	punha	—	—	punham
	DJ	—	—	—	—	—	punham ~ punhã
$IdFt_1$	JB	poerei ~ porei	—	porá ~ poera	poremos ~ poeremos	—	—
	DJ	—	—	pora ~ pora ~ poera	—	—	—
$IdFt_2$	JB	—	—	poeria	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Imp.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPr.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	ponha	—	—	—
Inf.Fl	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	poherem
Inf.	JB	poer ~ por					
	DJ	poer					
Ger.	JB	poendo					
	DJ	poendo ~ poẽdo ~ pondo ~ põdo					
Derivados	JB	antepõe -compõem -proponho - pospõe enterpõe - ateponho - compõe - componha - componho entrepõem - compoendo - compoer - compõem					

ii-

Poer — POS-, PUS-

POS- ($IdPt_2$ - P_3, P_4 (P_4 no tempo derivado) e P_6 , $IdPt_3$ - P_3)
PUS- ($IdPt_2$ - P_1 e P_4 e P_6 (A P_6 aparece somente no tempo derivado))

PERFEITO (específico - variantes)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
$IdPt_2$	JB	pus	—	pôs	pusémos	—	poséram
	DJ	—	—	pos	—	—	—
$IdPt_3$	JB	—	—	poséra	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPt	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbFt	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Derivados	JB	compôs - compuséram - composémos					

i -

Ver ~ veer — VE- ~ VEE, VI- ~ VY, VEJ-

VE- (IdPr - P_2, P_3, P_4 e P_5; $IdFt_1$ - P_2 a P_6 e Inf. Fl. - P_1, P_3, P_4 P_5 e P_6; Imp. - P_2; Inf. e Ger.)
VEE- (IdPr - P_3 e Inf.)
VI- ($IdPt_1$ - P_3)
VY- ($IdPt_1$ - P_3)
VEJ- (IdPr - P_1 , SbPr - P_2, a P_6)

NÃO-PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	vejo	vês	ve ~ vê	vemos	—	—
	DJ	vejo	—	vee	—	vedes	—
$IdPt_1$	JB	—	—	via	—	—	—
	DJ	—	—	vya ~ via	—	—	—
$IdFt_1$	JB	—	verás	verá	veremos	—	veram
	DJ	—	—	vera	—	veres ~ vereys ~ vereis ~ vereyis	verã
						vereeis	
$IdFt_2$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Imp.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	vede	—	—	—	—
SbPr.	JB	—	vejas	veja	vejamos	—	—
	DJ	—	—	veja	—	vejaes ~ vejaees ~ vejais	vejam
Inf.Fl	JB	ver	—	—	vermos	—	—
	DJ	veer	—	ver	—	verdes	verem ~ verẽ
Inf.	JB	ver					
	DJ	ver ~ veer					
Ger.	JB	vendo					
	DJ	vendo ~ vemdo					

ii -

Ver ~ Veer — VI- ~ VY-, VEE-

VI- ($IdPt_2$ - P_1, P_3, P_4, P_5 e P_6, SbPt - P_3; SbFt - P_5 e P_6)
VY - ($IdPt_2$ - P_1, P_3 e P_5 e SbFt - P_5)
VEE- (SbFt - P_1)

PERFEITO(específico - variantes)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
$IdPt_2$	JB	vi	—	vio	vimos	—	—
	DJ	vi ~ vy	—	vio ~vyo	—	vystes ~ vistes	virão
$IdPt_3$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	
SbPt	JB	—	—	visse	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	vysees	—
SbFt	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	veer	—	—	—	virdes ~ vyrdes	virẽ

i-

Estar EST-

EST- (IdPr - P_1, P_3, P_4, P_5 e P_6; $IdPt_1$ - P_3, P_5 e P_6; $IdFt_1$ - P_5; SbPr - P_6 ; Inf. Fl. - P_5 e P_6, Inf. e Ger)

NÃO-PERFEITO (não apresentou variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	estou	—	está	estamos	—	estám ~ estam ~ estão
	DJ	estou	—	esta ~ estaa	—	estais ~ estaeis ~ estaees ~ estaes	estam ~ estão ~ estã ~ estãao
$IdPt_1$	JB	—	—	estava ~ estáva	—	—	estávam ~ estavã
	DJ	—	—	estava	—	estaveis	estavam ~ estavã ~ estavõ
$IdFt_1$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	estareis ~ estarees	—
$IdFt_2$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Imp.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPr.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	estem ~ esteem
Inf.Fl	JB	—	—	—	—	—	estárem
	DJ	—	—	—	—	estardes	estarem ~ estarẽ ~ estarem
Inf.	JB	estar ~ estár					
	DJ	estar					
Ger.	JB	estando					
	DJ	estando ~ estamdo					

ii-

Estar ESTIV-
ESTEV-

ESTIV- ($IdPt_2$ - P_1; SbPt - P_6 e SbFt - P_3 , P_5 e P_6)

ESTEV- ($IdPt_2$ - P_3, SbFt - P_2, P_3 e P_5)

PERFEITO (específico - variantes)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
$IdPt_2$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	estive	—	esteve	—	—	—
$IdPt_3$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPt	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	estivese
SbFt	JB	—	estevéres	estivér ~ estevér	—	—	—
	DJ	—	—	estiver	—	estiverdes ~ esteverdes	estiverem ~ estivere

i - Poder POS- POD- POOD-

POS- ($IdPr - P_1$; $SbPr - P_2, P_3, P_5$ e P_6)
POD- ($IdPr - P_2$ a P_6 ; $IdPt_1 - P_1, P_3, P_4$ e P_6; $IdFt_1 - P_1, P_3, P_4, P_5$ e P_6 ; $IdFt_2 - P_3$ e P_6; Inf. Fl. - P_4, P_5 e P_6, Inf. e Ger)
POOD- ($IdPt_2 - P_3$)

NÃO-PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	pósso	pódes	póde	podemos	podeies	pódem ~ podem ~ podë[m]
	DJ	posso ~ poso	—	pode ~ poode	—	podeis ~ podees	podem ~ podẽ
$IdPt_1$	JB	podia	—	podia	podíamos	—	podiam
	DJ	—	—	podia ~ podya	—	—	—
$IdFt_1$	JB	—	—	poderá	poderemos	—	—
	DJ	poderei ~ poderey	—	poderaa ~ podera	poderemos	podereys ~ podereis	poderaom ~ poderã
$IdFt_2$	JB	—	—	poderia	—	—	poderíam
	DJ	—	—	poderia ~ poderya	—	—	poderiam
Imp.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPr.	JB	—	póssas	póssa	—	—	póssam ~ posão ~ posam
	DJ	—	—	posa ~ possa	—	posais ~ posaaes ~ posaes ~ possaes	possam ~ posão ~ posam ~ posão
Inf.Fl	JB	—	—	—	—	—	poderem
	DJ	—	—	—	podermos	poderdes ~ poderades~ poderedes~ poderẽ	poderem
Inf.	JB	poder					
	DJ	poder					
Ger.	JB	—					
	DJ	podendo ~ podemdo					

ii- Poder PUD- POD-

PUD- ($IdPt_2 - P_1$)
POD- ($IdPt_2 - P_3$ e P_6; $IdPt_3 - P_1, P_3, P_4$ e P_5; $SbPt - P_1, P_3, P_4$ e P_5; $SbFt - P_1$)

PERFEITO (específicos - variantes)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
$IdPt_2$	JB	—	—	pôde	—	—	podéram
	DJ	pude	—	pode	—	—	poderam
$IdPt_3$	JB	—	—	podéra	podéramos	—	—
	DJ	podera	—	podera	—	poderades	—
SbPt	JB	podesse	—	podésse	podéssemos	—	—
	DJ	podese	—	podesse ~ podese	—	podesyeis	—
SbFt	JB	podér	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—

i - Jazer JAÇ- JAZ-

JAÇ- ($IdPr - P_1$)
JAZ- ($IdPr - P_3$ e P_6 e Inf.)

NÃO-PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	jaço	—	jáz	—	—	jázem
	DJ	—	—	—	—	—	—
Inf.	JB	jazer					
	DJ	—					

ii-
<u>Jazer</u> JOUV-

JOUV- (IdPt$_2$ - P_1)

PERFEITO (específicos - variantes)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPt$_2$	JB	jouve	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—

i
<u>Querer</u> QUER-
QUEIR- ~ QUEYR

QUER- (IdPr - P_1, P_3, P_4, P_5 e P_6, IdPt$_1$ - P_5 e P_6; IdFt$_2$ - P_1 e P_3; Inf. Fl. - P_1 e P_6, Inf. e Ger.)
QUEIR- (SbPr - P_1, P_2, P_3, P_5 e P_6)
QUEYR - (SbPr - P_3)

NÃO-PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	quéro	—	quer ~ quér	queremos	quereies ~ quereis	quérem
	DJ	quero	—	quer	queremos	quereis ~ quereys	querem ~ querẽ
IdPt$_1$	JB	—	—	—	—	—	queria ~ queriam
	DJ	—	—	—	—	queries	queriam
IdFt$_1$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
IdFt$_2$	JB	queria	—	queria	—	—	—
	DJ	queria ~ querya	—	queria ~ querya	—	—	—
Imp.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPr.	JB	queira	queiras	—	—	queiráies	—
	DJ	queira	—	queira ~ queyra	—	queiraes	queirão
Inf.Fl	JB	—	—	—	—	—	quererem
	DJ	querer	—	—	—	—	quereram
Inf.	JB	querer					
	DJ	querer					
Ger.	JB	—					
	DJ	querendo ~ queremdo					
Derivados	JB	requereo - requeria - requere - requerer - requére - requérem					
	DJ	requer ~ requeram ~ requere - requererão - requerya - requerer					

ii-
<u>Querer</u> QUIS- ~ QUIZ
QUYS-

QUIS- (IdPt$_2$ - P_1, P_3, P_4 e P_6; IdPt$_3$ - P_3; SbPt - P_3, P_4 e P_6 SbFt - P_1 a P_6)
QUYS- (IdPt$_2$ - P_1, P_3 e P_6; IdPt$_3$ - P_1; SbFt - P_3).
QUIZ - (IdPt$_2$ - P_6, SbFt - P_3)

PERFEITO (específicos - variantes)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPt$_2$	JB	quis	—	quis	quisémos	—	quizéram ~ quiséram
	DJ	quis ~ quys	—	quis ~ quys	—	—	quyserão
IdPt$_3$	JB	—	—	quiséra	—	—	—
	DJ	quysera	—	—	—	—	—
SbPt	JB	—	—	—	quiséssemos	—	—
	DJ	—	—	quisese	—	—	quisesem
SbFt	JB	quisér	quiséres	quisér	quisérmos	—	quisérem
	DJ	—	—	quiser ~ quyser ~ quizer	—	quisereis	quiserem

i - Saber SAB- SAIB-

SAB- (IdPr - P_1 a P_6 ; $IdPt_1$ - P_3 e P_6 ; $IdFt_1$ - P_1, P_3, P_5 e P_6; $IdFt_2$ - P_3 e P_5; Inf. fl. - P_2 a P_6; Inf. e Ger.)

SAIB- (SbPr - P_1, P_3, P_5 e P_6)

NÃO-PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	sei	sábes	sábe	sabemos	—	sábem
	DJ	sey ~ see	sabes	sabe	—	sabeis ~ sabees ~ sabeyis	—
$IdPt_1$	JB	—	—	—	—	—	sabiam
	DJ	—	—	sabia	—	—	—
$IdFt_1$	JB	saberei	—	—	—	—	saberám
	DJ	—	—	sabera		sabereis	—
$IdFt_2$	JB	—	—	—	—	saberes	—
	DJ	—	—	saberia	—	—	—
Imp.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPr.	JB	saiba	—	—	—	—	saibam
	DJ	—	—	saiba	—	saibaeis ~ saibaes ~ saibais	saibam
Inf.Fl	JB	—	saberes	—	sabermos	—	saberem
	DJ	—	—	saber	—	saberdes	—
Inf.	JB	saber					
	DJ	saber					
Ger.	JB	—					
	DJ	sabendo					

ii- Saber SOUB-

SOUB- ($IdPt_2$ - P_1, P_3 e P_6; $IdPt_3$ - P_1 ; SbFt - P_1, P_2 e P_3)

PERFEITO (específicos - variantes)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPt2	JB	—	—	—	—	—	soubéram
	DJ	soube	—	soube	—	—	—
IdPt3	JB	soubéra	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPt	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbFt	JB	souber	soubéres	soubér	—	—	—
	DJ	—	—	souber	—	—	—

i -

Ir ~ hyr ~ yr — VA- ~ VAA, I- ~ [H]I-, HI- ~Y- ~ HY, IN- ~ IM- ~ YN, VÃ ~ VAM

VA-	(IdPr - P_1, e P_3 ; Imp. - P_2 e SbPr - P_5)
VAA	(SbPr - P_3)
I-	(IdFt$_1$ - P_2, P_3 e P_6, IdFt$_2$ - P_3 e P_6 , Inf.Fl -P_5 e P_6; Inf.)
[H]I-	(Inf. Fl. - P_4)
HI-	(IdPt$_1$ - P_3, P_5 e P_6 e Inf.)
Y-	(IdFt$_1$ - P_5, Inf. fl. - P_5 e P_6 e Inf.)
HY-	(IdPt$_1$ - P_3 e P_5; Inf.)
IN	(Ger.)
IM	(IdPr - P_4 e Ger)
YN	(Ger)
VÃ	(IdPr - P_6)
VAM	(IdPr - P_6)

NÃO-PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	vou	—	vái	imos	—	vam
	DJ	vou	—	vay	—	—	vam ~ vão ~ vãão ~ vaão ~ vã ~ vãe ~ vãao
IdPt$_1$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	hia ~ hyha	—	his ~ hys ~ hyeis	hiã ~ hiam
IdFt$_1$	JB	—	irás	—	—	—	irám
	DJ	—	—	ira ~ iraa	—	yreis	iram ~ irão
IdFt$_2$	JB	—	—	—	—	—	iriam
	DJ	—	—	iria	—	—	—
Imp.	JB	—	vai	—	—	—	—
	DJ	—	vay	—	—	—	—
SbPr.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	vaa	—	vades	—
Inf.Fl	JB	—	—	—	[h]irmos	—	—
	DJ	—	—	—	—	yrdes ~ irdes	irem ~ hirem ~ ireen ~ yrẽ ~ irẽ
Inf.	JB	ir					
	DJ	hyr ~ ir ~ yr ~ hir					
Ger.	JB	indo					
	DJ	imdo ~ yndo ~ ymdo					

ii -

Ir — FO- ~ FFOR

FO-	(IdPt$_2$ - P_3, P_5 e P_6 ; IdPt$_3$ - P_3 e P_6; SbPt - P_1, P_3, P_5 e P_6 ; SbFt - P_1, P_3, P_5 e P_6)
FFO-	(IdPt$_2$ - P_3 e P_6 e SbFt P_3 e P_6)

PERFEITO (específicos - variantes)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPt$_2$	JB	—	—	foi	—	—	foram
	DJ	—	—	foy ~ ffoy	—	fostes	fforão ~ foram ~ forão ~ forom ~ forõ ~ forã
IdPt$_3$	JB	—	—	fora	—	—	foram
	DJ	—	—	fora	—	—	—
SbPt	JB	fosse	—	fosse	—	—	fossem
	DJ	—	—	fose ~ fose	—	foseis	fossem ~ fosẽ ~ fosem
SbFt	JB	for	—	for	—	—	—
	DJ	—	—	for ~ffor	—	fordes	forem ~ fforem ~ forẽ

i -

Ser ~ Seer — SO- ~ SÕO-, E- ~ HE-, ER-, SOM-, SÃ- ~ SAM-, SE- ~ SEE- ~ SY-, SEJ-, SEN- ~ SEM-

SO- (IdPr - P_1 e P5)
SÕO- (IdPr - P_5)
E- (IdPr - P_2 e P_3)
HE- (IdPr - P_3)
ER- (IdPt₁ - P_1 a P_6)
SOM- (IdPr - P_4 e P_6)
SÃ- (IdPr - P_1 e P_6)
SAM- (IdPr - P_6)
SE- (IdFt₁ - P_1 a P_6; IdFt₂ - P_1 a P_6 ; Imp. - P_2 e P_5; Inf. Fl. - P_3, P_4 e P_6 e Inf.)
SEE- (Inf.)
SY- (IdFt₂ - P_3)
SEJ-(SbPr - P_1 a P_6)
SEN- (Ger.)
SEM- (Ger.)

NÃO-PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	sou	és	é	somos	sois ~ soes	sam
	DJ	são sãm	—	he	—	soees ~ soes ~ sooes	são ~ som ~ sã ~ sam
IdPt₁	JB	éra	éras ~ eras	éra ~ era	éramos	ereies ~ éreies	éram
	DJ	era	—	era	—	—	eram ~ erã ~ erão
IdFt₁	JB	serei	serás	será	seremos	sereis ~ sereies	serám ~ serão
	DJ	serey	—	sera ~ seraa	—	sereieis ~ sereis ~ sereys	seram ~ serão ~ seraom
IdFt₂	JB	seria	serias	seria	seriamos	sereieis ~ serieies	seriam
	DJ	serya	—	seria ~ serya ~ syria	—	—	seriam ~ seryam
Imp.	JB	—	sê	—	—	sede ~	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPr.	JB	seja	sejas	seja	sejamos	sejaies	sejam
	DJ	—	—	seja	—	—	sejam ~ sejão
Inf.Fl	JB	—	—	ser	sermos	—	sérem ~ serem
	DJ	—	—	—	—	—	serem ~ serẽ
Inf.	JB	ser					
	DJ	ser ~ seer					
Ger.	JB	sendo					
	DJ	semdo ~ sendo					

ii -

Ser ~ Seer — FU-, FO- ~ FFO-

FU- (IdPt₂ - P_1)
FO- (IdPt₂ - P_2 a P_6; IdPt₃ - P_1 a P_5 ; SbPt - P_1 a P_6 e SbFt - P_1 a P_6)
FFO- (IdPt₂ - P_3; IdPt₃ - P_3; SbPt - P_3 e SbFt - P_3)

PERFEITO (específicos - variantes)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPt₂	JB	fui	foste	foi	fomos	fostes	foram
	DJ	fuy	—	ffoy ~ foy ~ foi	—	fostes	forão ~ forom ~ forõ
IdPt₃	JB	fora	foras	fora ~ fóra	foramos ~ fôramos	foreies ~ fôreies	—
	DJ	fora	—	ffora ~ fora	fôramos	foreis	—
SbPt	JB	fosse	fosses ~ fôsses	fosse	fôssemos	fôsseis	fossem
	DJ	—	—	fose ~ ffose	—	—	fosem ~ fosẽ
SbFt	JB	for	fores	fór	formos	fordes	forem
	DJ	—	—	for ~ ffor	—	fordes	forem

3.3.1.1 Tempos do não-perfeito

Vimos que há um contraste morfonológico entre os TNP e os TP em relação às possibilidades de realizações dos lexemas de cada item verbal. As diferenças que ocorrem

entre os dois tipos de tempos são expressas no Quadro 12, a seguir, que mostra a distribuição dos mesmos, de acordo com a condição em que cada verbo se enquadra, a partir das características morfofonológicas próprias, formando as sete subcategorias (tipos verbais) para os TNP em JB e em DJ.

Quadro 12 - Lexemas do subgrupo 1 dos TNP em JB e em DJ

	LEXEMAS DOS TEMPOS DO NÃO- PERFEITO NO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI	
DOCUMENTOS PERÍODOS VERBOS	OBRA PEDAGÓGICO-GRAMATICAL DE JOÃO DE BARROS GLP, DVV e DLNL 1540	CARTAS DE D. JOÃO III 1523/1557
a. DIZER	dig- diz- di	dig- diz- ~ dis- ~ dez- di- ~ dy
TRAZER	trag- traz- tra-	trag- traz- tra-
FAZER ~ FFAZER	faç- faz- fa-	faç- ~ ffaç- faz- ~ ffaz- ~ faaz- ~ fazz- fa- ~ ffa-
AVER - HAVER, [H]AV ER	[h]av- [h]aj- [h]a-	av- ~ hav- aj- a- ~ ha-
b. TER ~ TEER	ten- tenh- tinh- ter	ten ~ tem- ~ tẽ- ~ teem ~ them- tenh- ~ teenh tinh- ter- ~ teer-
VIR ~ VYR	ven- vim- venh- vinh- vi-	ven- ~ vë- ~ veen- vin- ~ vim- venh- ~ veenh- vinh- ~ vynh- ~ vỹ ~ vyn- ~ vym ~ vi- ~ vy-
POER ~ POR	pon- ~ põ- po- ponh- punh-	pom- ~ põ- po- ponh- punh-
c. VER ~ VEER	ve- vej- vi-	ve- ~ vee- vej- vi- ~ vy
ESTAR	est-	est-
d. PODER	pos- pod-	pos- pod- ~pood-
JAZER	jaç- jaz-	— —
e. QUERER	quer- queir-	quer- queir- ~ queyr-
SABER	sab- saib-	sab- saib-
f. YR, IR - HYR	i- ~ [h]i- va-	hi- ~ hy- ~ i- ~ y- va- ~ vaa-
g. SER ~ SEER	so- e- er- sam- se- sej-	so- ~ soo- he- ~ e- er- sã- ~ sam- ~ som- se- ~ sy sej-

Observando os dois grupos de documentos do século XVI, vemos que, embora haja variações gráficas e/fônicas, de modo geral, não implicam diferenças de lexemas entre os verbos dos textos de JB e DJ. Há, nesse subgrupo, uma equivalência de formas que se adequam às particularidades de cada categoria, conforme podemos verificar a partir da descrição dos mesmos.

Tipo a - variação e/ou apagamento da consoante final do lexema

Esses aspectos são verificados nos verbos dizer, trazer, fazer ~ ffazer e aver ~ [h]aver ~ haver e podem ser explicados com base em processos mais gerais de variação e/ou mudança no sistema fonético-fonológico na formação da língua portuguesa. Vejamos:

1 (a) variação na consoante final do lexema

- A análise de Piel (1989, p. 224) sobre a variação na consoante do lexema procura explicar esse processo como decorrente da inflexão da semivogal *i* [y] sobre a consoante, palatalizando-a, como, por exemplo, no contexto fonético em que c*i*>ç/z, respectivamente, *facio*>*faço*, *facis*>*fazes*. As variações que se observam nos lexemas *dico* > digo/*dices* > dizes, *traho* > *traco* > trago/*tracis* > trazes, entre outras, devem-se, segundo ainda esse autor, à perda da unidade primitiva da consoante, e, nesses casos, a oclusiva [k] > [g] e [k^{i,e}] - [dʒ] > [ʒ] e [z].

- Os lexemas dig-, trag- e faç- caracterizam IdPr P_1 e SbPr P_1 a P_6, tempo derivado. E, embora trag- não apareça em DJ na P_1 de IdPr, a P_6 de SbPr (tragam) confirma o uso dessa forma nesse tempo e pessoa. O lexema do verbo apresenta pouca variação, como haj- (SbPr - P_1 a P_6) e -há- na P_1 de IdPr - [h]ei, hey ~ ey. Em contrapartida, o lexema av- ~ hav- se generaliza nos demais TNP. A variante dez- somente foi registrada em DJ, e, mesmo assim, em número percentual relativamente baixo 23,80%.

(1) "que vos escreveo Jorge de Barros do que se dezia da armada do Turquo" (C109 PA l; 40/41 p.154).

2 (a) apagamento da consoante final do lexema

Os lexemas di- di- ~ dy-, tra- tra- e fa- fa- ~ ffa-, que correspondem aos verbos dizer, trazer e fazer, caracterizam as formas de $IdFt_1$ e de $IdFt_2$ e resultam das formas divergentes do infinitivo do latim: *dire, fare* e **trare* (PIEL, 1989, p. 36). Alguns exemplos abaixo, extraídos de gramáticas históricas, ilustram o processo nos dois futuros, o do pretérito e o do presente:

- *dicere* + *habeo* > **dir'aio* > **dirai* > direi;
- *trahere* + *habeo* > **tra'aio* > **trarai* > trarei;

- *facere + habebeam > *far'éam >* faria - faria;
-*facere + habeo > *far'aio > farai >* farei - farey.

Os lexemas ha- ~ a ~ [h]a-, que resultam das transformações ocorridas com <u>haver,</u> aparecem nas P_1, P_2, P_3 e P_6 de IdPr[57], respectivamente:

- [h]ei - hei ~ ey < *ai < aio*[58] < *habeo.*

Nunes (1960, p. 304-305) considera que a permanência da semivogal na P_1 se deve à atração da vogal tônica, ao contrário do que ocorreu com as demais pessoas, que ficaram reduzidas à vogal tônica:

- has ~ hás ~ [h]ás < **ás < habes;*
- ha ~ há ~ [h]á < *at < habet;*
- hão ~ hã ~ am ~ [h]am ~ ham < **ant < habent.*

Nas Cartas, a P_6 aparece como: ham ~ am ~ hã ~ hão:

(2) "e os poderem trazer as que ham de vyr, o ey asy por meu serviço." (C325 FA l; 22/23 p.360).

(3) "que çerto esta, que não hã de dizer senão o que lhes compre," (C06 AP l; 237 p.13).

(4) "e asy na Regra que os pilotos hão de ter no tomar da autura..." (C147 PE l; 10/11 p.190).

As variantes mais usadas são ham ~ am; foram documentadas em 77% das ocorrências. Em JB, não há variação, aparece sempre como ham.

Tipo b - variação da vogal e travamento nasal/vibrante no final do lexema

Os verbos <u>teer</u> ~ <u>ter,</u> <u>vir</u> ~ <u>vyr</u> e <u>poer</u> ~ <u>por</u> são os que se definem por esse tipo de variação, sendo que a variação por travamento da vibrante apresenta apenas um lexema verbal, <u>ter,</u> <u>vir</u> e <u>por</u> para o $IdFt_1$, $IdFt_2$, Inf. e Inf. fl. O travamento por nasal varia entre |n| e |œ|, entre os outros TNP, e até mesmo entre um mesmo tempo, como, por exemplo, a P_1 de IdPr, respectivamente, <u>tenh-,</u> <u>venh-</u> e <u>ponh-</u>, diferindo das demais pessoas, <u>ten-,</u> <u>vin-</u> <u>e</u> <u>pon-.</u>

[57] Nas P_5 e P_6 ,o lexema é av-, o mesmo que aparece em $IdFt_1$, $IdFt_2$, $IdPt_1$, $IdPt_2$ Inf. e Ger.
[58] A forma *aio* está documentada na Crônica Troiana, p. 127 (NUNES,1960, p. 305).

As formas variantes entre JB e DJ, na representação desses lexemas, podem ser percebidas claramente pela própria evolução desses verbos. A co-existência de variantes indica que a mudança de lexema não havia sido concluída. Vejamos:

TER	VIR	POR
- _tenere_ > teer ~ teer > ter - ter, *_tenere_ (+ - aio) > tenrei ~ tenrr ~ terr > terrei > terey - _teneo_ > teenho > tenho ~ tenho - _tenet_ > tẽ ~ tem ~ tem - _tenetis_ > tẽẽdes > tẽdes > temdes - tendes ~ tendes - _tenent_ > teem > tem - tem - _tenebam_ > *tenia > teia > tĩ ĩa > tiinha > tinha - tinha	- _uenire_ > veir > viir > vir - vir- ~ vyr - _ueniatis_ > veenhaes > venhaes - _venibam_ > *veníam > veía > vĩĩa ~ vỹa > viinha ~ vinha - vinha ~ vynha- - _ueniunt_ > *uenent > veem ~ vẽe > vẽ~ vem - vem - _ueniendo_ > _uenindo_ > *veindo > vỹdo ~ vimdo ~ vindo - vyndo - vindo	- _pónere_ > *_ponére_ > poer ~ poer ~ por - _poneban_ > *_ponéam_ > *_ponia_ > põía > poia > póinha > puinha > punha - _poner_ (+aio) > *ponerai > ponrei ~ põrrei > põerei > poerei - poerei > porei - _põnendum_ > poendo - poendo ~ põedo > pondo ~ põdo

(5) "e de todas as cousas de voso descareguo ey de teer aquela lẽbrança que Requer o amor e muyto boõa võtade que vos teenho" (C28 S l; 29/31, p. 62).

As formas variantes com vogais contíguas do verbo ter-, (teer, teereis, etc), ver (veer) e ser (seer) juntas correspondem a 9,34%; teem (ter) e veer (vir), a 7,14%.

(6) "e veenhaes com elle". (C143 S l; 8 p.187).

A variante poer comVT etimológica, considerada por Fernão de Oliveira como um arcaísmo (Mattos e Silva, 1994, p. 53; Williams, 1960, p. 235), é bastante usada, tanto em JB, quanto em DJ, em mais de 90% dos dados, em detrimento de por. Essa variante possivelmente indica uma preferência de uso na escrita.

João de Barros (1540) refere-se à variação entre poer ~ por, quando fala das figuras de linguagem.

(7) "Diéresis quér dizer apartamento, cá per éla apartamos ũa sílaba em duas pártes, como quando dizemos poemos por pomos". (GLP - JB l; 49/50 - Das Figuras - p. 359).

Tipo c - variação por mudança de vogal do lexema e alongamento pela palatal <j>

A diferença de vogal diz respeito às formas ve- e vi- de ver. O lexema ve- é próprio de P_2 a P_5 de IdPr e de P_1 a P_6 de $IdFt_1$, $IdFt_2$, Inf. fl., do Ger. e do Inf. Em DJ, aparece a variante vee em P_3 de IdPr. A forma vi-, vi- ~ vy- não é exclusiva aos TNP, pois é também o lexema específico dos TP. Na documentação aparece, apenas, a P_3 de $IdPt_1$ - via, via- e vya.

O lexema est- de estar opõe-se ao lexema estej- do SbPr. Nos dados analisados, não foi encontrado registro dessa forma. Porém, ocorrem em P_6 de SbPr as variantes estem ~ esteem[59], que foram substituídas por estej-, por analogia com seja (WILLIAMS, 1960, p. 228 e COUTINHO, 1976, p. 306).

(8) "os mandeis proveer de maneira que esteem nelles dous mill quintaes de bizcouto sobejos". (C330 FA l; 24, p. 363).

(9) "e o galeão São João estem ambos aparelhados, armados" (C109 PA l; 34-3, p.154).

O alongamento por palatal <j> foi registrado apenas no verbo ver - video > vejo - vejo (P1 de IdPr) *uideam* > vej- veja ~ veja e P_2 a P_6 de SbPr. (vejas, veja, vejamos e veja, vejaes ~ vejaees ~ vejais e vejam).

Tipo d - variação da consoante e travamento do lexema

Os verbos que apresentam essa variação nos TNP são: poder e jazer. Embora jazer ocorra em número reduzido, apenas seis vezes em JB e uma vez em DJ.

O lexema pod- (*potere* > poder) nos TNP é próprio de P_2 a P_6 de IdPr, P_1 a P_6 de $IdPt_1$, $IdFt_1$, $IdFt_2$, Inf. fl. e no Inf. e Ger. A consoante <d> nesse verbo tem sua origem na mudança < t > > <d> do latim clássico para o latim vulgar na România Ocidental. O verbo jazer < *iacere* foi documentado com o lexema jaz- apenas em JB (P_3 e P_6 de IdPr) - jaz jazem (Inf.) e jazer.

(10) "Tiram-se désta régra muitos que séguem diferentes formações como: (...); jazer (...), jaço." (GLP - JB l; 28/33 - Das Formações - p. 344).

---

[59] Piel (1989, p. 226) já havia atestado a permanência dessa flexão ainda no século XVI.

O lexema jaç- (jaço) (< *iaceo*) aparece na P_1 de IdPr. Posteriormente houve a regularização de jaç- para jaz-. Esse verbo sobrevive no português moderno, em casos muito específicos, como nas expressões de jazigos "Aqui jaz ." (no sentido de estar morto, estendido, deitado) e no termo jazida (sítio arqueológico). O uso do verbo jazer foi bastante comum em obras literárias, conforme exemplos documentados por A. B. de Holanda Ferreira (1986, p.985-986).

O lexema do verbo poder, pos- (< *possum*) é próprio da P_1 de IdPr (pósso, posso ~ poso) e das P_2, P_3, P_5 e P_6 de SbPr. (póssas, póssa, póssam ~ posam ~ posão e posa ~ possa, posais, posaaes ~ posaes ~ possaes, possam ~ posaão, posam e posão).

Tipo e - variação na ditongação do lexema

Nos verbos querer (< *quaerere*) e saber (< *sapere*), apresentam-se os lexemas quer- e sab- na maior parte dos lexemas do não-perfeito. A forma divergente de P_1 de IdPr, sei < *sai* < *sapio*) de saber, formou-se, segundo as gramáticas históricas, por analogia com hei de haver. Esses verbos apresentam, ainda, os lexemas ditongados, como, por exemplo, queir- < *quaeram* - queira, queiras, queiráies e queira (P_1), queira (P_3), ~ queyra, queiraes e queirão) e saib- < *sapiam* - (saiba (P_1) saibam, saiba (P_3) saibaeis ~ saibaes ~ saibais e saibam). Com relação ao verbo caber, esse fenômeno não foi registrado, possivelmente, em decorrência da metátese da semivogal <i> para o lexema também do verbo caber na P_1 de IdPr *capio* > caibo ~ caybo e, também, no subjuntivo.

Tipo f - lexemas heteronímicos de ir: *vadere* e *ire*

O que se convencionou chamar de verbo ir da 3ª conjugação do português contemporâneo apresenta, na verdade, variação nos seus lexemas, que não se restringe apenas à evolução fonética, mas à origem distinta desses. O lexema i- provém do verbo latino *ire*, e o lexema va- de *vadere*. O uso dos lexemas alterna-se no IdPr. A forma *va*- é própria da P_1 (vou, vou), P_2, e, nesse caso, P_3 (vái, váy ~ vae) e P_6 (vam, vam, vão ~ vãão ~ vãao ~ vaão e vã ~ vãe), assim como de P_4 (vimos). Contudo, a P_4 foi documentada em JB como imos (< *imus*), possivelmente um processo de analogia com a P_4 dos TNP. Embora essa forma não se tenha mantido no português contemporâneo, nesse o lexema *i*- mantém-se no IdPr apenas na P_5. O uso dessa forma no século XVI já havia sido atestado antes (COUTINHO, 1976, p.

316). O lexema va- aparece ainda em P_2 de Imp. afir. (vai ~ vay) em P_3 e P_5 de SbPr (vaa, vades), respectivamente. Nos demais TNP, o lexema *i* é a forma que prevalece no português, ao contrário do espanhol, em que o lexema que mais se generalizou foi va- (PIEL, 1989, p. 226).

Tipo g - variações vocálicas e consonânticas nos lexemas heteronímicos de *ser*

A exemplo do verbo do tipo anterior, seer ~ ser também possui dois lexemas heteronímicos, mas, ao contrário daquele, suas formas apresentam ainda variações consonânticas (sen-, son- e sej-) e, principalmente, vocálicas, nos lexemas surgidos dos verbos latinos *sedere* e *esse*. No português do século XVI, prevalecem, também, para os TNP, as formas derivadas de *sedere*: so-, son-, sen-, se-, sã-, sam- e sej-. No IdPr P_1, houve o registro das formas são ~ sam (<*sum*), documentadas em DJ. Essa forma constitui-se numa das quatro variantes (som, são, sou e so) referidas por Fernão de Oliveira (Oliv. 103, *apud* WILLIAM, 1986). Em JB, a P_1 de IdPr, ocorre apenas como sou, indicando a analogia com a P_1 dos verbos: estou, vou e dou, fenômeno bastante citado nos estudos históricos. Uma outra explicação foi dada por Piel (1989, p. 226), a de que esse lexema poderia ter surgido da variante são (PA), embora ele considere a desinência o também como um processo analógico com os verbos estou, vou e dou. A maior variação no IdPr dá-se com a P_6 nos dados de DJ, sam, sã, são e som. Em JB, essa pessoa está registrada apenas como *sam*. O IdPr é, dentre os TNP, o que oferece maior variação, com a confluência de formas dos dois verbos latinos (P_1 so ~ sã, P_2 és, P_3 é ~ he, P_4 somos, P_5 sois ~ soes ~ soees ~ soes e sooes e P_6 já referida acima. No imperativo, em P_2, foi documentada a forma analógica sê.

O lexema *er-* é a forma própria de IdPt$_1$ (éra ~ era, éras ~ eras, éra, ~ era, éramos, ereies ~ éreies e éram ~ eram, erã, erão), a exemplo do que ocorria com o latim (*eram, eras, erat, eramus, eratis* e *erant).*

A variante syria de IdFt$_2$ P_3 foi registrada em DJ, o lexema próprio desse tempo, assim como deIdFt$_2$ P_1 a P_6 , é se-.

3.3.1.2 Tempos do perfeito

No Quadro 13, a seguir, estão representados os cinco tipos verbais formados pelos lexemas desses mesmos verbos nos TP (IdPt$_2$, IdPt$_3$, SbPt e SbFt), que basicamente são constituídos no tempo passado, à exceção de SbFt, que, ainda assim, possui o lexema específico desses, porque é um tempo derivado do *perfectum* .

Quadro 13 - Lexemas do subgrupo 1 dos TP em JB e em DJ

	LEXEMAS DOS TEMPOS DO PERFEITO NO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI			
DOCUMENTOS PERÍODOS VERBOS	OBRA PEDAGÓGICA DE JOÃO DEBARROS GLP, DVV e DLNL 1540		CARTAS DE D. JOÃO III 1523/1557	
	IdPt$_2$ P$_1$	IdPt P$_3$ e outros	IdPt$_2$ P$_1$	IdPt P$_3$ e outros
a. DIZER	dis- ~ des-, dix		dis- ~ disc-	
QUERER	quis-		quys- ~ quis- ~ quiz-	
AVER	[h]ouv- ~ houv-		ouv- ~ houv-	
TRAZER	troux-		troux-	
JAZER	jouv-		—	
SABER	soub-		soub-	
b. FAZER ~ FFAZER	fiz-	fez-	fiz- ~ fyz- ~ ffiz-	fez- ~ ffez-
TEER - TER	(tiv-)	tev-	tiv-	tev-
VIIR - VIR	vin-	ve-	—	ve-
ESTAR	(estiv-)[60]	(estev-)	estiv-	estev-
c. PODER	—	pod-	pud-	pod-
PÕER - POER ~ POR	pus-	pos-	—	pos-
IR	—	fo-	—	fo- ~ ffor-
d. SEER	fu-	fo-	fu-	fo- ~ ffo-
e. VEER		vi-		vi- ~ vy-

Sob o ponto de vista diacrônico, esses verbos são classificados em três tipos diferentes: 1) os de perfeito em -*si* (designados sigmáticos - *dixi* (disse) e *quaesi* (quis); 2) os de perfeito em -*ui*, *habui* (houve), *sapui* (soube), *tracui* > **traxui* (fusão de ambos, trouxe), *iacui* (jouve), **posi* (pus/pos), *tenui* (tive/teve), *potui* (pude/pode); 3) os de perfeito em -*i* - *feci* (fiz/fez), *vidi* (vi), *steti* (*stede*, as formas estive e esteve (sofreu influência de tive/teve) *fui* (fui/foi) de ser ~ seer. E ainda *vidi* (vi), considerado como pseudo-forte. (PIEL, 1989, p. 231-234 e Nunes (1960, p. 323-324).

Piel (1989) destaca, ainda, baseado em outros critérios, outras três classes para esses verbos, aplicadas, nesse caso, às formas contemporâneas dos mesmos: pretéritos

[60] Os lexemas entre parênteses indicam variação entre outros tempos, embora não tenha sido registrada oposição nesse contexto.

monossilábicos e dissilábicos, pretéritos terminados por consoantes e/ou vogais e pretéritos com semelhança em P1 e P3 (que corresponde aos de tipo *a* ou com diferença de vogal, aos tipos b e c.

Tipo a - lexema próprio aos tempos perfeito, distinto dos lexemas do não-perfeito

Os lexemas dos verbos desse tipo são: dis- (disse), quis-, [h]ouv-, troux-, jouv- e soub-. Essas formas compõem o conjunto dos denominados passados fortes e também são próprias dos demais tempos, Piel (1989, p. 228) e Nunes (1960, p. 323-324) descrevem-nos e os classificam a partir das formas latinas em: perfeito em *-si (-xi)* - dix-, perfeito em *ui, habui, capui, sapui, *tracui (trouxi), placui, jacui*, dentre outras, além dos de perfeito em *i*, citando, nesse caso, apenas os lexemas que se enquadram dentro da proposta dos verbos do tipo *a*[61] .

Na documentação, o lexema mais empregado do verbo dizer para os TP é dis-. A variante dix- ocorre em JB apenas duas vezes, quando o autor a utiliza como exemplo de uma figura de linguagem. Ao que se supõe, a variação dixe ~ disse ainda não havia caído em total desuso.

> (11) Antítesis quér dizer postura de lêtera ũa por outra, como quando dizemos dixe por disse. A quál figura é àçerca de nós mui usáda, prinçipàlmente nesta lêtera x que tomámos da pronunçiaçám mourisca, ainda que alguns digam que devemos dizer dixe porque no pretérito latino este vérbo dico faz dixi. (JB - GLP l; 63-67 - Das Figuras - p. 359).

O lexema quis (<**quaesi*) é a forma própria de todos os TP, tanto em JB, quanto em DJ, assim como **tracui*, **traxui* > trouxe (troux-); *habui* > houve (houv-), *sapui* > soube (soub-) e *iacui* > jouve (jouv-). A ditongação (-*ou* [ow]) que se verifica nos lexemas específicos desses verbos TP deve-se à atração da semivogal <*u*> [w] para o radical.

Essas são as formas que prevalecem no português do século XVI. E, diferentemente do que ocorre no português contemporâneo, a forma dos TP de jazer é jouv-, e não jaz-. A forma jouv- surgiu possivelmente por analogia com houve. Assim ocorreu também com trouxe (COUTINHO, 1976, p. 308;WILLIAMS, 1986, p. 231).

---

[61] Essa forma do pretérito, denominado sintagmático (junção de *-si* à raiz), é, ao lado de trouxe (trazer), uma das poucas formas que conseguiram manter-se. Os lexemas quis e pus, que aparentemente fazem parte desse grupo, passaram de fracos a fortes ainda no latim clássico (NUNES, 1960, p. 323).

Os tipos b, c e d, a seguir, caracterizam-se pela oposição de P_1 a P_3 de $IdPt_2$, embora a partir de fenômenos distintos, que decorrem da evolução e da história própria de cada forma verbal.

Tipo b - variação do lexema e alternância vocálica pela oposição de <i:e> P_1 a P_3 de $IdPt_2$

Os lexemas estiv- < *esteve* < *steti* e estev- foram registrados em DJ. E como variantes em SbFt (estevéres, estivér ~ estevér, estivese, estiver, estiverdes ~ esteverdes ~ estiverem e estiverẽ) nos dois grupos de texto. Embora em JB não haja oposição entre P_1 e P_3 de $IdPt_2$, ocorre a variação estev- ~ estiv- em SbFt P_3 estivér ~ estevér; em DJ, aparece apenas estiver e P_6 (estiverem ~ estiverẽ), embora essa variação se confirme também em DJ na P_5 desse tempo (estiverdes ~ esteverdes). Em SbPt P_6 (estivese).

(12) "E per ésta semelhança está claro q[ue], quan/to a planta ou hérva estevér em máis gróssa térra (...)" (JB - DVV l; 417-419 p. 429-430).

(13) "e emviareis a iso quaesquer caravelas e navios que hy estiverem armados" (C109 PA l; 91-92 p.155).

A variante estiverem "em formas não acentuadas se tornou *i* por dissimilação" (WILLIAMS, 1960, p. 228 § 184), assim como as variantes de $IdPr_2$ - P_5 (fizestes ~ fezestes) P_6 (fizerão ~ fezeram ~ fezerã ~ fezerõ ~ fizeraão ~ fizerã, fezeram ~ fizeram) SbPt - P_3 (fizésse, fizese ~ fezese ~ fizesse) e P_6 (fezéssem ~ fizéssem) e SbFt - P_1 (fizer) e P_3 (fizer ~ fyzer ~ fizer ~ fezer) e P_5 (fezerdes, fizerdes ~ ffizerdes) e P_6 (fizérem ~ fizerem ~ fizerẽ ~ fezerem).

(14) "em que me daees conta do que os cosayros fizeram na parajem das Ilhas (...)". (C315 FA l; 3-4 p. 344).

(15) "e segundo o caso tambem que vos d'iso fezerem mais ou menos grave" (C8 JR l; 42-43 p.18).

No $IdPt_3$, não houve variação desse tipo: P_1 (fizera) e P_3 (fizera ~ fizera ~ ffizera). Essa variação <e> ~ <i> também ocorre com ter, tanto em JB quanto em DJ, em todos os TP; por exemplo, em $IdPt_2$ - P_6 (teverám ~ tiveram e teveron), IdPt3 (tevera ~ tivéra ~ tivera), SbFt - P_3 (tever ~ tiver), etc.

(16) "quando tiverdes novas d'armados que amdem pera esa costa das Berlemgas atee o cabo de Sam Vincente . . ." (C109 PA l; 89 p.155).

(17) "e tomar os ditos armados, segumdo a nova d'eles teverdes. (C109 PA l; 93-94 p.155).

Nos outros lexemas, essa oposição é bastante nítida, de acordo com a evolução de cada forma verbal -fiz- (< *féci*) e fez- (< *fécit*), tiv- e tev- (< *tenui*). A P_3 conservou o *e*-, ao contrário das demais, devido a um processo analógico, vim (< vii < *vei < *veni*) e ve- (*veni*). (COUTINHO, 1986, 313 § 606 e 319 § 625, respectivamente). A forma veo- veo- aparece em JB 5 vezes e 5 vezes também em DJ. As variantes ditongadas ocorrem duas vezes em JB, apenas como exemplo do uso de y veyo e do v veio. Em DJ, prevalece o uso das formas ditongadas veyo ~ veio ~ veeo em 98,03%.

O lexema vi- vi- ~ vy generaliza-se nos demais TP. Ocorre, porém, a variante veerám em JB.

(18) "se quiséssemos buscár o fundamento e raiz donde veérram os nóssos vocábulos..." (JB - GLP l; 4/5 - Da diçám - p. 298).

Tipo c - variação do lexema e alternância vocálica pela oposição de <u:o> P_1 a P_3 de $IdPt_2$

A oposição foi registrada no *corpus* com poder (pud/pod- pod- e pus-/pos- pos). Diferentemente do que ocorre no português contemporâneo, no português do século XVI, o lexema pud- (poder) não se havia generalizado ainda para as demais TP; vejamos:

$IdPt_2$ - P_6 - podéram ~ poderam, $IdPt_3$ P_1, P_3 e P_5 - podéra ~ podera ~ podéramos e poderades, SbPt P_1, P_3, P_4 e P_5 - podesse ~ podese, podésse ~ podesse ~ podese, podéssemos, podesyeis e P_1 de SbFt - podér.

O mesmo ocorre com pus (de por ~ poer) $IdPt_2$ - P_6 (poserám) e $IdPt_3$ - P_3 poséra. Embora a ocorrência da variação entre a P_4 e P_6 de $IdPt_2$ indique que essa regularização já havia sido iniciada pusémos ~ (composémos e compuséram), essas duas últimas formas nos derivados de por. O lexema fo- está documentado em todos os TP; em DJ, a P_6 destaca-se pelas diversas variantes flexionais (fforão ~ foram ~ forã, forão ~ forõ ~ forom).

Tipo d - variação de lexema e alternância vocálica pela oposição de <u:o>P_1 a P_3 de $IdPt_2$ no verbo *ser*, tendo como base lexical a forma de P_3 para todos os tempos do perfeito

Os lexemas fu- (< *fui*) e fo- (<*fuit*) estão registrados no *corpus* (fui / foi e fuy/ffoy ~ foy ~ foi). A forma de P_3 é o lexema das outras pessoas de TP, e aparece na documentação com muita frequência, 152 em DJ e 8 vezes em JB.

(19) "Eu fuy ora emformado". (C187 AM l; 2 p.224).

(20) "meus Reynos e senhoryos niste pequeno tempo forom muyto mais deneficados por esta soo causa de eu querer conservar sua amizade". (C6 AP l; 47/49 p.8).

Tipo e - lexema *vi* do verbo *veer* para todos os tempos dos perfeito

O lexema vi- ~ vi- ~ vy- aparece nos TP. As formas de $IdPt_3$ não foram atestadas no *corpus.*

(21) "Vy a carta que me escrevestes". (C283 FA l; 2 p.313).

3.4 Verbos do subgrupo 2

Verbos que apresentam lexema invariável para as formas do não-perfeito e têm lexema específico para as formas do perfeito

A principal diferença entre esse subgrupo e o anterior está na invariabilidade dos lexemas dos TNP, pois, embora este apresente um lexema específico para TNP, a exemplo daquele, no subgrupo 2, não há oposição entre as P_1 e P_3 de $IdPt_2$. Os lexemas do perfeito se mantêm os mesmos em todas as pessoas verbais. A oposição, nesse caso, faz-se fundamentalmente a partir do contraste entre os TNP e TP (conforme já referido, é o parâmetro de classificação dos três primeiros subgrupos, à exceção do 4, que, como veremos adiante, compõe-se por outros critérios). Ainda, comparativamente ao primeiro subgrupo, que possui maior complexibilidade de tipos de lexemas, de contextos em que cada um realiza e de número de verbos, o subgrupo 2, além de ser mais simplificado, é composto de uma quantidade de verbos bastante reduzida. Nos dados analisados, apenas três verbos fazem parte desse subgrupo: prazer, caber e dar.

3.4.1 Descrição dos dados

i

<u>Prazer</u> PRAZ-

PRAZ - (IdPr - P_3; IdFt$_1$ - P_3; Inf. e Ger.)
PRAS - (Inf.)

NÃO - PERFEITO (invariável)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	praz	—	—	—
IdPt$_1$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
IdFt$_1$	JB	—	—	prazera	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
IdFt$_2$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Imp.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPr.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Inf.Fl	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Inf.	JB	Prazer					
	DJ	—					
Ger.	JB	—					
	DJ	Prazendo					
Derivados	JB	apráz - comprazer - aprazer - desprazer ~ complazer					
	DJ	Desprazer					

ii

<u>Prazer</u> PROUV-

PROUV - (IdPt$_2$ - P_3; SbFt - P_3 (e derivados))

PERFEITO (específico)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPt$_2$	JB	—	—	prouve	—	—	—
	DJ	—	—	prouve	—	—	—
IdPt$_3$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPt	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbFt	JB	—	—	prover	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Derivados	JB	aprouve					
	DJ	aprouve - desaprouve - aprouvese					

i

<u>Caber</u> CAB-

CAB - (Inf.)

NÃO - PERFEITO (invariável)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Inf.	JB	caber					
	DJ	—					

ii

<u>Caber</u> COUB-

COUB- (IdPt$_2$ - P_3)

PERFEITO (específico)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPt$_2$	JB	—	—	coube	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—

i

Dar D + VTa

D+Vta (IdPr - P_1 , P_3,P_4, P_5 e P_6 ; $IdPt_1$ - P_3 e P_6 ; $IdFt_1$ - P_1, P_3, P_4 , P_5 e P_6 ; $IdFt_2$ - P_3 e P_6; Imp. P_2 e P_5; SbPr - P_3, P_5 e P_6; Inf. Fl. - P_4 , P_5 e P_6; Inf. e Ger.)

NÃO - PERFEITO (invariável)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	dou	—	dá	damos	—	dam
	DJ	dou	—	da ~ daa	—	daes ~ daees ~ daeis ~ dais ~ daais	dã ~ dação
$IdPt_1$	JB	—	—	dava	—	—	dávam
	DJ	—	—	—	—	—	davão ~ davam
$IdFt_1$	JB	darei	—	—	daremos	—	—
	DJ	darey	—	dara ~ daraa	—	dares ~ dareys ~ dareis	daram
$IdFt_2$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	daria	—	—	dariam
Imp.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	day	—	—	dai ~ day	—
SbPr.	JB	—	—	dê	—	—	dem
	DJ	—	—	—	—	deis ~ deys ~ dees	dem
Inf.Fl	JB	—	—	—	dármos	—	dárem
	DJ	—	—	—	—	dardes	darem
Inf.	JB	dár					
	DJ	dar ~ daar					
Ger.	JB	dando					
	DJ	dando					

ii

Dar D + VTe

D+Vte ($IdPt_2$ - P_1, P_3, P_4 P_5 e P_6 ; SbFt - P_3 ; SbPt - P_1 P_3, P_5 e P_6)

PERFEITO (específico)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPt2	JB	dei	—	deu	demos	—	déram ~ derám
	DJ	dey	—	deu	—	destes	derão ~ deram
$IdPt_3$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbFt	JB	—	—	désse	—	—	—
	DJ	—	—	dese	—	—	—
SbPt	JB	der	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	der ~ dee	—	derdes	derem

Observemos os contextos morfológicos desses verbos no Quadro 14.

Quadro 14 - Lexemas do subgrupo 2 dos TNP e do perfeito em JB e DJ

DOCUMENTOS PERÍODOS VERBOS	SÉCULO XVI 1540, OBRA PEDAGÓGICA DE JOÃO DE BARROS GLP, DVV e DLNL		SÉCULO XVI 1523/1557 CARTAS DE D. JOÃO III	
	LEXEMAS DO NÃO-PERFEITO	LEXEMA DO PERFEITO	LEXEMA DO NÃO-PERFEITO	LEXEMA DO PERFEITO
PRAZER CABER	praz- cab-	prouv- coub-	praz- —	prouv —
DAR	d + Vta	d + Vte	d + Vta	d + Vte

Os verbos prazer e caber (tipo a) e dar (tipo b) diferem por apresentar fenômenos morfonológicos distintos, a saber:

Tipo a - ditongação etimológica para os lexemas dos tempos do perfeito

O verbo prazer (47 ocorrências) aparece além do inf., na P_3 de IdPr – praz, e de $IdFt_1$ prazera.

(22) "e me praz de o acrecemtar a cavaleiro," (C370 MF l; 15 p. 392).

No infinitivo prazer - prazer ~ praser (< *placere*), no gerúndio prazendo e nos compostos apráz, aprazer, comprazer e desprazer/desprazer.

O lexema praz- dos TNP difere dos lexemas do perfeito prouv-. A forma prouv- foi registrada na P_3 de $IdPt_2$ (prouve - prouve). E também nas derivadas (aprouve/aprouve, desaprouve e aprouvesse). O lexema prouv < *placui* (remiscências do pretérito forte em *-ui* do latim) chegou a essa forma por influência de outros verbos de terminação semelhante (NUNES, 1960, p. 323§ 41 e PIEL, 1989, p. 234).

(23) "Tiram-se désta régra apráz (...) e dizemos: aprouve." (JB - GLP l; 4-5 - Dos Pretéritos e Partiçípios - p. 342).

Mantemos a análise de Mattos e Silva (1994, p. 56) de que ocorrera a metátese do *u* para a primeira sílaba, e, logo, a formação do ditongo no lexema (*placui* > prouv), porque a forma prouv-, tanto em JB quanto em DJ, atesta esse fato. O verbo caber <*caperẽ* está nesse

grupo apenas por não ter sido registrada a forma ditongada caibo <*capiat.* O lexema dos TP é coub- < *capui* em JB IdPt$_2$ coube.

Tipo b - oposição entre o verbo *dar:* V*ta* para os tempos do não-perfeito e V*te* para os tempos do perfeito

A diferença de vogal temática que se verifica no verbo dar entre os TNP - d + Vt*a* e os TP (d + Vt*e*) remonta-se, segundo Mattos e Silva (1989, p.56), às formas desse verbo no latim, em que havia uma base *da-* para os tempos do "*infectum*" e uma base *ded-* para os tempos do "*perfectum*". O verbo dar que, na documentação, teve um número de ocorrência alta, 288 vezes, apresenta-se, assim, tanto no PA como no português contemporâneo. As variações dão-se apenas a nível de flexão, principalmente na P_3, P_5 e P_6 dos dados de DJ. (IdPr - dá, da ~ daa, daes ~ daees, daeis ~ dais ~ daais, dam ~ dã, dação. IdFt$_1$ - darei, darey, dara ~ daraa, dares ~ dareys ~ dareis, Imp. P_2 - day e P_5 - dai ~ day e IdPt$_2$ déram, deram ~ derão), etc. A forma dou (dou - dou) de P_1 de IdPr, do latim *do,* tem sido explicada de diversas formas: i) ter surgido diretamente de *do*, ii) ser decorrente da analogia com vou (WILLIAMS, 1986, p. 225; COUTINHO, 1976, p. 305), iii) atribuída a forma *dao > dou (NUNES, 1960, p. 305), iv) ou a assimilação Vt*a* ao *u*, passando *o* (MATTOS e SILVA, 1989, p. 376).

(24) "E daqui te dou liçença que âs póssas alegár, quando te ocorrerem a prepósito da matéria". (JB - DVV l; 61/62 p.415).

3.5 Verbos do subgrupo 3

Verbos que apresentam variação nos lexemas do não-perfeito, sendo o lexema das formas do perfeito a variante mais generalizada do lexema do não-perfeito.

No subgrupo 2, o lexema invariável é o dos TP e se aplica aos do não-perfeito. Nesse caso, porém, não se pode falar propriamente de oposição entre esses dois grupos de tempos, pois essa se estabelece apenas entre a IdPr P_1 e tempo derivado SbPr P_1 a P_6. Os demais tempos, tanto do não-perfeito quanto do perfeito, apresentam o mesmo lexema, e, dada a pouca variabilidade de formas, esses verbos são considerados pelas gramáticas normativas como semi-irregulares. São: ouvir, pedir, arder, medir e perder. Os verbos arder e medir, a exemplo dos verbos jazer do subgrupo 1 e caber do subgrupo 2, também tiveram os seus quadros diminuídos, limitando-se aos contextos em que ocorrem.

3.5.1 Descrição dos dados

i - Ouvir — OUÇ- / OUV-

OUÇ- (IdPr - P_1 e SbPr - P_1 e P_6)

OUV- (IdPr - P_2, P_3, P_5 e P_6; IdPt$_1$ - P_1, a P_6; IdFt$_1$ - P_1 a P_6; IdFt$_2$ - P_1 a P_6; Imp. - P_2 e P_5; Inf. Fl. - P_1, P_2, P_3, P_5 e P_6; Inf. e Ger.)

NÃO – PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	ouço	ouves	ouve	—	ouvis	ouvem
	DJ	—	—	—	—	—	—
IdPt$_1$	JB	ouvia	ouvias	ouvia	ouviamos	ouvieies	ouviam
	DJ	—	—	—	—	—	—
IdFt$_1$	JB	ouvirei	ouvirás	ouvirá	ouviremos	ouvireis	ouvirão
	DJ	—	—	—	—	—	—
IdFt$_2$	JB	ouviria	ouvirias	ouviria	ouviriamos	ouviries ~ ouvireies	ouviriam
	DJ	—	—	—	—	—	—
Imp.	JB	—	ouve	—	—	ouvi	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPr.	JB	ouça	ouças	ouça	ouçamos	ouçaies	ouçam
	DJ	—	—	ouça	—	ouçaes ~ ouçaees	—
Inf.Fl	JB	ouvir	ouvires	ouvir	—	ouvirdes	ouvirem
	DJ	—	—	—	—	—	—
Inf.	JB	ouvir					
	DJ	ouvir ~ ouvyr					
Ger.	JB	ouvindo					
	DJ	—					

ii - Ouvir — OUV-

OUV- (IdPt$_2$ - P_1 a P_6; IdPt$_3$ - P_1, a P_4 e P_6; SbPt - P_1 a P_6 e SbFt - P_3 e P_4)

PERFEITO (variante mais generalizada)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPt$_2$	JB	ouvi	ouviste	ouviu ~ ouvio	ouvimos	ouvistes	ouviram
	DJ	—	—	—	—	—	—
IdPt$_3$	JB	ouvira	ouviras	ouvira	ouvíramos ~ ouviramos	—	ouviram
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPt	JB	ouvisse	ouvisses	ouvisse	ouvíssemos	ouvísseies	ouvisem
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbFt	JB	—	—	ouver	ouvirmos	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—

i - Pedir — PEÇ- / PED- ~ PID-

PEÇ- (IdPr - P_1 e SbPr - P_1 e P_5)

PED- (IdPr - P_2, P_3, P_5 e P_6; IdPt$_1$ - P_2, P_3 e P_6; Inf. Fl. - P_2 e P_6; Inf. E Ger.)

PID- (IdPr - P_5; IdPt$_1$ - P_3; IdFt$_1$ - P_5; Inf. e Ger.)

NÃO – PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	peço	pédes	—	—	pedis	—
	DJ	peço	—	pede	—	pidys	pedem
IdPt$_1$	JB	—	pedias	pedia	—	—	pediam
	DJ	—	—	pidia ~ pedia	—	—	—
IdFt$_1$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	pidireis	—
IdFt$_2$	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Imp.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPr.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	peça	—	—	—	peçais	—
Inf.Fl	JB	—	pedires	—	—	—	pedirem
	DJ	—	pedires	—	—	—	—
Inf.	JB	pedir					
	DJ	pedir ~ pedyr ~ pidir					
Ger.	JB	—					
	DJ	pidimdo ~ pedymdo ~ pedindo					

ii -
Pedir PED- ~ PID-

PED- (IdPt2 - P3)
PID- (SbPt - P2 e SbFt - P3)

PERFEITO (variante mais generalizada)

		P1	P2	P3	P4	P5	P6
IdPt2	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	pedio	—	—	—
IdPt3	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPt	JB	—	pidires	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbFt	JB	—	—	pidises	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—

i -
Medir MEÇ-

MEÇ- (IdPr P1)

NÃO – PERFEITO (variação)

		P1	P2	P3	P4	P5	P6
IdPr	JB	meço	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—

ii -
Medir MED-

MED- (IdPt2 - P1)

PERFEITO (variante mais generalizada)

		P1	P2	P3	P4	P5	P6
IdPt2	JB	—	—	—	—	—	medirám
	DJ	—	—	—	—	—	—

i -
Perder PERC- PERD-

PERC- (SbPr - P6)
PERD- (IdPr- P3, P4 e P6; IdPt1 - P6; SbPr - P6; Inf. Fl. - P3 e P6; Inf. e Ger.)

NÃO – PERFEITO (variação)

		P1	P2	P3	P4	P5	P6
IdPr	JB	—	—	pérde	—	—	pérdem
	DJ	—	—	perde	perdemos	—	—
IdPt1	JB	—	—	—	—	—	perdiam
	DJ	—	—	—	—	—	—
IdFt1	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
IdFt2	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Imp.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbPr.	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	perdam ~ percão
Inf.Fl	JB	—	—	—	—	—	perderem
	DJ	—	—	perder	—	—	perderem
Inf.	JB	perder					
	DJ	perder					
Ger.	JB	perdendo					
	DJ	—					

ii -
Perder PERD-

PER- (IdPt2 - P3 e P6 e IdPt3 - P2)

PERFEITO (variante mais generalizada)

		P1	P2	P3	P4	P5	P6
IdPt2	JB	—	—	perdeo	—	—	perdéram ~ perderam
	DJ	—	—	—	—	—	—
IdPt3	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	perdera	—	—	—
SbPt	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
SbFt	JB	—	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—

i -
Arder ARÇ-
ARD-

ARÇ- (IdPr - P_1)
ARD- (Inf.)

NÃO – PERFEITO (variação)

		P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6
IdPr	JB	arço	—	—	—	—	—
	DJ	—	—	—	—	—	—
Inf.	JB	arder					
	DJ	arder					

Vejamos como esses verbos se comportam no Quadro 15, a seguir:

Quadro 15 - Lexemas do subgrupo 3 em JB e em DJ

PERÍODOS DOCUMENTOS VERBOS	SÉCULO XVI 1540 OBRA PEDAGÓGICA DE JOÃO DE BARROS GLP, DVV e DLNL		SÉCULO XVI 1523-1557 CARTAS DE D. JOÃO III	
	Lexemas de IdPr P_1 e de SbPr P_1 a P_6	Lexemas de outros tempos e pessoas	Lexemas de IdPr P_1 e de SbPr P_1 a P_6	Lexemas de outros tempos e pessoas
OUVIR	ouç-	ouv-	ouç-	ouv-
PEDIR	peç-	ped-	peç-	ped- pid-
ARDER	arç-	ard-	—	—
MEDIR	meç-	med-	—	—
PERDER	—	perd-	perc-	perd-

Verbos que têm os lexemas de IdPr P_1 e SbPr fechados por sibilante /ts/ > /s/ grafada <ç>, tendo no étimo latino uma semivogal antecendendo a consoante final do lexema

No *corpus*, apenas os verbos ouvir, pedir, arder, medir e perder, com 197[63], 71, 03, 01 e 30 ocorrências, respectivamente, apresentam essas características. Essas variações são decorrentes do mesmo tipo de processo fonético, a palatalização da consoante:

audio > ouço (IdPr P_1 ouço - SbPr P_1 a P_6 ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçaies ouçaees ~ ouçaes e ouçam).
pedio > peço (peço - peço, peça e peçais)
medio > meço (meço)
ardio > arço (arço)[64]

A variação entre os lexemas de pedir ~ pidir foi registrada tanto nos TP quanto nos TNP, como: IdPr P_5 pedis ~ pidys, IdPt1 P_3 pedia ~ pedia ~ pidia, IdFt1 P_5 pidireis, Inf. pedir ~ pedir ~ pedyr ~ pidir e Ger. pidimdo ~ pedymdo ~ pedindo.

---

63 Dentre essas, apenas as formas de SbPr - P3 e P5 e Inf. foram verificadas nos dados de DJ. (ouça ouçaes ~ ouçaees e ouvir ~ ouvyr), respectivamente.
64 Além do infinitivo arder e arder, lexema ard- dos outros tempos do NP e os do P.

(25) “Diogo Coelho, escudeiro fidallguo de minha casa, filho de Nycollaao Coelho, m’eṽyou pedir licença pera me ir servir aa Indya, (...)” (C. 349 MC l; 3 p.378).

(26) “e eu espero que elle mandara fazer o que lhe asy por vos mãdo pidir” (C.6 AP l; 204/205 p.12).

O lexema med- (de medir) foi documentado apenas em JB IdPt2 P6 (medirám). O verbo perder (< *perdere*), P1 de IdPr **perdeo* > perço, substituído posteriormente por perco, e P1 de SbPr **perdeam* > percão, está documentado na P6 de SbPr. O lexema perd- aparece em (perde, pérde e pérdem P3 e P6 de IdPr, perdemos P4 e perdiam P6 de IdPt1, P3 e P6 de Inf.Fl. perder/perderem/perderem, de Inf perder/perder. e de Ger. perdendo. Também na P3 e P6 de IdPt2, perdeo e perderam e P3 de IdPt3 perdera.) O registro do lexema perd- para a P6 em DJ (perdam), ao lado de percam; Essa última indica, provavelmente, uma regularização com as formas dos demais tempos.

A análise comparativa dos três subgrupos permite verificar que **o subgrupo 1 é, pelas características que o definem (cf.item 3.3), o que oferece as condições ótimas de classificação dos VPE, e, por essa razão, engloba o maior número de itens verbais dessa categoria**. Dos **vinte e três** registrados no *corpus*, **quinze fazem parte desse subgrupo.** E, embora não tenha havido ocorrência de verbos que compõem os subgrupos 2 e 3, é no 1 que prevalece o maior tipo de variação morfofonológica. Essa riqueza variacional própria do subgrupo 1 contrapõe-se ao quadro de relativa uniformidade dos demais subgrupos. A comparação entre os de 1, 2 e 3 permite ainda que se observe a nítida simplificação que vai operando-se nos VPE. **Nesse aspecto, o subgrupo 3 é o que mais se aproxima do paradigma uniforme dos verbos de padrão geral, ou “regulares”.**

A Tabela 1 mostra a frequência do conjunto de verbos nesses subgrupos, nos documentos analisados.

Tabela 1 - Frequência verbal nos três subgrupos em JB e em DJ

Subgrupos / Textos	Subgrupo 1	Subgrupo 2	Subgrupo 3
JB	92%	3,65%	4,35%
DJ	92,15%	5,81%	2,04%

A mudança que ocorreria nos subgrupos é previsível, partiria do subgrupo 3 (o que mais se aproxima do paradigma geral). Os processos de uniformização que levariam a uma regularização desses verbos no século XVI seriam proporcionais ao nível de variação de cada subgrupo, em uma escala decrescente. Assim, esperamos encontrar maior regularização nos verbos do subgrupo 3 no século XVI.

3.6 Verbos do subgrupo 4

3.6.1 Descrição dos dados

Verbos de PP especial, tradicionalmente chamado de particípio forte.

Foram constatadas diversas formas com a função de particípio passado, a saber: abrir, aceitar, cingir, colher, coser, cubrir ~ cobrir dizer, escrever, exprimir, fazer, imprimir, matar, morrer, naçer, pagar, por ~ poer, prender, salvar, soltar e ver.

VERBOS	DOCUMENTOS	
	JB	DJ
abrir	aberto	aberto
aceitar	aceito	aceito
cingir	—	cinto
colher	colheito	—
coser	coseito	—
cubrir ~ cobrir	cuberto ~ coberto	cuberto ~ coberto
dizer	dito	dito[65]
escrever	escrito	escrito ~ scryto[66]
exprimir	—	expresso
fazer	feito	feito ~ feyto ~ ffeito
imprimir	impresso	—
matar	—	morto
morrer	—	morto
naçer	nado	—
pagar	—	pago ~ paguo
por ~ poer	posto	posto
prender	—	preso
soltar	—	solto
ver ~ veer	visto	visto

[65] O lexema dict- aparece apenas na função de substantivo.

[66] Nas Cartas, houve uma grande variação no uso dessa forma, tal como: *Sprita ẽ Mõte Morr o Novo* (C6 AP l; 348 p.16), *Scripta ẽ Lisboa* (C5 ... l; 26 p.6) *Esprita em Evora* (C28 S l; 32 p.62) *...pello que tem escripto* (C87, l; 9 p.130), *Stprita em Evora* (C280 MC, l. 12 p.310). Essas variações, ao que se supõe, são resultantes de abreviaturas da forma latina *scriptum.*

O critério de classificação para o subgrupo 4 difere dos demais, porque, nesse caso, não se trata das dissimilaridades entre as formas dos TNP e dos TP, mas de verbos cujos PP não seguem o padrão geral ou, então, apresentam duas formas, uma geral e outra especial. O particípio passado é uma das formas nominais latinas que se manteve no português (cf. item 1.3.1). Os estudos gramaticais, de modo geral, tanto normativos, quanto históricos, costumam subdividir as formas desse tempo em regulares/ irregulares e em fracos/fortes.

Nas gramáticas normativas contemporâneas, é listado um grande número de verbos que admitem duplo particípio, denominados, respectivamente, de regular e de irregular. Destaca-se, ainda, o grande uso de particípios com função de adjetivo, substantivo e também de preposição. Há, também, verbos que admitem apenas um tipo de particípio, o "irregular", que são: aberto, coberto, dito, escrito, feito, posto, visto e vindo[67] (e derivados).

Nos estudos gramaticais históricos, verifica-se que a diferença entre as formas fracas e fortes surgiu do latim, como resultado de alterações fonéticas na formação do particípio passado, em que a um tema verbal se juntava o sufixo -to. Essas alterações foram observadas nos verbos cujos lexemas terminavam por consoante (verbos consonânticos), devido a processos de harmonização da consoante final do lexema, gerando as denominadas formas fortes, das quais muitas se mantiveram no português, e as formas fracas, para os verbos cujos lexemas terminavam em vogal (verbos vocálicos). Nesse caso, os verbos de tema em *-a > ato* > ado, de tema em -i > itu > ido e os de tema em *-e*, ao invés de *-etu, -uto.* Esse último caiu em desuso, embora tenha sido bastante usado no latim vulgar e no português arcaico - udo. No português atual, foi substituído pelo -ido, dos temas em *-i.* (NUNES, 1960, p. 325-325). No *corpus,* documentamos em DJ o particípio em *udo < utu*, apenas duas vezes; vejamos os exemplos abaixo:

(27) "e como he conteudo no concerto que com elle fez" (C10 PAC l; 4-5 p. 20).

(28) "metendoas ẽ pose das capytanias com as quaes vemçerã e averão hordenado contheudo ẽ meu Regimento." (C153 l; 24-25 p.196).

A perda dessa forma com função de particípio passado é atribuída por Piel (1989, p. 238) a um processo de analogia "ao facto de a maioria dos verbos caracterizados antigamente por aquela desinência terem um pretérito em -i, vogal que penetrou analogicamente no

---

[67] Esse particípio originou-se da evolução fonética de **venitum* > veindo > vindo, assim também com *finitum* > fiido > findo (PIEL, 1989, p. 238).

particípio". O autor identifica a variação no uso desse particípio em Fernão Lopes (*avudo* ~ *avido*, metido ~ metudo, etc.). E assinala, ainda, como um dos últimos registros dessa forma, a ocorrência de *creçudo* em Gil Vicente (1482-1552). Esse teatrólogo, como se sabe, era contemporâneo de D. João III (1521-1557). Com relação à terminação forte, que mantém o particípio de acordo com seu étimo latino, apresenta-se em português com os seguintes tipos: *-t*: (aberto < *apertum*, escrito < *scriptum*, etc. (em maior número); *-s*: (dos radicais latinos *d* ou *t*, preso < pre(he)nsum, impresso < *impressum*, etc. (mais raros); *-stus*: comesto < *comestus*, etc, e -e*ito*: colheito < *collectum*, etc. (PIEL, 1989, p. 238). Esse autor e também Nunes (1960, p. 325) apontam ainda os particípios dos verbos em *-ar* que fazem uso do *-o*, ao invés do sufixo *-ado*, como exemplo: pago, ganho, etc. (No português contemporâneo, ocorre o particípio em *-ado*, pagado, ganhado, etc). E, ainda, os particípios *truncados,* que apresentam a variante *-e* (invariável), tais como: fixe, aceite, etc. No *corpus,* a forma aceite não ocorre, mas sim açeita.

(29) "E como pósso eu conheçer quando lhe é açeita a óbra que proçede da minha boa tençám?" (DVV - JB l; 724-725, p. 446).

No subgrupo 4, Mattoso Câmara Jr. (1976) e Mattos e Silva (1989;1994) estabelecem dois tipos de particípio passado especial a partir dos seguintes fenômenos: a) verbos que apresentam o PP com lexema igual ao da forma do infinitivo e b) verbos que mantêm o PP especial único. Na documentação, muitas formas de PP ocorrem na função de substantivo e de adjetivo, como:

(30) "A matéria bem feita apráz ao méstre". (JB - GLP l; 18-A p.376).

(31) "(...) achara as ditas naaos partidas". (C365 AM l; 6-7 p.389).

Consideramos, para fins de análise, o uso de particípio passado de verbo quando em locução verbal ou em orações com o particípio. Os exemplos que atestam esse uso, tanto em JB quanto em DJ, foram:

Tipo a - verbos com lexema específico de acordo com seu étimo latino para PP

ABRIR

(32) "ca dizemos: abérto, cubérto, descubérto, e encubérto". (JB- GLP l; 11-12 - Dos Pretéritos e Partiçípios - p. 342).

(33) "e onde ha caminho tam aberto pera Noso Senhor ser muyto servido" (C321 PAC l; 65-66 p. 352).

CUBRIR

(34) "ca dizemos: abérto, cubérto, descubérto, e encubérto." (JB- GLP l; 11-12 - Dos Pretéritos e Particípios - p.342).

COLHER

(35) "é um módo çérto e justo de falár e escrever, colheito do uso e autoridáde dos barões doutos" (JB - GLP l; 4-5 - Defingám da Gramática e as pártes déla - p. 293).

COSER

(36) "Avérbio é ũa das nóve pártes da òraçám que sempre anda conjunta e coseita com o vérbo..." (JB - GLP l; 1-2 - Do avérbio e suas pártes - p.345).

DIZER

(37) "Porém, aquele é louvádo e dito bem aventurádo, que matou o pensamento no princípio dele." (JB - DVV l; 495-496 p.433).

(38) "e jaa Llucas tem dito a Fernam d'Alvarez que se podera a *dita armada escusar"* (C152 FA l; 44-45 p.195).

(39) "e outros que sempre sam ditos em desprezo e abatimento da pe[s]soa" (JB - GLP l; 5-6 - Do nome aumentativo - p. 305).

ESCREVER

(40) "porque ali está escrito de mi e de todo fiél sérvo..." (JB - DVV l; 581 p.437).

(41) "E eu vos tenho escrito que cõpria muito fallar..." (C315 FA l; 10 p.345).

EXPRIMIR

(42) [...] sem embargo de minha ordenaçam em contrario e de todas as clausulas d'ella; que quero e me praz que nesto nam ajã lugar, posto que d'ellas se ouvesse de fazer expresa mençam. Feito em Evora, a doze dias d'outubro, o secretario a fez, 1524. (C3 J. 1; 25; p.2).

FAZER

(43) "Também ouve duas cartas vosas feitas em Mocata a vi dias de mayo." (C9 PA l; 34-35 p.20).

(44) "as verbas declaradas no Regimento que sobre ysso tenho ffeyto" (C370 MF l; 28-29 p.392).

(45) “se põe a cou[sa] feita ou amáda.” (JB - GLP l; 22/23 - Dos cásos do nome - p. 312).

IMPRIMIR

(46) “porque o impres[s]or, pelo que lhe tocáva, como a Cartinha foi impréssa, procurou proveito déla...” (JB - DVV l; 9-10/11 p. 412).

MATAR

(47) “onde tantos são mortos e morrem cada dia” (C321 PAC l; 86 p. 353).

MORRER

(48) “mas ainda em tempo que era morto hũu ẽbaixador meu.” (C6 AP l; 131/132 p.10).

POER ~ POR

(49) “que temos pósta em árte” (JB - DLNL l; 22 p. 391).

(50) “por nam estárem póstos na estima do mundo” (JB - DVV l; 384-385 p. 429).

(51) “e per a quárta denotávam o ofíçio ou alcunha que lhe éra pósta acáso...” (JB - GLP l; 25-26 - Do nome próprio e comum - p. 300).

PRENDER

(52) “E quamto aos guardas que estão presos” (C296 PA l; 15/-16 p. 325).

(53) “que elle mãdara de llaa preso hum frade da ordem de Sam Francisquo” (C179 PF l; ¾, p. 218).

(54) “e que o entreguara presso ao capitam da naao Ajuda.” (C179 PF l; 6-7 p. 218).

VEER ~ VER

(55) “semdo visto e ordenado por vos, sera como compre a meu serviço que seja”. (C360 AS l; 17 p. 386).

Tipo b - verbos com lexema de PP único

ACEITAR

(56) “por pesoa sua que diz que he hũu monseor de Corvorão, pesoa a elle aceita” (C9, PAC l; 18-19, p. 19).

PAGAR

(57) “E asy lhes serão paguas as dividas que nas ditas casas lhe forem dividas” (C75 PA l; 14-15, p.116).

(58) “Pagos trezẽtos sesenta reis” (C370, MF l; 53, p. 393).

SOLTAR

(60) “do dito caso do dia que for solto...” (C93, GM l; 30 p.138).

O Quadro 16, a seguir, resume os lexemas dos verbos dos particípios passados com função verbal, constatados na documentação.

Quadro 16 - Lexemas do subgrupo 4 em JB e em DJ

DOCUMENTOS PERÍODOS VERBOS	SÉCULO XVI 1540, OBRA PEDAGÓGICA DE JOÃO DE BARROS GLP, DVV e DLNL		SÉCULO XVI 1523/1557 CARTAS DE D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL	
	LEXEMAS DE INFINITIVO	LEXEMAS DE PP	LEXEMAS DE INFINITIVO	LEXEMAS DE PP
a. ABRIR	abr-	abert-	abr-	abert-
CINGIR	—	—	cing-	cint-
COLHER	colhe-	colheit-	—	—
COSER	cos-	coseit-	—	—
CUBRIR ~ COBRIR	cub- ~ cob-	cubert- ~ cobert-	cub- ~ cob-	cubert- ~ cobert-
DIZER	diz	dit-	diz-	dit-
ESCREVER	escrev-	escrit-	escrev-	escrit- ~ escryt
FAZER	—	—	faz-	feit- ~ ffeyt ~ feyt-
	faz-	feit-	—	—
IMPRIMIR/EMPRIMIR	imprim-	impres-	—	—
MATAR	—	—	mat-	mort-
MORRER	—	—	morr-	mort-
NAÇER	nac-	nad-	—	—
POER ~ POR	po-	post-	po-	post-
PRENDER	—	—	prend-	pres-
VEER ~ VER	ve-	vist-	ve-	vist-
b. ACEITAR	aceit-	aceit-	aceit-	aceit-
PAGAR	—	—	pag-	pag-
SOLTAR	—	—	solt-	solt-

3.7 Variações gráficas e/ou fônicas nos lexemas dos verbos de padrão especial

As variações gráficas e/ou fônicas registradas no *corpus* foram resumidas abaixo a partir dos vários tipos de ocorrências e restrigem-se apenas aos lexemas dos itens verbais estudados. Ainda que seja muito difícil precisar até que ponto a escrita retrata a fala, dadas as especificidades inerentes a cada uma dessas modalidades, tentaremos depreender, nos dois grupos de textos, o que seriam possivelmente variações fônicas e não apenas gráficas, em função dos contextos linguísticos em que ocorrem.

Existem de fato diferenças notadamente gráficas, como as observadas em 3.7.1, que não caracterizam variações ou mudanças nos lexemas. Em contrapartida, algumas variações sugerem uma suposta relação entre a fala e a escrita, como as observadas em 3.7.2, e, assim

sendo, indicam a co-existência de lexemas distintos, constituindo-se num possível indício de mudança, ou ainda, de variantes estáveis.

3.7.1 Variações gráficas

As variações gráficas constatadas nos dados foram sumarizadas, a seguir, a partir da representação de grafemas distintos para uma mesma realização fônica.

a) <f> ~ <ff> for ~ ffor, faço ~ ffaço, etc.

A duplicação da fricativa labiodental surda [f] no início de palavras ascende ao latim, não indica uma tentativa de distingui-la de outra realização fônica. Em JB, não ocorre esse tipo de variação, e o próprio autor diz que o [f] não apresenta muitas particularidades que suscitem dúvidas no seu uso.

b) <z> ~ <zz> fazendo ~ fazendo.
<s> ~ <z> dises ~ dizes, etc.

Essas variações na representação da sibilante sonora em posição medial de palavra não foram significativas no *corpus*; a primeira foi documentada duas vezes, e a segunda, apenas uma.

c) <ss> ~ <s> disse ~ dise, diser ~ diserdes,
posso ~ poso, fosẽ ~ fossem.

No que se refere à representação da sibilante surda <ss> ~ <s>, essa variação é mais expressiva em DJ; ocorre em JB em formas verbais apenas uma vez com dis[s]e, porém, foi registrada em outras classes gramaticais, como em pe[s]soa, etc.

d) <m> ~ <n> ~ <~> sendo ~ semdo, fazẽndo ~ ffazemdo ~ fazendo.

A falta de sistematização na grafia da nasal levou à variação desse tipo. Assim, há registros de <m> ~ <n> ~ < ~ > como equivalentes antes de consoante. Em JB, também há esse tipo de variação, embora o uso do <m> e do <n> tenha sido uniformizado na transcrição (mantendo-se o til <~> em posição final, na vogal ã acentuada e nos ditongos, cf. Buescu (1971, p. III). Com relação à nasalização da vogal final, a variação ocorre principalmente em:

e) formas monossílábicas de ter, vir e ir na P_3 em DJ tem ~ tẽ, e na P_6 de IdPr vam ~ vão ~ vãão ~ vaão ~ vãao e vã e na P_6 de haver ~ ham ~ hão ~ hã, am e na P_6 (õ, am, ã, ão) da forma como se segue IdPr (47) am (1) ã e (5) ão, $IdPt_1$ (4) ã e (10) am, $IdPt_2$ (1) om (2) ã (10) am. Em outras formas verbais (1) om, (7) ã, (10) ão e (36) am;

f) <y> ~ <i>. Há ainda oscilação no uso do <y> ~ <i>, como em JB (embora na transcrição o <y> tenha sido substituído pelo <i>) e em DJ fizer ~ fyzer, vinha ~ vynha, hia ~ hyha;

g) <h> ~ <Ø>. Essa variação em palavras em que o uso do <h> se justificaria pela etimologia foi documentada em JB, houvéram ~ [h]ouvéram, e em DJ, houver ~ ouver, etc. Além desse uso, o <h> foi registrado antes de vogais iniciais hir ~ ir e entre vogas distintas – hyha;

h) <oo> ~ <o>
<aa> ~<a> <ee> ~ <e>, etc.

Exemplos de duplicação de vogais em teenho ~ tenho (2), veenha (6) venha, poode ~ pode, vaa ~ va e daa ~ da foram registrados em número reduzido e somente em DJ. As vogais duplas nesses casos, todavia, não se justificam; etimologicamente; provalvemente são usadas como forma de abertura da vogal ou como representação da vogal da sílaba acentuada, conforme atestam outras formas, embora não a nível de lexema: estaa, diraa, seraa, poderaa, daraa, etc. e dee, SbFt P_3.

A regularização no uso da grafia na edição utilizada da obra de JB, por um lado, e, por outro, a edição das Cartas de DJ, sem cópia facsimilada, não permitiram observações mais conclusivas a respeito da grafia dos lexemas desses verbos no século XVI.

3.7.2 Variações fônicas

As formas onde ocorreram variações dessa natureza, tanto em JB quanto em DJ, foram reunidas em quatro grupos, de acordo com os tipos de processos fônicos comuns. Esses processos apresentados nas Tabelas 2, 3, 4, e 5 representam as seguintes situações: 1) variações em decorrência de encontros vocálicos orais e nasais (vogais duplas); 2) variação por influência da oposição entre P_1 e P_3 de $IdPt_2$ (<e/i>) e (<o>/<u>) e variação na representação da pretônica, 3) variação por assimilação da vogal átona em relação à tônica e 4) variação na representação do <ɲ>.

O tipo de variação referida em (1) foi discriminado abaixo, levando-se em consideração os contextos específicos: (1a) - vogais orais, (1b) e (1c) - vogais seguidas de [m] e [ɲ], como visto na Tabela 2.

Tabela 2 - Formas conservadoras em decorrência de encontros vocálicos orais e nasais, em DJ

VARIAÇÕES FÔNICAS LEXEMAS / DOCUMENTOS		JB	DJ
<ee> ~ <e>	1a) teer ~ (ter), teereis ~ (tereis), etc	—	34,48% 20/38
	veer ~ (ver)	—	2,60% 2/75
	seer ~ (ser)	—	3,70% 8/208
	1b) teem ~ (tem)	—	5,26% 4/72
	veem ~ (vem)	—	14,29% 2/12

Conforme se vê na Tabela 2 acima, as variantes conservadoras apresentam uma frequência bastante inferior em relação às formas inovadoras em (1a) ver, (1b) tem e vem. A evolução fonética que culminou na contração das duas vogais em uma apresenta-se, segundo Teyssier (1984, p. 40-41), da seguinte forma: 1) a contração entre duas vogais orais vai gerar mudanças no sistema fonológico da língua em posição pretônica e tônica, como é o caso de tereis e ver/ser, respectivamente; 2). No que diz respeito à contração de duas vogais nasais, o mesmo não ocorre, uma vez que o resultado desse processo se dá, nesse caso específico, (1.b.) tem e vem, no [ẽ], um fonema que já existe na língua. De modo geral, a baixa frequência de formas onde não ocorrera a contração das vogais orais e nasais mostra que essas estavam em desuso e que o processo de mudança já estava em fase de conclusão, tendência corroborada pela falta de registro dessas formas em JB. A Tabela 3, a seguir, que se refere ao processo discriminado em 2, apresenta os seguintes resultados:

Tabela 3 - Variação por influência da oposição entre P1 e P3 de IdPt2 (<e/i>) e (<o>/<u>) e na representação da pretônica

VARIAÇÕES FÔNICAS LEXEMAS / DOCUMENTOS		JB	DJ
<e> ~ <i>	2a) estevér ~ estivér, esteverdes ~ estiverdes, etc	25,0% 3/12	9,09% 1/11
	tevéram ~ tiveram, tever ~ tiver, etc	43,9% 18/41	19,04% 4/21
	fezéram ~ fizeram, fezerã ~ fizerão, etc	17,65% 3/17	10,53% 6/57
	2b) <o> ~ <u> poseram ~ puseram, etc.	44,44% 4/9	—
	2c) dessésse ~ dissése	5,26% 1/19	—
	2d) pidia ~ pedia	—	2,65% 3/113
	dezia ~ dizia, etc	—	23,81% 10/42

A variação (2.a e 2.b) <e> e <i> e <o> ~ <u> é registrada nos dois grupos de documentos. A ocorrência dessas variantes não deve ser confundida, segundo Teyssier (1984, p. 61), com a evolução das pretônicas anteriores e posteriores a [ɛ] > [i] e [ɔ] > [u], respectivamente. Formas como teveram ~ tiveram e fezerã ~ fizerão, poseram ~ puseram e esteverdes ~ estiverdes devem-se à influência da oposição entre P_1 e P_3 de $IdPt_2$ em tive/teve, fiz/fez e pus/pôs. Por outro lado, as formas variantes mais conservadoras, dessesse ~ dissese, pidia ~ pedia, dezia ~ dizia, apresentam variação em termos de representação da pretônica <e> ~ <i>.

Os resultados em termos de frequência das formas conservadoras demonstram que há certo equilíbrio entre JB e DJ; mesmo no caso de (2.b) em JB, pois o índice de 44,4% demonstra que essa variante era ainda bastante usada nesse período. É interessante observar que, em DJ, o lexema pos- para os TP é categórico, não há registro de pus-. E, mesmo em JB, a variação entre pos- (44,44%) ~ pus- (55,56%) é ainda equilibrada. Com relação a pidia ~ pedia, o que se verifica é que, mesmo sendo o lexema pid- o menos frequente, o índice de 23,8% parece levar a crer que se trate de uma variante estável, se compararmos com a situação do português atual. Os estudos vêm demonstrando que, na pronúncia, há variação entre ped- ~ pid-, embora se registre, na escrita, o lexema ped., variação essa que está inserida num processo mais geral de variação, o das vogais pretônicas.

As formas apresentadas nas Tabelas 4 e 5, que se referem às variações fônicas 3 e 4 citadas anteriormente nos dois grupos de documentos, JB (3) e DJ (4), não foram significativas, dado o reduzido número de ocorrências, apenas uma em cada contexto, conforme se poderá verificar na Tabela 4, a seguir:

Tabela 4 - Forma conservadora decorrente de assimilação átona em relação à tônica, em JB

VARIAÇÕES FÔNICAS LEXEMAS / DOCUMENTOS		JB	DJ
<ee> ~ <i>	veeram ~ vierám	**4,35%** 1/23	—

A forma vierám é relatada na literatura como consequente de dissimilação da vogal átona em contato com a tônica e foi registrada apenas em JB.

Tabela 5 - Forma conservadora decorrente da variação na representação do <ɲ>, em DJ

VARIAÇÕES FÔNICAS LEXEMAS / DOCUMENTOS		JB	DJ
<ỹ> ~ <nh >	vỹa - vynha	—	**16,66%** 1/6

Essas variantes <ỹ> ~ <nh> são tidas como hesitação na representação do <nh>. A forma vỹa ocorreu apenas uma vez, e em DJ. Esses dados (Tabelas 4 e 5) pressupõem que essas formas estejam em desuso, embora, no que se refere a vỹa, essa variante se deva à pronúncia da época.

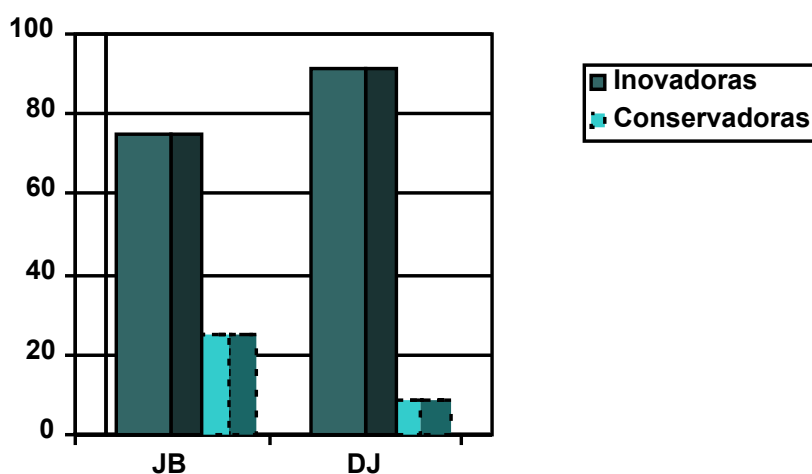
Além dessas variações, há o registro de formas arcaizantes como: veo (5), que corresponde a 50%; os 50% restantes dizem respeito ao uso da forma ditongada veyo, veio e veeo (uma vez). Em JB, a forma veo é predominante; as variantes ditongadas veio ~ veyo apresentam apenas uma ocorrência cada. Com relação ao verbo poder, só há o registro de pod-, não houve registro de pud-, a não ser na P_1 de DJ. A P_6 de IdPr do verbo ser, do latim *sunt,* apresenta variação apenas em DJ sam, sã, são e som (21, 1, 10 e 1 ocorrência(s) respectivamente, além das formas sam e são em P_1. Em JB, a P_1 aparece já ditongada sou, e a P_6 apenas como sam, que é a variante mais generalizada, também em DJ.

Nos dados analisados, verifica-se que DJ apresenta, nesses 4 grupos, 61 variantes arcaicas e 630 formas inovadoras, distribuídas por 9 tipos de contextos. Em JB, os 30 itens verbais conservadores se restringem apenas a 04 tipos de contextos e, dentre esses, 03 são comuns a DJ. As formas inovadoras em JB são 91.

3.8 - Verbos de padrão especial em João de Barros e em D. João III - algumas conclusões

O fato de JB apresentar um índice de variação alta nesses contextos poderá levar a uma falsa ideia de que, nesse sentido, DJ é menos conservador. Nessa análise, contudo, é necessário considerar que o que vai determinar o índice real de variação não é somente o uso mais ou menos generalizado de uma forma arcaizante, mas a variabilidade em termos dos tipos distintos de itens verbais em que essa ocorre.

A Figura 1, a seguir, demonstra, pois, como os índices registrados em JB e em DJ podem enviesar a análise dos dados:

Figura 1 - Formas inovadoras e conservadoras, em JB e em DJ

Assim, como dissemos, DJ apresenta um maior número de variação em termos de tipos de itens verbais. No entanto, a frequência (8,83% dos itens) das formas conservadoras é bem baixa se comparada às formas inovadoras (com 91,17% das ocorrências). Já em JB ocorre o contrário, há um número menor de tipos de variação, mas com uma frequência pouco maior do que a encontrada em DJ, consequentemente, há um menor número de formas inovadoras (75,21%) em relação a DJ. Isso talvez se explique devido à proposta de JB, enquanto normatizador, que, ao optar por uma forma, “evita” a variação.

Depois desse mapeamento das variações identificadas entre JB e DJ, a comparação entre ambos nos leva a prever um quadro muito mais de proximidade nos lexemas do VPE do que propriamente de diferenças.

4 Estudo comparativo entre os verbos de padrão especial no português arcaico e no português do século XVI

4.1 Introdução

Neste capítulo, o nosso objetivo principal é identificar as diferenças nos lexemas dos VPE entre o PA e o português do século XVI, relacionando-as à hipótese central deste trabalho de que mudanças fônicas e/ou analógicas teriam tornado esses verbos menos irregulares ou regulares. São considerados, para a primeira sincronia-PA, os dados de Mattos e Silva (1989;1994) e, para a segunda - século XVI, os resultados obtidos na descrição desses verbos no capítulo III, a partir dos documentos considerados. Para isso, iremos contrapor, de acordo com o modelo de análise já aplicado no capítulo anterior, esses dois momentos, destacando-se, nesse caso, as formas próprias do PA não registradas ou pouco frequentes no português do século XVI, na parte 4.2. Esse contraste será enriquecido ainda por um documento de um período intermediário, a Carta de Caminha, datada em 1500 (Novais; Almeida, 1996), apresentada no quadro - resumo, em 4.3.

4.2 O português arcaico e o português do século XVI: formas divergentes

O parâmento para o confronto entre essas duas sincronias será estabelecido a partir das formas divergentes dos VPE, específicos do PA, na forma como dissemos anteriormente. Assim, inicialmente, iremos apenas identificar os contextos (pessoas, tempos e modos) em que foram operadas essas alterações, os processos fônicos que as caracterizam e, sempre que possível, a estimativa de uso das mesmas. E, após isso, apresentaremos um quadro - resumo das mudanças dectadas de um momento para o outro, que são claramente percebidas através desse contraste. Essas diferenças, identificadas nos lexemas dos VPE, serão destacadas, com sublinhado, nos Quadros, a seguir, relativos à distribuição dos mesmos em cada subgrupo.

4.2.1 Subgrupo 1

Esse subgrupo, como vimos, é formado pelo contraste morfofonológico entre os TNP e os do TP, assim como os subgrupos 2 e 3. Vejamos:

4.2.1.1 Tempos do não-perfeito

As alterações nos lexemas dos VPE ocorrem basicamente nos tipos a, b, d, e e g, conforme Quadro, a seguir:

Quadro 17 - Lexemas dos subgrupos 1 dos TNP no PA (dados extraídos de Mattos e Silva 1989;1994) e no português do século XVI

	LEXEMAS DOS TEMPOS DO NÃO-PERFEITO	
PERÍODOS VERBOS	PORTUGUÊS ARCAICO	PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI
a. DIZER	dig- diz-, dez- di-	dig- diz- ~ dis- ~ dez - di- ~ dy-
TRAZER	trag- [+vel] **trag- [+pal]** tra-	trag- traz- tra-
FAZER ~ FFAZER	faç- faz- fa-	faç- ~ ffaç- faz- ~ ffaz- ~ faaz- ~ fazz- fa- ~ ffa-
AVER ~ HAV-, ER, [H]AV-, ER	av- aj- a-	[h]av- ~ av- ~ hav- [h]aj- ~ aj- [h]a- ~ a- ~ ha-
b. TER ~ TEER	ten- ~ tẽ- tenh- **tiinh-** **tenrr-, tẽrr-, terr-**	ten- ~ tẽ- ~ tem ~ teen ~ them- tenh- ~ teenh- tinh- ter- ~ teer-
VIR ~ VYR	vin-, vẽ- **viin-** venh- **viinh-** **venrr-, vẽrr-, verr-**	ven- ~ vẽ- ~ veem- vim ~ vin ~ vyr ~ vym ~ vỹ- venh- ~ veenh- vinh- ~ vynh- ~ vỹa- vi- ~ vy-
POER ~ POR	pon-, põ-, po- ponh- **poinh-** **ponrr-, põrr-, porr-**	pom- ~ põ- ponh- punh- po-
c. VER ~ VEER	ve- vi- vej-	ve- ~ vee- vi- ~ vy- vej-
ESTAR	est- estej-	est- —
d. PODER	pos- pod-, pud-	pos- pod- ~ pood-
JAZER	**jasc-** jaz-	jaç- jaz-
e. QUERER	quer- queir-	quer- queir- ~ queyr-
SABER	sab- —	sab- saib-
f. YR-, IR ~ HYR	va- i-	va- ~ vaa- i- hi- ~ hy- ~ y
g. SER ~ SEER	**se-** ~ e- sej- **si-** ~ er- so- son-	he- ~ e- sej- se- ~ sy- so- ~ soo- sã- ~ sam ~ som-

Os dados mostram, em termos comparativos, que:

a) O lexema trag- [pal] do verbo trager, de uso generalizado no PA, é próprio dos seguintes tempos e pessoas:
- IdPr P_2 a P_6 (trages, trage, etc)[68]
- $IdPt_1$ P_1 a P_6 (tragia, tragias, etc)
- Imp. P_2 e P_5 (trági, tragede)
- Inf. fl. P_1 a P_6
- Inf. (trager)
- Ger. (tragendo);

b) As variantes tiinha e viinha, sem a contração das vogais, ocorrem em $IdPt_1$ - P_1 e a P_6. A forma poinha própria desse mesmo tempo e pessoas indica que não se havia dado ainda o alteamento de [o], que, posteriormente, passa a [u], em decorrência desse processo de assimilação da vogal [i] da sílaba tônica, resultando em formas como puinha > punha. (MATTOS e SILVA, 1994, p. 53). Em $IdFt_1$ e $IdFt_2$ - P_1 a P_6 são resgistradas no português desse período as variantes tenrr-, tẽrr, terr- (de ter), venrr-, vẽrr- (de ver) e ponrr-, põrr e porr- (de pôr); essas variações mostram um processo de mudança em curso, em direção à desnasalização. A forma viim (IdPr P_4 e P_5, Imp P_5 e Inf. fl. P_1 a P_6, Inf. e Ger.) no PA aparece sem a contração da vogal nasal;

c) A ausência do lexema estej- deve-se provalvemente a um caso de limitação nos dados; foram, todavia, registradas formas arcaizantes como esteem ~ estem em DJ no SbPr P_6, em detrimento de estej-;

d) A forma jasc- de P_1 de IdPr (jasco) e de P_1 a P_6 de SbPr (jasco ... jascam etc.) é atribuída à influência dos incoativos *-escere* > -ecer (COUTINHO,1976, p. 308 e PIEL, 1989, p. 225);

e) O verbo saber não havia ditongado o lexema pela metátese da semivogal da sílaba seguinte no PA, no SbPr P_1 a P_6, e se realizava como sábia, sábias, etc.. A característica que o define no PA é a do subgrupo 2, dos verbos que têm lexema invariável nos TNP;

f) As variações gráficas, como a da representação de [i], <i> ou <y>, assim como também da nasal [n] ou [m], com <n>, <m> ou til, e ainda da aspirada [h] foram discutidas no item 3.7;

g) As variações observadas nos lexemas heteronímicos de ser se verificam nos seguintes tempos e pessoas: Se- ~ e- (he) - IdPr P_3 e P_6 (he ~ se, son ~ seen); Si- ~ er- IdPr P_3 e P_6 (era), (eras) era ~ siia, (eramos) ~ (erades) eram ~ siian)[69];

---

[68] As formas sublinhadas, entre parênteses, indicam o uso no PA, embora não tenham ocorrido nos DSG.

[69] No português arcaico, essas variações (se- ~e- e si- ~er-) entre a P_3 e P_6 de IdPr e $IdPt_1$, respectivamente, não indicam sinônimos perfeitos entre as formas e são usados em contextos específicos (MATTOS e SILVA, 1989,

Com exceção das variantes se- e si-, que caíram em desuso, posteriormente, as diferenças de lexemas entre as duas sinconias devem-se à evolução de processos fônicos gerais da língua, enquanto que, nos TP, somente encontrados no PA, em geral, são formas arcaizantes, prevalecendo, então, uma das variantes já usadas.

4.2.1.2 Tempos do perfeito

Com relação aos lexemas do TP, as formas variantes, conforme Quadro 18, são:

Quadro 18 - Lexemas dos subgrupos 1 dos TP no PA (dados extraídos de Mattos e Silva 1989;1994) e no português do século XVI

	LEXEMAS DOS TEMPOS DO PERFEITO			
PERÍODOS VERBOS	PORTUGUÊS ARCAICO		PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI	
	$IdPt_2$ P_1	IdPt P_3 e outros	$IdPt_2$ P_1	IdPt P_3 e outros
a. DIZER	dis-, dix-		dis- ~ des- ~ disc- ~ dix-	
QUERER	quis-		quis- ~ quiz-	
AVER	ouv-		[h]ouv- ~ ouv- ~ houv-	
TRAZER	trouv- ~ troux- ~ **troug-**		troux-	
JAZER	**joug-** ~ jouv-		jouv-	
b. FAZER	fiz-, **fig-**	fez-	fiz- ~ ffiz- ~ fyz-	fez- ~ ffez-
TEER ~ TER	tiv-	tev-	tiv-	tev-
VIIR ~ VIR	vĩ-, vin-	vẽ-, ven-, vẽ-	vin-	ve-
ESTAR	estiv-	estev-	estiv-	estev-
c. PODER	pud-	pod-	pud-	pod-
PÕER ~ POER ~ POR	**pug-**	pos-	pus-	pos-
IR	fu-	fo-	—	fo- ~ ffo-
d. SEER	fu- ~ **siv-**	fo- ~ **sev-**	—	fo- ~ ffo-
e. VEER		vi-		vi- ~ vy-

Verificamos que:

a. b e c. As variantes dix-, troug-, joug-, fig- e pug-, consideradas como dialetais, são pouco frequentes no DSG, (MATTOS e SILVA, 1989). As formas usuais no PA são as correspondentes: dis-, trouv-, jouv-, fiz- e pud- (pudi e não pude). Nos dados do português do século XVI, o lexema dix- foi registrado excepcionalmente na GLP de JB;

d. Os lexemas siv- e sev- do verbo seer ~ ser são formas variantes de fu- e fo-, respectivamente na P_3 de IdPr;

e. Não há diferenças no tipo e, mantendo-se no português do século XVI da mesma forma que no PA.

p. 365-577). Ex: (3.34.20) Per esta filha de Caleph que *siia* en cima da asna que he animalha sen razon.(4.12.7) Ele non se podia levantar nen *seer*.

4.2.2 Subgrupo 2

Nesse subgrupo, só houve alteração basicamente no tipo a, com a queda do lexema proug- (de prazer). O fato mais significativo ocorre com saber e caber, que mudam de subgrupo (cf.. item 3.3.1.1). Vejamos o Quadro 19:

Quadro 19 - Lexemas dos subgrupos 2 dos TNP e dos TP no PA (dados extraídos de Mattos e Silva, 1989; 1994) e no português do século XVI

PERÍODOS VERBOS	PORTUGUÊS ARCAICO		PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI	
	LEXEMAS DO NÃO-PERFEITO	LEXEMAS DO PERFEITO	LEXEMAS DO NÃO- PERFETO	LEXEMAS DO PERFEITO
a. SABER	sab-	soub-	—	—
PRAZER	praz-	**proug-**	praz-	prouv-
CABER	cab-	coub-	—	—
b. DAR	D+VTa	D+VTe	d + VTa	d + VTe

As mudanças são:

a. O lexema proug- (prazer) aparece no PA em P_1 a P_6 de $IdPt_2$ (prouge, prougueste, prouge, etc.) de SbPt (prouguesse, prouguesse, prouguesse, etc.) e de SbFt (prouguer, prougueres, prouguer, etc.). O u- é marca de *perfectum* latino (MATTOS e SILVA, 1994, p. 56);

b. Não há divergência nas formas do verbo dar entre os dois períodos do português.

4.2.3 Subgrupo 3

Nesse subgrupo, são verificadas alterações no tipo a e no b, principalmente, conforme demonstrado no Quadro 20, a seguir:

Quadro 20 - Lexemas do subgrupo 3, no PA (dados extraídos de MATTOS e SILVA 1989;1994) e no português do século XVI

PERÍODOS VERBOS	PORTUGUÊS ARCAICO		PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI	
	Lexemas de IdPr P1 e de SbPr P1 a P6	Lexemas de outros tempos e pessoas	Lexemas de IdPr P1 e da SbPr P1 a P6	Lexemas de outros tempos e pessoas
a. OUVIR	ouç-	ouv-	ouç-	ouv-
PEDIR	peç-	ped-	peç-	ped- ~ pid
ARDER	arç-	ard-	arç	ard-
MEDIR	meç-	med-	meç-	med-
MENTIR	menç-	ment-	—	—
SENTIR	senç-	sent-	sent-	sint- ~ sent-
PERDER	perç-	perd-	perc-	perd-
b. ACAECER	acaesc-	acaec-	—	—
CONHOCER	conhosc-	conhoc-	—	conhec-
NACER	nasc-	nac-	—	—
CRECER	cresc-	crec-	—	—

As diferenças são:

a. Os lexemas menç- (mentir), senç- (sentir) e perç- no PA caracterizam a P_1 de IdPr e SbPr - P_1 a P_6, opondo-se nos demais tempos com o lexema ment-, sent- e perd-;

b. Os lexemas acaesc-, conhosc-, nasc- e cresc- e demais verbos terminados em -cer são específicos também dos mesmos tempos e pessoas citadas acima, conforme exemplo de acaecer de SbPr - P_1 a P_6 (acaesca, acaescas, acaesca, acaescamos, ascaescades e acaecerian). Os lexemas para os demais tempos desses verbos são: acaec-, conhoc-, nac- e crec-.

Como vimos, muitas das oposições próprias desse subgrupo são perdidas no português do século XVI, atestadas, inclusive, com outros verbos dessa mesma natureza não documentados nos dados no PA. Esses dados nos levam a crer em processos de regularização na estrutura desses verbos, conforme será discutido no item 4.3 deste capítulo.

4.2.4 Subgrupo 4

As modificações nesse subgrupo devem-se também ao desuso de formas do tipo a, que, devido à possibilidade do uso do duplo particípio, um geral e outro específico, levou à queda da forma de PP especial no português contemporâneo. Os verbos com particípio único (tipo b) praticamente mantiveram-se inalterados. Com relação ao PA, as diferenças são decorrentes de formas verbais que não foram registradas em nossos dados. Vejamos o Quadro 21:

Quadro 21 - Lexemas do subgrupo 4 no PA (dados extraídos de Mattos e Silva 1989; 1994) e no português do século XVI

PERÍODOS VERBOS	PORTUGUES ARCAICO		PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI	
	LEXEMAS DE INFINITIVO	LEXEMAS DE PP	LEXEMAS DE INFINITIVO	LEXEMAS DE PP
a. ABRIR	abr-	abert-	abr-	abert-
ACENDER	acend-	**aces-**	—	—
BENZER	benz-	**bent-**	—	—
CINGIR	cing-	cint-	cing-	cint-
COBRIR ~ CUBRIR	cobr-	cobert-	cubr- ~ cobr-	cubert-
COLHER	colh-	colheit-	colh-	colheit-
COMER	com-	**comest-**	—	—
COSER	cos-	coseit-	cos-	coseit-
COZER	coz-	**coit-**	—	—
DEFENDER	defend-	**defes-**	—	—
DIZER	diz-	dit-	diz-	dit- ~ dict-
ERIGIR	erig-	**ereit-**	—	—
ESCREVER	escrev-	escrit-	escrev-	escrit-
FAZER	faz-	feit-	faz-	feit- ~ feyt- ~ feit-
IMPRIMIR	—	—	imprim-	impres-
MATAR	mat-	mort-	mat-	mort-
MORRER	morr-	mort-	morr-	mort-
NASCER	nasc-	nad-	naç-	nad-
PÕER ~ POER	põ-	post-	po-	post-
PRENDER	—	—	prend-	pres-
TOLHER	tolh-	tolheit-	—	—
TRAZER	traz-	**treit-**	—	—
VEER	ve-	vist-	ver-	vist-
b. ACEITAR	aceit-	aceit-	aceit-	aceit-
JUNTAR	junt-	junt-	—	—
PAGAR	pag-	pag-	pag-	pag-
SALVAR	salv-	salv-	—	—
SOLTAR	solt-	solt-	solt-	solt-

Desse modo:

a. Não foi documentado o uso dos lexemas de PP dos verbos acender (aces-) e benzer (bent-), que continuam a ser usados no português contemporâneo. Os lexemas de comer (comest-), defender (defes-), erigir (ereit-) e tolher (tolheit-), que, ao contrário dos demais, foram regularizados no português, ou melhor, só admitem o PP regular, não foram atestadas em nossos dados. Conforme a autora já havia referido, essa lista não esgota os verbos de PP especial. Encontramos, além desses, mais dois: pres- (de prender) e impres- (de imprimir);

b. Não houve divergência nos lexemas desses tipos verbais, mantendo-se ainda no português contemporâneo. Os verbos aceitar e salvar não foram documentados nos dados.

4.3 Mudanças nos lexemas dos verbos de padrão especial entre o português arcaico e o português do século XVI

Os processos de perda que acabamos de examinar, de acordo com as situações de cada subgrupo, demonstram mudanças nos lexemas dos VPE. Alguns desses processos de evolução em algumas formas dos VPE já haviam sido atestados na Carta de Caminha, que, comparativamente aos dados do século XVI, funciona como um momento de transição, conservando lexemas verbais próprios do PA e indicando também mudanças, a partir do uso de formas regulares do século XVI. Vejamos o Quadro 22, a seguir:

Quadro 22 - Mudanças ocorridas entre o PA e no início e em meados do século XVI

VERBOS DE PADRÃO ESPECIAL		
DADOS DE MATTOS E SILVA (PORTUGUÊS ARCAICO)	DADOS DA CARTA DE CAMINHA 1500	DADOS DA OBRA PEDAGÓGICO-GRAMATICAL DE JOÃO DE BARROS 1539-1540 E DAS CARTAS DE D. JOÃO III 1523 A 1557
1. Trag- [+pal]	1. traz-	1. traz-
2. Tenrr-, tẽrr-, terr- venrr-, vẽrr-, verr- ponrr-, põrr-, porr-	2. ter- vjnr por-	2. ter- ~ teer- vir- por ~ poer
3. tiinh- viinh-	3. tijnh- vinh- ~ vynh-	3. tinh- vinh-
4. viim-	4. —	4. vin ~ vim ~ vyn- ~ vỹ- ~ vym-
5. poinh-	5. —	5. punh-
6. sab- (SbPr - P_1 a P_6) cab- (IdPr - P_1)	6. saib- (IdPr - P_3) —	6. saib- (SbPr - P_1 a P_6) caib- (IdPr - P_1)
7. jasc-	7. —	7. jaç-
8. dix-	8. dis-	8. dis- ~ des- ~ disc-
9. troug- joug- proug-	9. trouv- — —	9. troux- jouv- prouv-
10. fig- pug-	10. — —	10. fiz- pus-
11. siv- sev-	11. — fo-	11. fu- fo-
12. perç- menç- senç- (IdPr P_1 e SbPr P_1 a P_6)	12. — — —	12. perc- mint- sint- ~ sent-
13. acaesc- conhosc- nasc- (IdPr P_1 e SbPr P_1 a P_6)	13. — — —	13. — conheç- naç-
14. paresc- agradesc- meresc- (IdPrP_1 e **SbPr P_1 a P_6**)	14. — — —	14. pareç- agradeç- mereç-

De modo geral, em resumo, a análise desses dados, sob a perspectiva diacrônica, leva-nos às seguintes mudanças nos Verbos de Padrão de Especial (VPE):

1. O lexema trag- [+pal] é substituído por traz- em todos os tempos e pessoas em que essa forma ocorria. O lexema traz-, segundo Williams (1986), tinha possivelmente um uso popular no PA, o que talvez explique a sua generalização, em detrimento do desaparecimento de trag- [+pal];

2. Nos lexemas tenrr, tẽrr e terr, venrr-, vẽrr-, verr e ponrr-, põrr e porr, há um processo de desnasalização da vogal desses lexemas, que evolui para a ter, vir e por. Nos dados do século XVI, além dessas formas, há ainda teer em DJ (sem a crase que ocorre com vogais idênticas), com 20, e ter com 38 ocorrências. O lexema vir ~ vyr já não apresenta a variante registrada na Carta de Caminha vjnr. Em DJ e JB, há um uso mais generalizado de poer forma, presumivelmente, arcaizante;

3. A contração das vogais nasais idênticas, como consequência da evolução fonética atestada no século XVI (Teyssier, 1980, p. 41), justificaria, a princípio, esse processo de mudança dos lexemas tiinh- e viinh- pelas respectivas formas tinh- e vinh- no português do século XVI. Os lexemas variantes terr- e verr- atestados na PA indicam esse fato. Assim, a forma teer- em DJ, como uma variante de pouco uso nos dados do século XVI, constitui um indício do processo dessa mudança;

4. Os lexemas vin ~ (vỹ, vim, vyn, vym) mostram que a contração das vogais nasais (< vĩĩn) no português do século XVI já ocorrera. O que se registra é uma variação gráfica na representação dessa vogal (y ~ i) e da nasal (<n> ~ <m> ~ <~>) em DJ;

5. A inexistência do lexema poinh- nos dados do século XVI indica que a mudança para punh- já havia sido concluída;

6. A mudança dos lexemas IdPr P_1 e SbPr P_1 a P_6 de sab- e cab- para saib- e caib-, embora pressuponha um processo de regularização, gera maior complexidade na forma desses verbos, que deixam de possuir apenas um lexema para os TNP (característica do subgrupo 2), para assumir as características do subgrupo 1;

7. O lexema jasç- de jazer passa a jaç nos mesmos contextos em que ocorria no PA;

8. A seleção de dis- culminou na perda de dix-;

9. Desaparecimento dos lexemas troug-, joug- e proug- dos TP, substituídos pelos lexemas troux-, jouv- e prouv-. A variante trouv- de trazer, atestada na Carta, é substituída em nossos dados por troux-;

10. Desaparecimento de fig- e pug-, permanecendo fiz- e pus- (em fazer e por ~ poer, respectivamente);

11. Os lexemas sev- e siv- do verbo ser ~ seer, que variavam em contextos específicos com fo- e fu- no PA, são substituídos por esses nos dados do século XVI. Os lexemas sev- e siv- possuíam um valor semântico diferente, especificamente "estar sentado";

12. Perç > perc. Essa mudança ainda mantém a oposição entre os TNP IdPr P_1 e SbPr P_1 a P_6;

13. Os verbos mentir e sentir regularizam-se no português do século XVI. As formas IdPr P_1 e SbPr P_1 a P_6 perdem a oposição e passam a ser a dos demais tempos e pessoas, conforme atesta o exemplo extraído da GLP de João de Barros, em que o próprio autor justifica essa regularização;

    (61) "Os vérbos da terçeira conjugaçám terminam o infinitivo em ir e fórmam o seu presente pela maneira das outras conjugações poendo, em lugár de ir, ésta lêtera o, e fica formádo firo, de firir, durmo de durmir, sento de sintir, cubro de cubrir". (Grifo nosso) (JB - GLP - Das formações - l; 35-38, p. 344).

O verbo conhecer regulariza-se no português do século XVI. A P_1 de IdPr (possivelmente no SbPr P_1 a P_6), não mais foi registrada como conhosco. E, em JB (GLP), aparecem conheço e desconheço;

(62) "Simples, será ô que nam for composto dalgũa párte sinificativa; e composto ô que se compõe de duas. Exemplo: conheço é simples, desconheço, composto, que se compôs désta diçám des e conheço. (JB - GLP l; 1-4 - Das figuras do vérbo - p. 329).

Nas Cartas, também, houve registro desse lexema:

(63) "... e pelo que d'elle conheço." (C7 BF l; 14 p.17).

O lexema atestado do verbo conhecer é conhec- (conheçe, conheçemos, conheçem, conheçer e conheçido), em JB e, em DJ, foram registrados também dessa forma (conheçer e conheçido).

Nos dados, há regularização nas formas arcaicas de outros verbos incoativos em *-ecer*: pareça (paresca), agradeço (gradesco) e mereça (meresca).

(64) "Nam te pareça que este..." (JB - DVV l; 609 p. 438).

(65) "quer outra cousa que vos la pareça..." (C10 PAC l; 18 p. 21).

(66) “sera bem ordenardes que elle os veja e conheça primeiro.” (C352 AF l; 17-18 p. 380).

(67) “Muyto vos agardeço quam myudamente me de todo avisaees.” (C32 FA l; 4-5 p. 66).

As formas mereçer, mereçerem (de mereçer), mesmo não tendo sido atestadas na P_1 de IdPr e P_1 a P_6 de SbPr, ao que se supõe, terão seguido também esse processo de regularização.

Com relação ao subgrupo 4, foi identificado o uso de ter + verbos com PP especial, nas seguintes sentenças:

(68) Eu tenho feyto merce como sabeis a Francisco de Sousa.” (C325 FA l; 2-3, p. 359).

(69) “a ysto direis que vos pareçe que he asaz Respondido no que lhe tendes dito” (C6 AP l; 232, p.13).

(70) “E despois de terdes dito e Repricado todo o que vos mamdo...” (C6 AP l; 280, p.14).

(71) “pera elle ver que eu sey o que elle tem feito,” (C7 BF l; 8-9, p.16).

(72) “o que atee entã tinheis feito e pasado” (C9 PAC l; 5-6, p.19).

(73) “como vos tenho escrito;” (C45 FA l; 20, p. 82).

(74) “vos tinha escrito que Duarte Coelho se vyese hás Ilhas esperar as naoos da Imdia...” (C45 FA l; 27-29, p. 82).

(75) “e parecemdovos bem, e meu serviço, e bẽ do Reino, o dito Regimẽto e Regra que asy tẽ feito...” (C147 PE l; 12-13, p.190-191).

(76) “e jaa Llucas tem dito a Fernam d'Alvarez que se podera a dita armada escusar.” (C152 FA l; 43-44, p. 195).

(77) “Muyto vos agardeço o que ate agora tendes feyto no que se ouve emprestado...” (C285 FA l; 9-10, p.315).

(78) “E por que tinha feyto fundamento que Pedre Anes do Canto fose diamte cõ as tres caravelas...” (C315 FA l; 33-34, p. 394).

(79) “E vendo no que neste negocyo tendes feyto me tẽdes feyto ẽfyudo serviço quãto podia ser...” (C372 (R?) l; 4-5, p. 349).

(80) "os quaees atee ora nõ tem paguo suas dividas, semdo os tempos pasados em que as erã obrigados paguar..." (C93 GM l; 7-8, p. 137).

(81) "que temos pósta em árte" (JB - DNL l, 22 p. 391).

(82) "como ô tem feito em os estudos de Coimbra" (JB - DNL l; 430-431, p. 409).

O uso de PP especial em tempos compostos ocorre apenas com o verbo ter e basicamente com os verbos fazer, dizer, escrever, pagar, abrir e por.

Com base nessa comparação, podemos dizer que os VPE do português do século XVI são mais uniformes, embora, como vimos, nem toda mudança no lexema signifique propriamente uma regularização.

Conclusão

A existência de estruturas irregulares na morfologia dos VPE tem sido o argumento utilizado pelas gramáticas normativas tradicionais para especificá-los como uma classe diferenciada do padrão de regularidade dos demais verbos. Do ponto de vista descritivo, as relações morfológicas entre os TP e os TNP foram apresentadas por Mattoso Câmara Jr. (1972) como relevantes para uma padronização desses verbos, embora a partir de categorias distintas dos verbos regulares ou de padrão geral. E, enquanto esses são classificados com base nas flexões, os VPE são classificados com base nos lexemas, uma classificação que se mostrou mais adequada do que a denominação tradicional, não esclarecedora, a de verbos "irregulares".

Com relação à primeira etapa deste estudo, constatamos que, nos 7.041 dados analisados – 3.309 em JB e 3.732 em DJ (considerando os subgrupos 1, 2 e 3), além de 197 de verbos de particípio passado especial (50 em JB e 148 em DJ), totalizando 7.238 dados –, o número de formas arcaizantes é pequeno (30 em JB e 67 em DJ), ainda que, em termos percentuais, com relação à situação dos contextos específicos em que ocorre, o índice de DJ (61-630) aparenta uma menor variação (8,83%) do que em JB (30-91), ou seja, 24,79%. Esse índice camuflou os resultados, uma vez que o grau de inovação em JB deve ser medido pela quantidade inferior de tipos de variação; nesse sentido, DJ é mais conservador do que JB.

No que diz respeito à segunda etapa, os resultados obtidos a partir do estudo diacrônico, e de acordo com as interpretações oferecidas pelas gramáticas históricas, indicaram as seguintes mudanças ocorridas na estrutura do VPE, entre o PA e o português do século XVI, conforme atestam as perdas de formas próprias no português quinhentista:

1. trag [+pal];
2. tenrr-, tẽrr-, terr-, venrr, vẽrr-, verr-, ponrr-, põrr, porr-;
3. tiinh-, viinh-;
4. vĩĩn-;
5. poinh-;
6. sab- (SbPr - P_1 a P_6), cab- (IdPr - P_1);
7. jasc-;
8. dix-;
9. troug-, joug-, proug-;
10. fig-, pug-;
11. siv-, sev-;
12. perç, menç, senç- (IdPr - P_1 e SbPr P_1 a P_6);
13. acaesc-, conhosc-, nasc- (IdPr P_1 e SbPr P_1 a P_6);
14. paresc- agradesc-, meresc-(IdPr P_1 e SbPr P_1 a P_6);

E a emergência de uma das variantes correspondentes, como:

1. traz-;
2. ter- ~ teer, vir-, poer- ~ por-;
3. tinh-, vinh-;
4. vin-;
5. punh-;
6. sai- (SbPr - P_1 a P_6), caib- (IdPr - P_1);
7. jaç-;
8. dis-;
9. troux-, jouv-, prouv-;
10. fiz-, pus-;
11. fu-, fo-;
12. perc-, mint-, sint- ~ sent-;
13. conheç-, naç-;
14. pareç-, agradeç-, mereç- (demonstradas no Quadro 22).

O registro analógico de perdam (1 ocorrência) se opôs a perçam em SbPr P_6 e se generalizou no português contemporâneo. O lexema que se manteve no português para P_1 de IdPr e P_1 a P_6 de SbPr foi perc- (perco/perca, percas, etc.).

Desse modo, buscamos caracterizar os VPE no português do século XVI, objetivando oferecer um quadro estrutural da época, a fim de que, com base no estudo dessa sincronia, pudéssemos, comparativamente, com os dados do PA (MATTOS e SILVA, 1989; 1994), verificar se houve mudanças nesses verbos que justifiquem caracterizá-los como de momentos distintos, considerando as hipóteses levantadas neste trabalho, a saber:

i) mudanças fônicas tornaram menos irregulares ou regulares os VPE e

ii) mudanças de regularização paradigmática ou analógicas tornaram menos "irregulares" ou regularizaram alguns dos VPE.

Vimos que algumas formas verbais que desapareceram no português do século XVI já apresentavam, de modo geral, um uso mais restrito no PA, como as do tipo a, b e c de 4.2.1.2. Contudo, nem todas essas formas verbais sofreram os mesmos tipos de mudanças. A evolução desses verbos deve-se a processos de mudanças fônicas, de acordo os contextos fonéticos, conforme os 14 agrupamentos discriminados acima demonstram (cf. o item 4.3). Assim, os processos de mudanças fônicas tornaram os VPE "regulares" nos itens 13 e 14, e menos

"irregulares" nos itens de nº 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12, corroborando a hipótese, seguida neste trabalho, de uma tendência de simplificação nos VPE, no português do século XVI.

Ficou evidenciado, também, neste estudo, que as características morfológicas que melhor definem os VPE, do ponto de vista sincrônico, são as descritas no subgrupo 1 "Verbos que apresentam variação no lexema das formas do não-perfeito e têm lexema específico para as formas do perfeito, com ou sem variantes" – que abrangem 92% dos verbos em JB e 92,15% em DJ, ou seja, mais de 90% dos VPE –, seguido do subgrupo 2, com 3,65%/5,81%.

Considerando-se a maior complexidade em termos de oposição entre os lexemas do TNP e do TP no subgrupo 1, justifica-se que a regularização tenha ocorrido (itens 13 e 14 do Quadro 22) com verbos do subgrupo 3, que é o que mais se aproxima das características dos verbos de padrão geral e de onde se esperaria que ocorresse a mudança. No que se refere aos VPE do subgrupo 4, há uma correspondência entre as formas atestadas nos dois períodos considerados; não foram registrados, por conseguinte, mudanças nesse sentido.

A análise da estrutura morfofonológica dos VPE torna evidente que esses não podem ser considerados como uma espécie de exceção do paradigma regular dos designados verbos de padrão geral. Os estudos de Mattoso Câmara Jr. (1972), no português contemporâneo, e de Mattos e Silva (PA) mostram que as variações nos lexemas dos VPE, agrupadas a partir de fenômenos morfofonológicos comuns, não são arbitrárias e tornam mais precisas as noções de tempo, modo e pessoa do que as expressas pelas desinências dos verbos de padrão geral, em que essas noções se restringem a elas, uma vez que esses verbos possuem lexemas invariáveis e que a variabilidade que define os VPE é interrelacionável e apresenta um padrão morfofonólogico, considerando-se a oposição entre os TNP e os lexemas do TP.

Assim, a partir dos questionamentos feitos por Mattoso Câmara Jr. (1972) sobre a importância dessas noções para um estudo preciso dos VPE, torna-se clara a necessidade de rever o estudo da morfologia verbal do português.

O que se supõe é que seria mais coerente iniciar o estudo dos verbos, de modo geral, a partir dos VPE. Assim, **partir-se-ia do subgrupo 1 (o mais complexo), em todas as suas relações, até chegar ao subgrupo 3, em que a oposição se dá apenas a nível da P_1 de IdPr e de P_1 a P_6 de SbPr tempo derivado**, porquanto, nos demais, **o lexema se generaliza e se mantém invariável, aproximando-se, gradualmente, dos verbos de padrão geral, ou regulares (Lex. Invariável + desinências padronizadas de acordo com o tema verbal, a, e e i).**

Por fim, esperamos que este livro possa contribuir para a caracterização do VPE no português do século XVI, e sua evolução, a partir do PA, e oferecer novos parâmetros de classificação, no português contemporâneo, superando seu tratamento tradicional como verbos “irregulares”, de forma a propiciar uma apresentação mais adequada – mais explicativa e menos assistemática –, nos compêndios didáticos contemporâneos.

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1994. p. 208-301.

______________________________. **Gramática latina**. 14 ed. São Paulo: Saraiva, 1974.

BIT-PROHPOR – Programa para a História do Português/PROHPOR. Coordenado por Rosa Virgínia Mattos e Silva, 2000, disponível em: www.prohpor.org.br.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989. p. 103-148.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. 2 ed. São Paulo: UNESP. 1991.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Verbos de padrão especial no português do século XVI**. 1996. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 1996.

____________________________________. Verbos de padrão especial no português do século XVI. In: MATTOS E SILVA, R. V; MACHADO FILHO, A. V. L. (Org.). **O português quinhentista:** estudos lingüísticos. Salvador: Edufba, 2002. p. 307-350.

CHANDEIGNE, Michel (org.). Lisboa ultramarina: 1415-1580: **A invenção do mundo pelos navegadores portugueses.** Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1992.

CORTESÃO, J. A. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Lisboa: Portugália Editora.

CORVISIER. André. **História moderna**. Tradução de Rolando R. da Silva e Carmem O. de C. Amaral. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Acadêmica: 1976. p. 335-353.

Corpus Histórico do Português Tycho Brahe, coordenado por Charlotte Galves, em 2001, disponível em http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/psd.zip.

CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética.** Tradução e adaptação de Maria C. P. Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor. 1988.

CUNHA, Celso. e CINTRA, Luís F. Lindley: **Nova gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

DIEZ, Friedrich (1836). Grammatik der romanischen Sprachen. Bonn: Weber, 1872-76 (1ª ed. 1836). **Grammaire des langues romanes**. Geneve: Slatkine, 1973.

DUBOIS, J. et. al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1991.

FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ática, 1991. 130p.

FURLAN, Oswaldo A. **Gramática básica do latim**. Colaboração de Raulino Bussarello Florianópolis: R. Bussarello, 1993. p. 53-83.

GARCIA, Janete Melasso. **Introdução à teoria e prática do latim**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

GRANDGENT, C. H. **Introducción al latín vulgar.** 2ª ed. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952.

HUBER, J. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Gulbenkian, 1986.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Colonial**. 6ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência verbal**. São Paulo: Editora Ática S. A. 1987.

MAIA, M. C. A. **História do galego-português Estado lingüístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao XVI** (com referência ao galego moderno). Coimbra INIC, 1986.

MATTOSO CÂMARA Jr. **Histórica e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

________________________, **Dicionário de lingüística e gramática**, Petrópolis: Vozes, 1986.

________________________, **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr**. Seleção e introdução de Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Serv. de Publicações. 1972. p. 95-114.

________________________, **Estrutura da língua portuguesa.** 4 ed. Petrópolis: Vozes. 1978.

MATTOS E SILVA, R. V. **Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico**. Lisboa: IN-CM, 1989ª. p. 351-400.

_____________________, **Português arcaico:** morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 1994. p. 49-62

_____________________, **Português arcaico**: fonologia. São Paulo: Contexto, 1991.

_____________________, **Para uma caracterização do período arcaico do português**. Salvador: DELTA, vol. 10, nº especial, 1989 b, p. 247-276.

___________________, **Tradição gramatical e gramática tradicional**. São Paulo: Contexto, 1989c. p. 9-68.

___________________, **O português arcaico: uma aproximação.** Volume 1: léxico e morfologia; Volume 2: sintaxe e fonologia. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

___________________, **MACHADO FILHO, A. V. L. (Org.). O português quinhentista: estudos lingüísticos. Salvador: Edufba, 2002. p. 307-350.**

Meyer-Lübke, Wilhelm. *Romanisches etymologisches Wörterbuch*. Heidel- berg: Carl Winter, 1911.

NAGEL, Rolf von. **Die Einheit der Grammatik des João de Barros. Iberoromanica**, 1971.

NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica da língua portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1960. p. 279-330.

PEREIRA, S. B. **Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha**. [s.l.]: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1964.

PIEL, J. M. **Estudos de lingüística histórica galego-portuguesa**. Lisboa: IN-CM, 1989. p. 121-171.

PINTZUK, Susan. **VARBRUL programs**. 1988. Inédito.

POTTIER, Bernard. **Grammaire explicative de l'espagnol**. Paris, Nathan Université, 1994.

RAVIZZA, P. João. **Gramática latina**. 11 ed. Niteroi: E. I. Dom Bosco, 1956. 560p.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. IN-CM, 1989. p.121-171.

SAID ALI. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964. p. 123-183.

SCHERRE, M. M. P, BARROS, E. F, PINTO & FIORETT, M. T. G. **Programs VARBRUL:** dicas para o uso do computador - versão 2.0. FL/UFRJ, 1992, inédito.

TARALLO, Fernando. **Tempos linguísticos:** itinerário histórico. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 1982, p. 35-66.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WILLIAMS, E. **Do latim ao português**. Rio de Janeiro: I.N.L.. 1986, p. 221-249.

OBRAS UTILIZADAS COMO *CORPUS.*

BARROS, J. **Gramática da língua portuguesa**. Edição de M. L. BUESCU. Lisboa: Fac. de Letras, 1971.

FORD, J. D. M., **Letters of Jonh III, king of Portugal (1521-1557)**:The portuguese text edited with an introduction. Cambridge, Massachusetts, Havard University Press. 1931.

ANEXOS

ANEXO 1 - Verbos de Padrão Especial (VPE) em JB na GLP

Quadro 23 - Lexemas do subgrupo 1, dos TNP na GLP – JB

VERBOS	LEXEMAS DOS TEMPOS DO NÃO-PERFEITO
a. DIZER	dig- diz- di-
TRAZER	trag- traz-
FAZER	faç- faz- fa-
[H]AVER	[h]av- [h]aj- [h]a-
b. TER	ten- tenh- tinh- ter-
VIR	ven- venh- vinh- vi-
POER ~ POR	pon- ~ põ- po- ponh- punh-
c. VER	ve- vej- vi-
ESTAR	est-
d. PODER	pos- pod-
JAZER	jaç- jaz-
e. QUERER	quer-
SABER	sab-
CABER	cab-
f. IR	i- va-
g. SER	so- e- er- sa- se- sej-

Quadro 24 - Lexemas do Subgrupo 1, dos TP na GLP – JB

VERBOS	LEXEMAS DOS TEMPOS DO PERFEITO	
	$IdPt_2$ P_1	IdPt P_3 e outros
a. DIZER QUERER [H]AVER ~ HOUV TRAZER JAZER SABER CABER	dis-, dix- quis- [h]ouv- ~ houv- troux- jouv- soub- coub-	
b. FAZER TER VIR ESTAR	fiz- - (tiv-) vin- - (estiv-)	fez- tev- ve- —
c. PODER POER ~ POR IR	— pus- —	pod- pos- fo-
d. SER	fu-	fo-
e. VER		vi-

Quadro 25 - Lexemas do subgrupo 2 dos TNP e dos TP na GLP – JB

VERBOS	LEXEMAS DO NÃO-PERFEITO	LEXEMAS DO PERFEITO
PRAZER	praz-	prouv-
DAR	d + Vta	d + Vte

Quadro 26 - Lexemas do Subgrupo 3 na GLP – JB

VERBOS	Lexemas de IdPr P1 e de SbPr P1 a P6	Lexemas de outros tempos e pessoas
a. OUVIR PEDIR ARDER MEDIR MENTIR SENTIR PERDER	ouç- peç- arç- meç- — — —	ouv- ped- ard- med- — — perd-

Quadro 27 - Lexemas do subgrupo 4 na GLP – JB

VERBOS	LEXEMAS DE INFINITIVO	LEXEMAS DE PP
a. ABRIR	abr-	abert-
COBRIR	cub-	cubert- ~ cobert-
COLHER	colhe-	colheit-
COSER	cos-	coseit-
DIZER	diz	dit-
ESCREVER	escrev-	escrit-
FAZER	faz-	feit-
IMPRIMIR	impr-	impr-
MATAR	—	—
NAÇER	naç-	nad-
POER ~ POR	po-	post-
VER	ve-	vist-
b. ACEITAR	aceit-	aceit-

ANEXO 2 - Verbos de padrão especial (VPE) em JB no DVV

Quadro 28 - Lexemas do subgrupo 1, dos TNP no DVV – JB

VERBOS	LEXEMAS DOS TEMPOS DO NÃO-PERFEITO
a. DIZER	dig- diz- di
TRAZER	traz-
FAZER	faç- faz- fa-
[H]AVER	[h]av- [h]aj- [h]a-
b. TER	ten- tenh- tinh- ter-
VIR	ven- vim- ve- vi- vin- vinh-
POER ~ POR	põ- ~ po- ponh- punh-
c. VER	ve- vi- vej-
ESTAR	est-
d. PODER	pos- pod-
JAZER	jaz-
e. QUERER	quer- queir-
SABER	sab-
f. IR	va- i-
g. SER	so- e- er- sam- se- sej-

Quadro 29 - Lexemas do subgrupo 1, dos TP no DVV – JB

VERBOS	LEXEMAS DOS TEMPOS DO PERFEITO	
	IdPt$_2$ P_1	IdPt P_3 e outros
a. DIZER	dis-	
QUERER	quis-	
AVER	ouv-	
TRAZER	troux-	
JAZER	—	
SABER	soub-	
b. FAZER	fiz-	fez-
TER	—	tev-
VIR	—	ven-, ve-
ESTAR	—	(estev-)
c. PODER	—	pod-
POER ~ POR	—	pos-
IR	—	fo-
d. SER	—	fo-
e. VER	—	vi-

Quadro 30 - Lexemas do subgrupo 2 dos TNP e dos TP no DVV – JB

VERBOS	LEXEMAS DO NÃO-PERFEITO	LEXEMAS DO PERFEITO
PRAZER	praz-	—
DAR	d + Vta	d + Vte

Quadro 31 - Lexemas do subgrupo 3 no DVV – JB

VERBOS	Lexemas de IdPr P1 e de SbPr P1 a P6	Lexemas de outros tempos e pessoas
a. OUVIR	ouç-	ouv-
PEDIR	—	ped-
ARDER	—	—
MEDIR	—	—
MENTIR	—	—
SENTIR	—	—
PERDER	—	perd-

Quadro 32 - Lexemas do subgrupo 4 no DVV – JB

VERBOS	LEXEMAS DE INFINITIVO	LEXEMAS DE PP
a. COBRIR	cub-	cubert-
DIZER	diz-	dit-
ESCREVER	escrev-	escrit-
FAZER	faz-	feit-
POER ~ POR	po-	post-
TRAZER	ve-	vist-
b. ACEITAR	aceit-	aceit-

ANEXO 3 - Verbos de padrão especial (VPE) em JB no DLNL

Quadro 33 - Lexemas do Subgrupo 1, dos TNP no DLNL – JB

VERBOS	LEXEMAS DOS TEMPOS DO NÃO-PERFEITO
a. DIZER	dig- diz- ~ dez- di
TRAZER	trag- traz- tra-
FAZER	faç- faz- fa-
[H]AVER	[h]av- [h]aj- [h]a-
b. TER	ten- tenh- tinh- ter
VIR	ven- venh- vinh- vi-
POER ~ POR	pon- ~ po- põ- ponh- punh-
c. VER	ve- vej- vi-
ESTAR	est-
d. PODER	pos- pod-
JAZER	jaç- jaz-
e. QUERER	quer- queir-
SABER	sab- saib-
f. IR	i- va-
g. SER	so- e- er- sam- se- sej-

Quadro 34 - Lexemas do subgrupo 1, DOS TP no DLNL – JB

VERBOS	LEXEMAS DOS TEMPOS DO PERFEITO	
	IdPt$_2$ P$_1$	IdPt P$_3$ e outros
a. DIZER	dis-, dix	
QUERER	quis-	
[H]AVER	[h]ouv-	
TRAZER	troux-	
JAZER	jouv-	
SABER	soub-	
b. FAZER	fiz-	fez-
TER	-(tiv-)	tev-
VIR	vin-	ve-, vi-
ESTAR	-(estiv-)	-(estev-)
c. PODER	—	pod-
POER ~ POR	pus-	pos-
IR	—	fo-
d. SER	fu-	fo-
e. VER		vi-

Quadro 35 - Lexemas do subgrupo 2 dos TNP e do perfeito no DLNL – JB

VERBOS	LEXEMAS DO NÃO-PERFEITO	LEXEMAS DO PERFEITO
PRAZER	—	prouv-
DAR	d + Vta	d + Vte

Quadro 36 - Lexemas do subgrupo 3 no DLNL – JB

VERBOS	Lexemas de IdPr P1 e de SbPr P1 a P6	Lexemas de outros tempos e pessoas
a. OUVIR	ouç-	ouv-
ARDER	arç-	—
PERDER	—	perd-

Quadro 37 - Lexemas do subgrupo 4 no DLNL – JB

VERBOS	LEXEMAS DE INFINITIVO	LEXEMAS DE PP
a. COBRIR	cub-	cubert-
ESCREVER	escrev-	escrit-
FAZER	faz-	feit-
POER ~ POR	põ-	post-
VEER	ver-	vist-
b. ACEITAR	aceit-	aceit-

ANEXO 4 – Cartas de D. João III consideradas na descrição (nº da carta, data, nº da página da edição de Ford (1931) e nome do copista

Quadro 38 - As cartas de D. JOÃO III (nº da carta, data, página da edição e nome dos copistas, adaptado de Ford (1931)[20]

Nº da Carta	Mês	Dia/ano	Nº da página da edição de Ford (1931)	Nome do Copista
1	Oct.	13,1523	3	Antonio Afonso
2	July	4,1524	4	Damiã Dias
3	Oct.	12	4	O secretário
4	Feb.	27,1525	5	Antonio Paiz
5	Feb.	25,1527	6	(não consta o nome do copista)
6	April	24,1531	7	André Pirez
7	May	5	16	Batollomeu Fernandez
8	May	17	17	Jorge Roiz
9	June	16	19	Pero d'Alcaçova Carneiro
10	June	27	20	Pero d'Alcaçova Carneiro
11	July	7	22	Pero d'Alcaçova Carneiro
12	July	7	23	Pero d'Alcaçova Carneiro
13	July	20	24	Pero d'alcaçova Carneiro
14	July	20	30	O secretário
15	July	20	31	Pero d'Alcaçova Carneiro
16	July	20	32	O secretário
17	July	20	35	O secretário
18	July	20	36	Pero d'Alcaçova Carneiro
19	July	20	38	Pero d'Alcaçova Carneiro
20	July	20	39	O secretário
21	Aug.	5	40	O secretário
22	Aug.	12	42	O secretário
23	Aug.	12	48	Pero d'Alcaçova Carneiro
24	Aug.	15	52	O secretário
25	Aug.	15	59	O secretário

[20] Neste Quadro, constam, em destaque, a quatidade de cartas utilizadas, duas do próprio Rei (carta 393 e 394) e de todos os copistas, preferindo-se as cartas em que esse tenha utilizado a expressão *a fez escrever* , buscando, também, abarcar o período de todo o reinado de D. João III, de 1521-1557. Em resumo, os copistas considerados de acordo com as cartas selecionadas foram: Antonio Affonso, Damiã Diaz (Diaz), o secretário (não consta o nome, seria Francisco Carneiro?), (3, 14, 16, 17, 24, 25, 27, 28, 40, 143, 144, 180, 199, 205, 208), Antonio Paiz, Amdré Pires, Bertalameu ~Bartolomeu Fernandes, Jorge Roiz, Pero d'Alcaçova Carneiro, Fernam ~Fernã d'Alvares, Basteam da Costa, Pero Amrriquez (Anriques), (Amrriques), (Amrrique), (Emrriques), Cosme Annes, Manoel da Costa, Francisco Carneiro (O secretário), Gaspar Mendez, Manuel de Pomte (Ponte), Anrriques (Anrrique) da Mota, Pero Fernandez, Domigos de Payva, Alvaro de Avelar, Antonio Soarez, Manuel de Moura, Antonio Ferraz, Antonyo Ferrão, Andre Soarez, Adriam Lucio, Antonio de Mello (Melo), Manuel Fernandez e El Rey, além de oito cartas não assinadas. Algumas são ainda assinadas por dois copistas distintos, como por exemplo, a carta de nº 4 assinada por Antonio Paiz em 27 de fevereiro de 1525 e, na mesma carta, antes, por André Pirez consta data de 6 de agosto de 1521. O maior número de cartas foi escrito por Fernam de Alvarez, Pero d'Alcaçova Carneiro e Manuel da Costa. Alguns escreveram apenas uma carta, como Jorge Roiz (carta 8, de 17 de maio de 1531).

26	Aug.	15	60	Pero d'Alcaçova Carneiro
27	Sept.	18	61	O secretário
28	Sept.	26	62	O secretário
29	Jan.	14,1533	63	Fernam d'Alvarez
30	Jan.	14	65	Pero d'Alcaçova Carneiro
31	Jan.	15	65	Basteam da Costa
32	Jan.	18	66	Fernam d'Alvarez
33	Jan.	20	67	Fernam d'Alvarez
34	Jan.	21	68	Fernam d'Alvarez
35	Jan.	21	69	Fernam d'Alvarez
36	Jan.	21	71	Fernam d'Alvarez
37	Jan.	22	72	Fernam d'Alvarez
38	Jan.	25	73	Fernam d'Alvarez
39	Jan.	25	75	Fernam d'Alvarez
40	Jan.	25	76	Amdre Pirez
41	Jan.	26	76	Fernam d'Alvarez
42	Jan	27	79	Pero d'Alcaçova Carneiro
43	Jan.	28	80	Pero Amrriquez
44	Feb.	1,1533	81	Fernam d'Alvarez
45	Feb.	3	81	Fernam d'Alvarez
46	Feb.	3	83	Fernam d'Alvarez
47	Feb.	3	84	Fernam d'Alvarez
48	Feb.	5	86	Fernam d'Alvarez
49	Feb.	5	86	Fernam d'Alvarez
50	Feb.	5	87	Fernam d'Alvarez
51	Feb.	5	88	Fernam d'Alvarez
52	Feb.	7	89	Pero Amrrriquez
53	Feb.	7	90	Pero Amrriquez
54	Feb.	8	91	Fernam d'Alvarez
55	Feb.	9	93	Fernam d'Alvarez
56	Feb.	10	94	Fernam d'Alvarez
57	Feb.	13	96	Fernam d'Alvarez
58	Feb.	13	97	Cosme Annes
59	Feb.	13	97	Manoel da Costa
60	Feb.	14	98	Pero da Alcaçova Carneiro
61	Feb.	16	99	Fernam d'Alvarez
62	Feb.	17	101	Cosme Annes
63	Feb.	18	102	Fernam d'Alvarez
64	Feb.	23	103	Fernam d'Alvarez
65	Feb.	24	103	Fernam d'Alvarez
66	Feb.	25	105	Bertollameu Fernandez
67	March.	1	106	Fernam d'Alvarez
68	March.	1	107	Fernam d'Alvarez
69	March	8	108	Pero d'Alcaçova Carneiro
70	March.	10	110	Fernam d'Alvarez
71	March	11	111	Fernam d'Alvarez
72	March	11	113	Fernam d'Alvarez
73	March	15	114	Pero Amrriquez
74	April	8	115	Francisco Carneiro
75	Aug.	4	116	Pero Amrriquez
76	Aug.	7	116	Fernam d'Alvarez
77	Aug.	8	117	Fernam d'Alvarez
78	Aug.	8	118	Manuel da Costa
79	Aug.	11	119	Fernam d'Alvarez
80	Aug.	13	121	Fernam d'Alvarez
81	Aug.	13	121	Fernam d'Alvarez
82	Aug.	13	123	Fernam d'Alvarez
83	Aug.	15	124	Fernam d'Alvarez
84	Aug.	16	126	Fernam d'Alvarez
85	Aug.	18	128	Fernam d'Alvarez

86	**Aug.**	**26**	**129**	**Manuel da Costa**
87	**Aug.**	**27,1533**	**130**	**Pero Amrriquez**
88	Sept.	2	132	Pero Amrriquez
89	Sept.	2	133	Manuel da Costa
90	Sept.	8	135	Pero Amrriquez
91	Sept.	11	135	Francisco Carneiro
92	Sept.	12	136	Fernam d’Alvarez
93	**Sept.**	**12**	**137**	**Gaspar Mendez**
94	Sept.	13	138	Manuel da Costa
95	Sept.	13	139	Fernam d’Alvarez
96	Sept.	17	141	Fernam d’Alvarez
97	Sept.	19	142	Fernam d’Alvarez
98	Sept.	21	144	Pero Amrriques
99	Sept.	21	145	Pero Amrriques
100	Sept.	26	146	Fernam d’Alvarez
101	Sept.	26	147	Pero d’Alcaçova Carneiro
102	Sept.	30	148	Fernam d’Alvarez
103	Oct.	1	149	Pero d’Alcaçova Carneiro
104	Oct.	3	150	Fernam d’Allvarez
105	Oct.	5	150	Fernam d’Alvarez
106	Oct.	8	151	Fernam d’Alvarez
107	Dec.	22	152	Pero d’Alcaçova Carneiro
108	**Jan.**	**15,1534**	**152**	**Fernam d’Alvarez**
109	**Jan.**	**15**	**153**	**Pero Amrriques**
110	**Jan.**	**19**	**156**	**Pero Amrriques**
111	**Jan**	**23**	**157**	**Fernam d’Alvarez**
112	**Jan.**	**23**	**159**	**Fernam d’Alvarez**
113	Jan.	26	159	Fernam d’Alvarez
114	Jan.	27	160	Manuel da Costa
115	Feb.	11	161	Fernam d’Alvarez
116	Feb.	11	162	Fernam d’Alvarez
117	**Feb.**	**27**	**162**	**Manuel de Pomte**
118	**Feb.**	**28**	**163**	**Manuel da Costa**
119	March	2	164	Manuel da Costa
120	March.	3	165	Fernam d’Alvarez
121	March	5	166	Pero Amrriquez
122	March	7	167	Fernã d’Alvarez
123	March	8	167	Fernam d’Alvarez
124	March	8	169	Pero d’Alcaçova Carneiro
125	March	10	169	Pero d’Alcaçova Carneiro
126	May	20	170	Manuel da Costa
127	May	20	171	Manuel da Costa
128	May	20	172	Fernam d’Alvarez
129	May	23	173	Manuel da Costa
130	May	23	173	Manuel da Costa
131	May	23	174	Fernam d’Alvarez
132	May	23	175	Fernam d’Alvarez
133	May	26	176	Fernam d’Alvarez
134	June	10	177	Fernam d’Alvarez
135	June	10	178	Fernam d’Alvarez
136	June	10,1534	180	Fernã d’Alvarez
137	June	17	181	Fernam d’Alvarez
138	June	23	182	Fernam d’Alvarez
139	June	23	183	Fernam d’Alvarez
140	June	26	184	O secretário
141	July	1	185	Fernam d’Alvarez
142	Nov.	22	186	O secretário
143	**Nov.**	**22**	**187**	**O secretário**
144	**Nov.**	**22**	**188**	**O secretário**
145	**Dec.**	**22**	**189**	**Fernam d’Alvarez**

146	Dec.	23	190	Cosme Annes
147	Dec.	24	191	Pero Emrriques
148	Dec.	24	191	Fernam d'Alvarez
150	Jan.	5,1536?	192	Fernam d'Alvarez
151	Jan.	8,1535	193	Pero Amrriques
152	Jan.	8	194	Fernam d'Alvarez
153	Jan.	11	196	Manuel da Costa
154	Jan.	11	197	Fernam d'Alvarez
155	Jan.	13	198	(não consta o nome do copista)
156	Jan.	19	198	Fernam d'Alvarez
157	Jan.	19	199	Pero d'Alcaçova Carneiro
158	Jan.	20	200	Fernam d'Alvarez
159	Jan.	21	201	Fernam d'Alvarez
160	Jan.	21	202	Pero Amrriques
161	Jan.	26	203	Fernam d'Alvarez
162	Jan.	26	204	Fernam d'Alvarez
163	Jan.	29	204	Manuel da Costa
164	Jan.	30	205	Manuel da Costa
165	Jan.	30	206	Fernam d'Alvarez
166	Feb.	4	206	Pero Amrriquez
167	Feb.	8	207	Pero d'Alcaçova Carneiro
168	Feb.	8	208	Fernam d'Alvarez
169	Feb.	9	209	Fernã d'Alvarez
170	Feb.	9	210	Manuel da Costa
171	Feb.	11	210	Fernam d'Alvarez
172	Feb.	13	211	Pero Amrriques
173	Feb.	16	213	Fernam d'Alvarez
174	Feb.	17	213	Pero Amrriquez
175	Feb.	18	214	Pero Amrriquez
176	Feb.	19	215	Fernam d'Alvarez
177	Feb.	20	216	Pero d'Alcaçova Carneiro
178	March	1	217	Pero Fernandez
179	March	1	218	Pero Fernandez
180	March	2	219	O secretário
181	March.	3	219	Pero Amrriquez
182	March.	4	220	Fernam d'Alvarez
183	March.	5	221	Fernam d'Alvarez
184	March.	6	222	Pero d'Alcaçova Carneiro
185	March.	8,1535	223	Fernam d'Alvarez
186	Mach	8	223	Pero Amrriques
187	March	9	234	Amrriques da Mota
188	March.	11	235	Fernam d'Alvarez
189	March.	12	226	Manoel da Costa
190	March.	15	227	Fernam d'Alvarez
191	March.	15	228	Manoel da Costa
192	March.	15	228	Fernam d'Alvarez
193	March.	16	230	Pero d'Alcaçova Carneiro
194	March.	17	230	Pero Fernandez
195	March	17	231	Pero d'Alcaçova Carneiro
196	March	17	232	Pero d'Alcaçova Carneiro
197	March.	18	232	Fernã d'alvarez
198	March.	18	233	Fernam d'Alvarez
199	March.	21	234	O secretário
200	April	5	234	Fernã d'Allvarez
201	April	5	235	Manuel da Costa
202	April	6	236	Fernam d'Alvarez
203	April	6	237	Fernam d'Alvarez
204	April	8	238	Fernam d'Alvarez
205	April	9	238	O secretário
206	April	12	239	Pero Amrriquez

207	April	13	240	Pero d’Alcaçova Carneiro
208	April	15	241	O secretário
209	April	26	241	Fernam d’Allvarez
210	Dec.	10	242	Manuel da Costa
211	Dec.	11	243	Fernam d’Alvarez
212	Dec.	16	244	Fernam d’Alvarez
213	Dec.	20	245	Fernam d’Alvarez
214	Dec.	22	245	Fernam d’Alvarez
215	Dec.	27	247	Fernam d’Alvarez
216	Dec.	28	247	Fernam d’Alvarez
217	Feb.	15,1536	248	Pero Amrriquez
218	Feb.	20	249	Fernam d’Alvarez
219	Feb.	25	250	Fernam d’Alvarez
220	Feb.	29	252	Pero Amrriquez
221	March.	3	254	Pero d’Alcaçova Carneiro
221a			255	(não consta o nome do copista)
222	March.	3	256	Fernam d’Alvarez
223	Aug.	5	257	Fernam d’Alvarez
224	Aug.	10	258	Fernam d’Alvarez
225	Aug.	10	260	Manuel da Costa
226	Aug.	12	260	Fernam d’Alvarez
227	Aug.	12	261	Fernam d’Alvarez
228	Aug.	19	262	Domïgos de Payva
229	Aug.	22	262	Fernam d’Alvarez
230	Aug.	25	264	Fernam d’Alvarez
231	Aug.	28	265	O secretário
231a			266	(não consta o nome do copista)
232	Aug.	29,1536	266	Manuel da Costa
233	Aug.	30	267	Fernam d’Álvarez
234	Aug.	30	268	Alvaro de Avelar
235	Aug.	30	269	Fernam d’Álvarez
236	Sept.	4	269	Fernam d’Alvarez
237	Sept.	6	270	Fernam d’Alvarez
238	Sept.	15	271	Pero d’Alcaçova Carneiro
239	Sept.	18	272	Fernam d’Alvarez
240	Sept.	22	273	Manuel de Ponte
241	Sept.	26	274	Fernam d’Alvarez
242	Sep.t	26	275	Fernam d’Alvarez
243	Sept.	26	276	Fernam d’Alvarez
244	Sept.	27	277	Fernam d’Alvarez
245	Sept.	27	278	Fernam d’Alvarez
246	Oct.	2	279	Fernam d’Alvarez
247	Oct.	3	280	Fernam d’Alvarez
248	Oct.	4	281	Fernam d’Alvarez
249	Oct.	10	282	Fernam d’Alvarez
250	Oct.	11	282	Fernam d’Alvarez
251	Oct.	11	284	Fernam d’Alvarez
252	Oct.	12	284	Fernam d’Alvarez
253	Oct.	21	286	Fernam d’Alvarez
254	Oct.	21	287	Pero Fernandez
255	Oct.	21	288	Fernam d’Alvarez
256	Oct.	22	289	Fernam d’Alvarez
257	Oct.	25	290	Pero Amrriquez
258	Oct.	29	291	Fernam d’Alvarez
259	Nov.	6	291	Fernam d’Alvarez
260	Nov.?	12	292	Fernam d’Alvarez
261	Jan.	3,1537	293	Fernam d’Alvarez
262	Jan.	3	294	Fernam d’Álvarez
263	Jan.	4	294	Fernam d’Alvarez
264	Jan.	5	295	Fernam d’Alvarez

265	Jan.	10	296	Manuel da Costa
266	Jan.	11	297	Fernam d'Alvarez
267	Jan.	11	298	Amrrique da Mota
268	Jan.	11	298	Fernam d'Alvarez
269	Jan.	13	299	Fernam d'Alvarez
270	Jan.	15	300	Fernam d'Alvarez
271	Jan.	18	302	Manuel da Costa
272	Jan.	26	302	Manuel de Moura
273	Jan.	29	303	Fernam d'Alvarez
274	Jan.	29	304	Pero d'Alcaçova Carneiro
275	Feb.	4	305	Fernam d'Alvarez
276	Feb.	5	307	Manuel de Pomte
277	Feb.	9	307	Fernam d'Alvarez
278	Feb.	11	308	Pero Amrriquez
279	Feb.	12	309	Fernam d'alvarez
280	Feb.	12	310	Manuel da Costa
281	Feb.	13,1537	310	Pero d'Alcaçova Carneiro
282	Feb.	14	311	Fernam d'Alvarez
283	Feb.	17	313	Fernam d'Alvarez
284	Feb.	17	314	Pero Amrriques
285	Feb.	18	315	Fernam d'Alvarez
286	Feb.	19	316	Pero d'Alcaçova Carneiro
287	Feb.	23	317	Fernam d'Alvarez
288	Feb.	24	318	Manuel da Costa
289	Feb.	24	319	Fernam d'Alvarez
290	March.	1	320	Fernam d'Alvarez
291	March.	1	321	Pero d'Alcaçova Carneiro
292	March.	2	321	Fernam d'Alvarez
293	March	6	322	Fernam d'Alvarez
294	March.	8	323	Manuel da Costa
295	March.	8	324	Fernam d'Alvarez
296	March	14	325	Pero Amrriques
297	March	16	326	Damiã Diaz
298	March	20	329	Fernam d'Alvarez
299	March.	23	329	Manuel da Costa
300	March	27	329	Domïgos de Payva
301	March	28	330	Manuel da Costa
302	March.	28	331	Manuel da Costa
303	April	7	331	Fernam d'Alvarez
304	April	11	333	Fernam d'Alvarez
305	April	12	334	Fernam d'Alvarez
306	April	20	335	Manuel da Costa
307	May	4	336	Pero Amrriquez
308	May	5	338	Pero Amrriquez
309	May	5	339	Fernã de Alvarez
310	May	5	341	Pero Amrriquez
311	May	6	342	Fernam d'Alvarez
312	May	11	342	Pero Amrriquez
313	May	11	343	Fernam d'Alvarez
314	May	12	344	Fernam d'Alvarez
315	May	14	344	Fernam d'Alvarez
316	May	17	346	Pero Amrriques
317	May	22	347	Fernam d'Alvarez
318	May	28	348	Pero Amrriquez
319	May	29	349	Fernam d'Alvarez
320	June	5	350	Pero Amrriques
321	Sept.	22	351	Pero d'Alcaçova Carneiro
322	Sept.	26	356	Pero d'Alcaçova Carneiro
323	Jan.	30,1541	357	Fernam d'Alvarez
324	Feb.	1	358	Fernam d'Alvarez

325	Feb.	3	359	Fernam d'Alvarez
326	Feb.	5	360	Fernam d'Alvarez
327	Feb.	5,1541	361	Fernam d'Alvarez
328	Feb.	14	361	Fernam d'Alvarez
329	Feb.	19	362	Pero d'Alcaçova Carneiro
330	Feb.	23	363	Fernam d'Alvarez
331	March	2	364	Fernam d'Alvarez
332	March	7	365	Fernam d'Alvarez
333	April	13,1545	367	Fernam d'Alvarez
334	April	22	367	Fernam d'Alvarez
335	June	1,1548	368	(não consta o nome do copista)
336	June	15	369	(não consta o nome do copista)
337	Feb.	26,1550	369	Antonio Ferraz
338	April	8	370	(não consta o nome do copista)
339	April	9	371	(não consta o nome do copista)
340	Nov.	11	371	Amdre Soarez
341	Nov.	16	372	(não consta o nome do copista)
342	Nov.	23	373	(não consta o nome do copista)
343	Nov.	29	374	(não consta o nome do copista)
344	Dec.	3	375	Andre Soarez
345	Feb.	5,1551	376	Andre Soarez
346	Feb.	10	376	Andre Soarez
347	Feb.	12	377	Adriam Lucio
348	Feb.	13	378	Andre Soarez
349	Feb.	18	378	Manuel da Costa
350	Feb.	22	379	Adriam Lucio
351	Feb.	26	379	Adriam Lucio
352	Feb.	26	380	Antonyo Ferraz
353	Feb.	26	381	Antonyo Ferraz
354	Feb.	26	382	Adriam Lucio
355	Feb.	27	382	Adriam Lucio
356	March	3	383	Antonio Ferraz
357	March	3	384	Antonyo Ferrão
358	March	5	384	Amtonio de Mello
359	March	6	385	Adriam Lucio
360	March	9	385	Andre Soarez
361	March	12	386	Adriam Lucio
362	March	12	387	Adriam Lucio
363	March	12	388	Amdre Soarez
364	March	12	388	Andre Soarez
365	March	13	389	Amtonio de Melo
366	March	14	389	Amdre Soarez
367	April	14	390	Antonio Ferraz
368	April	22	390	Adriam Lucio
369	Nov.	19	391	(não consta o nome do copista)
370	Feb.	20,1557	392	Manuel Fernandez
371	(no date)		393	Rey
372	June	22 (no year)	394	Rey

Dados da Autora

Possui graduação em Letras com Inglês pela Universidade Estadual de Feira de Santana (1988), mestrado em Letras e Linguística (1996) pela Universidade Federal da Bahia, doutorado em Linguística (2005) e pós-doutorado em Linguística de *Corpus* (2010) pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é Professora Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde coordena o projeto CE-DOHS – Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (FAPESB), disponível em <www.uefs.br/cedohs>, e atua como Membro Permanente no Mestrado em Estudos Linguísticos e do Profletras, na UEFS. É Membro Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, participando como coordenadora do Banco Informatizado de Textos do Programa para a História da Língua Portuguesa (BIT-PROHPOR/UFBA), disponível em <http://www.prohpor.org/bit-prohpor>. Integra também a equipe de pesquisadores do Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro (PHPB)/*Corpora* Bahia, disponível em <https://sites.google.com/site/corporaphpbba/?pli=1>. Possui diversos livros, capítulos e artigos publicados.

Endereço eletrônico: zenaide.novais@gmail.com.

A autora Zenaide Carneiro se baseia na sua dissertação de Mestrado, defendida em 1996 – *Os verbos de padrão especial no português do século XVI*. Neste **estudo** utiliza como *corpus* básico a *Obra Pedagógica* de João de Barros, de 1540, e as *Cartas de D. João III*, de 1523 a 1540, ou seja, na totalidade da edição utilizada. Como *corpus* de confronto, utiliza os dados do português arcaico, publicados por Rosa Virgínia Mattos e Silva nos seus livros de 1989 e de 1994. Como quadro teórico-metodológico de análise, serviu-se de propostas de Mattoso Câmara Jr., adotadas para o português arcaico por Rosa Virgínia Mattos e Silva. Os verbos de padrão especial, tradicionalmente designados de irregulares, estão agrupados em quatro subgrupos: *a*. os verbos que apresentam variação no lexema das formas do não-perfeito e têm um lexema específico para as formas do perfeito (subgrupo mais complexo); *b*. os que apresentam lexema invariável para as formas do não-perfeito e têm lexema específico para as formas do perfeito; *c*. os verbos que apresentam variações nos lexemas do não-perfeito, sendo o lexema das formas do perfeito a variante mais generalizada do lexema do não-perfeito; *d*. os verbos de particípio passado especial, chamado de particípio forte. Na análise de seus dados, detecta 23 itens verbais de padrão especial nos três primeiros grupos. Apresenta, em esquemas e quadros, todas as variantes, inclusive as gráficas, que encontrou nesses 23 itens verbais. Destaca, ainda, em quadro, os verbos de particípio forte encontrados no seu *corpus* quinhentista. Compara seus resultados quinhentistas com dados do português arcaico, organizados do mesmo modo que aqueles e, por fim, destaca e discute as mudanças que ocorreram do período arcaico nos meados do século XVI. Na sua conclusão, apresenta as diferenças entre as duas sincronias, que, indicam mudanças de perda, no sentido da regularização, de lexemas de verbos de padrão especial do período arcaico para o moderno, decorrentes de mudanças fônicas e analógicas. Destaca, por fim, que verbos do subgrupo *a*, o mais complexo, são aqueles que apresentaram maior regularização. Este **estudo**, tal como a dissertação de Mestrado da autora, apresenta uma análise sistemática, rigorosamente quantificada, que é, certamente, uma contribuição nova para o conhecimento do tópico focalizado, nesses períodos passados da língua portuguesa, além de mostrar que recursos teórico-metodológicos utilizados na análise da sincronia atual do português são válidos para abordar dados do passado (...).

Texto extraído de O Português quinhentista: estudos linguísticos/Rosa Virgínia Mattos e Silva; Américo Venâncio Lopes Machado Filho (Orgs.). Salvador: EDUFBA: Feira de Santana: UEFS, 2002, p. 23-24.

Produzida há precisamente vinte anos, sob a orientação da renomada pesquisadora e linguista histórica brasileira Rosa Virgínia Mattos e Silva, com coorientação da também expoente gerativista Ilza Maria Ribeiro, e defendida no Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia, a dissertação de mestrado intitulada *Os verbos de padrão especial no português do século XVI*, de que deriva este livro, vem preencher uma lacuna bibliográfica importante, cuja publicação se fazia há muito necessária, com vistas ao melhor conhecimento da trajetória histórica de constituição da língua portuguesa, sobretudo no que concerne a aspectos verbais. Com *corpus* de pesquisa baseado na *Obra pedagógica de João de Barros*, em que se inclui a gramática da língua portuguesa, primeira obra normativista publicada na historiografia linguística do português, editada por Maria Leonor Buescu (1971), e nas *Cartas de Dom João III*, edição de Ford (1931), discute a autora as características funcionais dos verbos em um momento histórico bastante especial para os estudos diacrônicos em língua portuguesa, quando transitava a "última flor do Lácio" – não ainda a que se viria apelidar na contemporaneidade como "a de Camões", não tão "inculta", mas sempre "bela", que se diga, – entre a fronteira taxionômica que viria dividir o período arcaico do moderno do português.

Salvador, outubro de 2016.
Américo Venâncio Lopes Machado Filho
Professor Associado de Língua Portuguesa/ Universidade Federal da Bahia

ISBN:978-85-5592-076-9